

REVISTA MENSAL

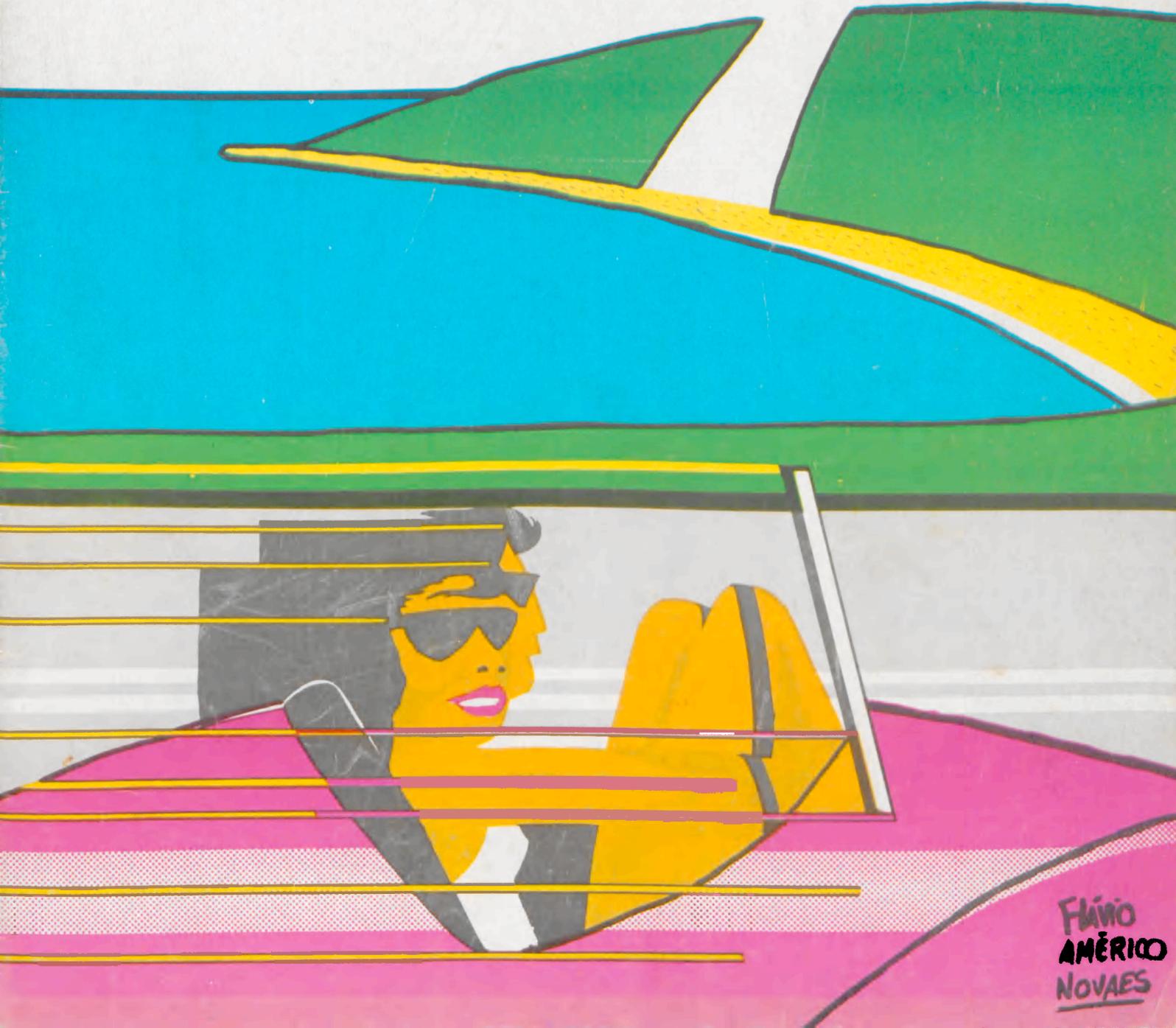
RN / ECONÔMICO

ANO XIII — N.º 132 — JUNHO DE 1982 — Cr\$ 250,00

Chega ao
fim paz
na UFRN

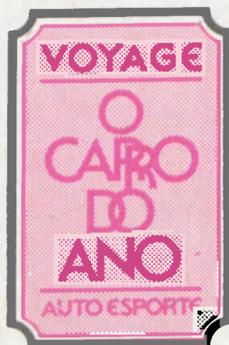
Feminismo
está em
alta no RN

A DOCE VIDA NA CIDADE SOL



FAVIO
AMÉRICO
NOVAES

SE VOCÊ JÁ TEM O CARRO DO ANO, PARABÉNS. SE AINDA NÃO TEM, VENHA CONVERSAR COM A GENTE.



Você, que é dono de um Voyage, pode ir se preparando para os cumprimentos, abraços e elogios de todo mundo.

Agora você é nada mais nada menos que o dono do Carro do Ano: pessoa avançada, elegante e inteligente, pois soube escolher

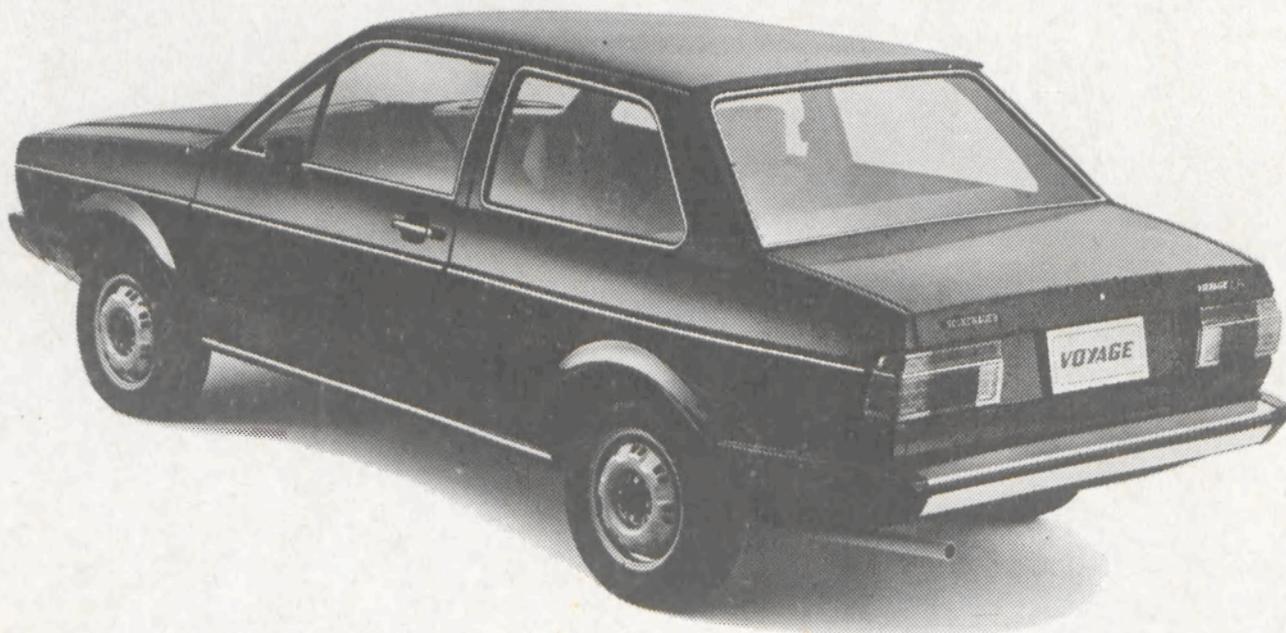
o carro certo. E, cá entre nós, até que é

gostoso ouvir elogios da boca dos outros, não é mesmo?

Mas para quem ainda não tem o Carro do Ano, nós temos uma boa notícia: apareça em nossa loja, e nós vamos dar um jeito de você sair com o seu Voyage ainda hoje. Planos, facilidades e financiamento é o que não falta.

Basta dizer como você prefere pagar e pronto.

Pessoas com bom gosto, aqui em nossa loja, não pedem... mandam!



Tavares de Lira, 159
Pte. Sarmiento, 592

MARPAS S.A.



ÍNDICE

CIDADE

Feminismo ganha terreno de campanha em campanha	14
Farmácia Natal mantém sua tradição	18
Camelôs estão livres até novembro	20
Finsocial, esperança do BDRN. ...	24
Publicidade: mercado em definição	26
Candidatos preparam suas equipes	31
Indefinição confunde eleitores. ...	36
Currículo, questão controversa ..	40
Paz no Campus está difícil	42
Táxis: entre conversão e financiamento	48
Seguro contra incêndio pode ser menor	50
Gasolina prejudica hotéis	51
Jesiel: luta pelo teatro	53

ESTADO

Bolsões, a nova esperança	30
Desempregado cada vez mais na baixa	34

REGIÃO

Edson: empresas continuam	59
Suapec: progresso x ecologia	57

SEÇÃO

Homens & Empresas	4
-------------------------	---

ARTIGOS

Manoel Barbosa	7
Cortez Pereira	35
Franklin Jorge	56
Rosemilton Silva	62

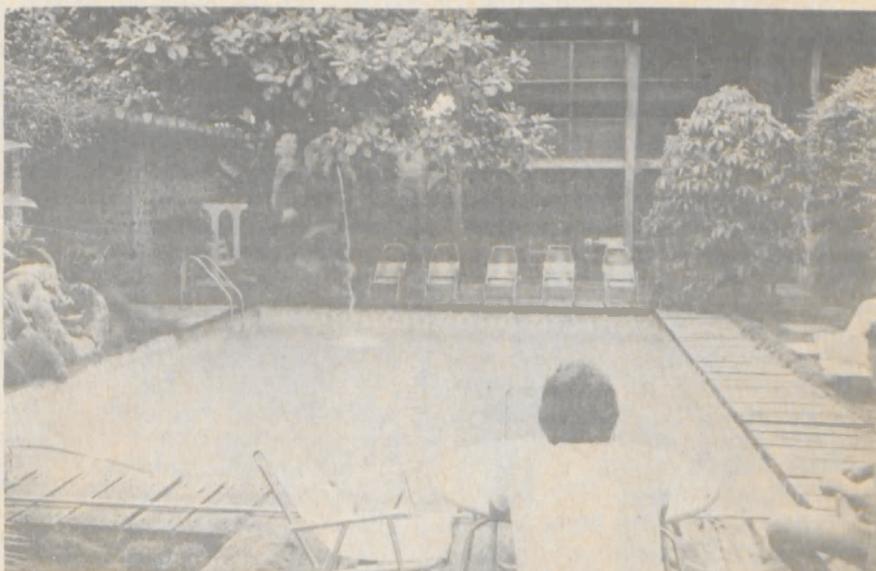
HUMOR

Cláudio	60
---------------	----

CAPA

Flávio Américo

ESPECIAL



Natal, naturalmente, tem a sua doce vida. Qual a cidade que não tem? E a doce vida só pode ser cultivada, com todos os seus requintes, como é claro, pela chamada "alta sociedade". Fala-se, em muitos lugares, sobre a "doce vida" de Natal. Mas, no depoimento dos cronistas especializados, há muitos exageros. Porque a vida na alta sociedade da capital potiguar é relativamente simples, resume-se mais a jantares, porque é uma sociedade que mora bem. (Pág. 8).



Naturalismo

Alimentação natural já não é simples modismo, tema para conversas ou bandeira de contestação, em Natal. Já existem três restaurantes e uma loja especializada. (Pág. 43).



Relaxar

De repente, a Yoga substitui o remédio controlado e os antidistônicos, também em Natal. E executivos e damas preocupadas frequentam as academias para relaxar. (Pág. 15).

RN ECONOMICO

REVISTA MENSAL • ANO XIII • N.º 132 • JUNHO/82 • CR\$ 250,00

DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira
DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

REDAÇÃO

DIRETOR DE REDAÇÃO: Manoel Barbosa

ARTE E PRODUÇÃO

CHEFE: Eurlly Morais da Nóbrega

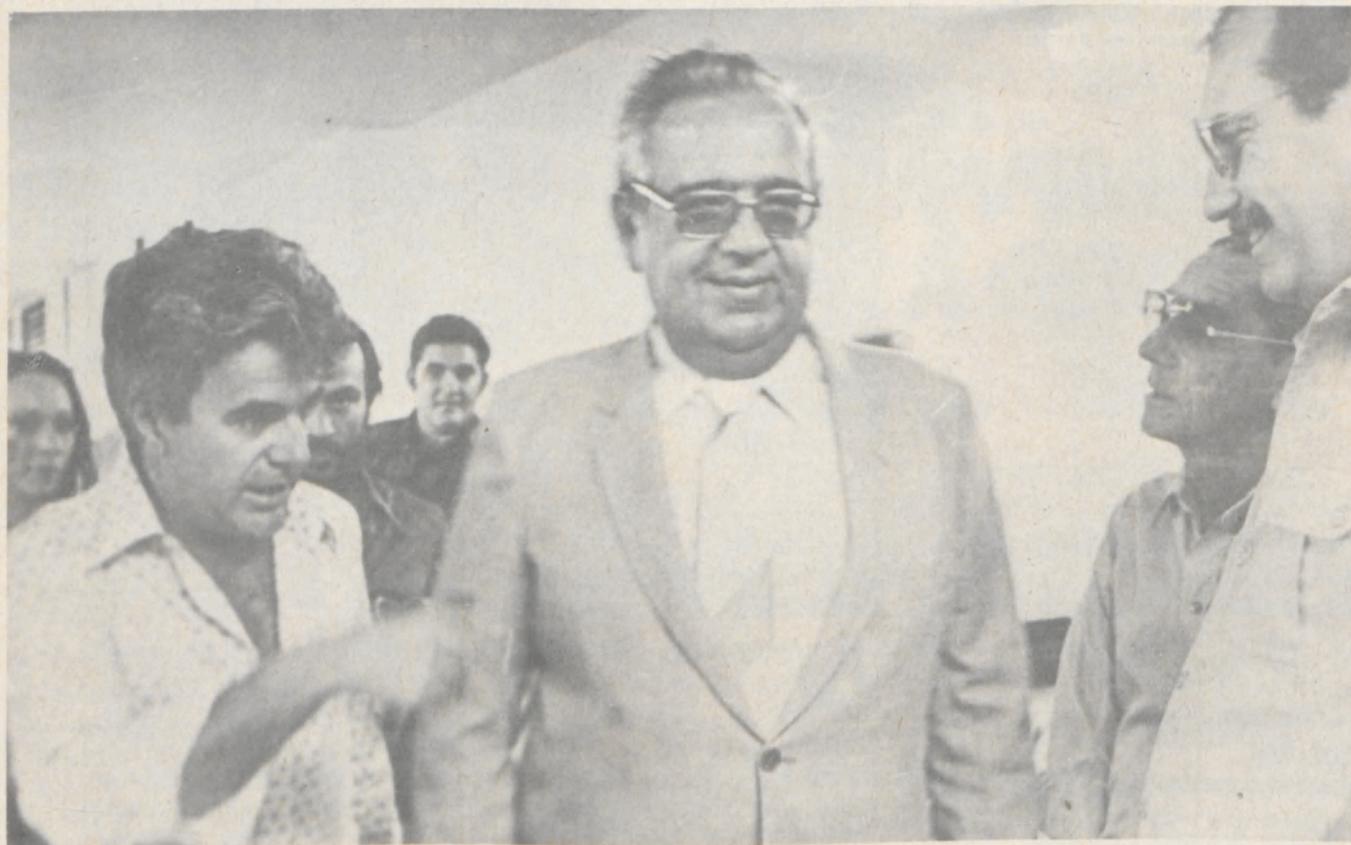
PROGRAMAÇÃO VISUAL: Moacir de Oliveira
DIAGRAMAÇÃO: Francisco Enéas Peixoto
FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Paulo de Souza
GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em

assuntos sócio-econômicos do Rio Grande do Norte é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Telefone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 250,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 3.000,00. Preço do número atrasado: Cr\$ 500,00.



REUNIÃO DE GERENTES DO BNB —

Empresários do Estado, sob a liderança do Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte, Fernando Bezerra, aproveitaram a presença do Presidente do Banco do Nordeste do Brasil em Natal, Camilo Calazans, para a entrega de um memorial com reivindicações para mais crédito. O memorial foi entregue no dia 17 de junho e pede: 1) estabelecimento pelo Banco do Nordeste do Brasil de uma linha especial de financiamento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias, extra-limite e mediante desconto de promissórias e duplicatas, com o objetivo de reforçar o capital de giro das empresas, linha esta que deverá ser operada por todas as agências do Estado;

2) ampliação do volume de recursos destinados a aplicação da Instrução n.º 695, visando beneficiar mais intensamente à pequena e média indústria local; 3) autorização para um novo e substancial aporte de recursos às agências da Capital e do Interior para fazer face a uma elevação do volume de desconto de duplicatas; 4) adotar providências no sentido de acelerar o processo de criação e instalação da agência metropolitana do Banco do Nordeste do Brasil em Natal.

★ ★ ★

PRONTO SOCORRO DE ENFERMAGEM FAZ CONVÊNIO COM EMPRESAS — O primeiro Pronto Socorro de Enfermagem de Natal, que se instalou recentemente na avenida Rio

Branco, 834, está agora firmando convênio com as empresas natalenses que desejem estender esse tipo de serviço aos seus funcionários, tanto no horário de trabalho, como fora dele, através do atendimento a domicílio. Aplicação de injeções, curativos de emergência, verificação de pressão e hidratação venosa, são alguns dos serviços prestados pela unidade aos seus associados.

★ ★ ★

SIC PROMOVE ENCONTRO COM EMPRESÁRIOS POTIGUARES

— Com data ainda a ser confirmada, a Secretaria de Indústria e Comércio — SIC —, promoverá nesse mês de julho o II Encontro com Empresários Norte-riograndenses que tenham Projetos ou

Cartas-Consulta em avaliação na Sudene. O objetivo, conforme adiantou o Secretário Jorge Ivan, é levantar todas as pendências, percalços e dificuldades que estão havendo com esses projetos. A secretaria espera, ainda esse ano, promover mais dois Encontros desses, de forma que “um maior número de projetos sejam aprovados ainda esse ano no Rio Grande do Norte”, adiantou o Secretário Jorge Ivan.

★ ★ ★

BAMERINDUS TAMBÉM EM NATAL — O Bamerindus é mais uma organização bancária de grande porte do País que inaugurou agência em Natal e já está atuando.



EXPORTAÇÃO DE ARTESANATO — Em recente viagem aos EEUU, a Secretária Marlúzia Saldanha, de Trabalho e Bem-Estar Social, firmou contrato de exportação com a **PRIMEX DO BRASIL** com vigência até março de 83 no valor mínimo de 500 mil dólares. A exigência maior do contrato é fornecimento de entrançados em palha. Com isso a STBS dará a garantia de trabalho para 1.500 artesãos até março de 1983. O Rio Grande do Norte passa a ser o primeiro Estado da Federação a ter contrato dessa magnitude com intervenção do Ministério do Trabalho.

★ ★ ★

ASSISTÊNCIA TÉCNICA — A EMATER participa do **PROVÁR-ZEA** com todos os seus escritórios estruturados e 20 técnicos preparados para o atendimento dos interessados na obtenção de recursos. Com isso o Presidente Gilzenor Sátiro, diz que até final de 82 mais de 500 hectares de terras vazantes estarão irrigadas. O trabalho da empresa é de orientação na captação de recursos do programa e assistência técnica.

★ ★ ★

JUNTA COMERCIAL REGISTRARÁ EMPRESAS EM FERNANDO DE NORONHA — Dado ao interesse de se investir na Ilha Fernando de Noronha, o Departamento Nacional do Registro do Comércio baixou Portaria no sentido de atribuir e responsabilizar a Junta Comercial de Natal proceder a todas solicitações de registros comerciais de empresas instaladas, ou que venham a se instalar no Território Federal de Fernando de Noronha. A propósito do assunto o Secretário de Indústria e Comércio, Jorge Ivan, e o Presidente da Junta, Antônio Fernandes, na primeira quinzena desse mês de julho, irão até aquela Ilha em avião especial da FAB, cedido por cortesia pelo **CATRE**.

★ ★ ★

PROJETO DE CORTEZ PEREIRA SERÁ APRECIADO PELA SUDENE — O Projeto Agro-Pecuário Fazendas da Serra S/A — **FASER** —, do ex-Governador Cortez Pereira deverá ser aprovado no terceiro trimestre deste ano pelo Conselho Deliberativo

da Sudene. O projeto objetiva a pecuária de corte e será implantado no município de Campo Redondo, onde o ex-Governador costuma passar seus finais-de-semana.

★ ★ ★

MAIOS CATALINA INTERESSADO NO ESTADO — O grupo fabricante dos Maios Catalina, de Petrópolis-RJ, está interessado em investir no Rio Grande do Norte e para tanto pediu informações ao Governo a respeito de alternativas a lhe ser ofertadas. O interesse do grupo em instalar no Estado uma fábrica de confecções e, quase certamente, dos maios que fabrica.

★ ★ ★

VILANI COM A REVENDA GM DE MOSSORÓ — J. Vilani, empresário de automóveis em Currais Novos, homem de negócios bem sucedido, acaba de comprar a revenda Chevrolet de Mossoró. Aduauto Medeiros, titular de J. Irinaldo & Cia., firma concessionária da General Motors, passou adiante o negócio de carros e caminhões e alugou ao próprio Vilani as instalações completas da avenida Presidente Dutra. Aduauto vai se dedicar aos empreendimentos agropecuários — 3 fazendas de gado no Maranhão — e negócios particulares.

★ ★ ★

FAZENDA PAU D'ÓLEO NA PAUTA DA SUDENE — Entrou na pauta e foi aprovado na última reunião do Conse-

lho Deliberativo da Sudene, dia 29 passado, em Paulo Afonso, o Projeto da Agro-Pecuária Pau D'Óleo, que atuará na pecuária de corte. Enquanto isso, os Projetos da Verona Têxtil S/A, do Grupo Verona de São Paulo, e o da Agro-Pecuária Taipu, só serão apreciados pela Sudene na pauta do mês de julho.

★ ★ ★

SECRETÁRIO BAIANO PROFERIU PALESTRA EM NATAL — Atendendo convite da Associação dos Geólogos do Rio Grande do Norte, esteve em Natal no último dia 17 o Secretário de Minas e Energia da Bahia, Paulo Souto, e proferiu palestra na Companhia de Desenvolvimento Mineral — **CDM** —, quando falou sobre política mineral. O tema foi considerado interessante pela assistência.

INDUSTRIÁRIOS POTIGUARES NO ENCONTRO EM FORTALEZA — O IV Encontro dos Industriários do Norte e Nordeste, a ser realizado em Fortaleza de 21 a 24 de julho próximo, levará daqui do Estado representantes sindicais, além de industriários, designados pelas Diretorias de suas empresas, é o que informa o Presidente da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Rio Grande do Norte, Pedro Ricardo. Durante os trabalhos será debatido o tema "Problemática Trabalhista e Previdenciária". Natal, Mossoró, Areia Branca, Currais Novos, Macaíba e Ceará Mirim enviarão representantes.



A VIAÇÃO NORDESTE TAMBÉM TESTOU E COMPROVOU

Radial de Aço da Goodyear é mesmo mais do que pneu

Os ônibus da Viação Nordeste rodam, por mês, milhares de quilômetros. Só mesmo mais do que um pneu para aguentar. Faça como a Nordeste e outras grandes empresas de transportes: use, teste e comprove o Radial de Aço da Goodyear. Em Natal, DUAUTO PNEUS dispõe da mais completa linha de pneumáticos da Goodyear, dispondo ainda de completa assistência técnica.

DUAUTO PNEUS

Rua Presidente Bandeira, 1244
Fone: 223-4402 e 223-3137 — Natal/RN

IMPOSTOS RELÂMPAGOS

MANOEL BARBOSA

Neste mês de junho os empresários despertaram para uma nova realidade: vão ser gravados, de uma forma ou de outra, com os custos das eleições de novembro. Apresentando a situação de outro modo, diríamos que os empresários passaram a verificar que vão ser chamados mais diretamente a participar dos custos do processo eleitoral de uma maneira a que não estão acostumados.

É uma constatação desagradável neste mês frio e de incertezas.

O empresário, como representante do poder econômico, sempre participou dos custos do processo eleitoral onde quer que ele ocorra, como se sabe. Isso é uma norma, porque, nas campanhas eleitorais, são os empresários que formam os grupos de sustentação econômica para o apoio a este ou aquele candidato. Empresário lida com dinheiro, com capital e, como é óbvio, nessas ocasiões lhe é facultado o legítimo direito de dar respaldo ao candidato que lhe pareça mais capaz de implantar um clima propício ao desenvolvimento econômico e de estímulo aos negócios. E uma campanha eleitoral exige dinheiro, porque, no regime da livre empresa, todos os serviços são pagos: escritórios de divulgação, mão-de-obra especializada, impressos, produção e veiculação de publicidade, etc.

O que há de novo, agora — talvez porque as eleições, com o porte atual, sejam algo de novo no processo de abertura — é o detalhe da compulsoriedade. No caso, o empresariado perde um pouco — e em certas oportunidades muito — a liberdade de optar na aplicação do seu apoio. Os restos de autoritarismo do Poder Central ainda funcionam como elemento poderoso no processo das eleições diretas e, em assim sendo, esse Poder não hesita em recorrer aos instrumentos de que dispõe para beneficiar-se na disputa de novembro.

O Finsocial não é outra coisa que um desses instrumentos. Ele foi usado com rapidez, um certo tom de implacabilidade e, de um dia para o outro, lá estava o empresariado com a obrigação de pagar 0,5% do seu faturamento bruto em mais um imposto que passou a vigorar quase no mesmo dia em que foi anunciado sem que ao menos se soubesse como ele poderia ser pago.

A finalidade do Finsocial, eufemismos à parte, é político/eleitoral. São recursos que o Governo Federal pretende amealhar e que somam mais de dez vezes o orçamento fiscal do Rio Grande do Norte. São recursos que vão ficar sob seu inteiro e severo controle, sob a

rígida batuta do Ministro Delfim Neto, seguro e insensível a quaisquer apelos.

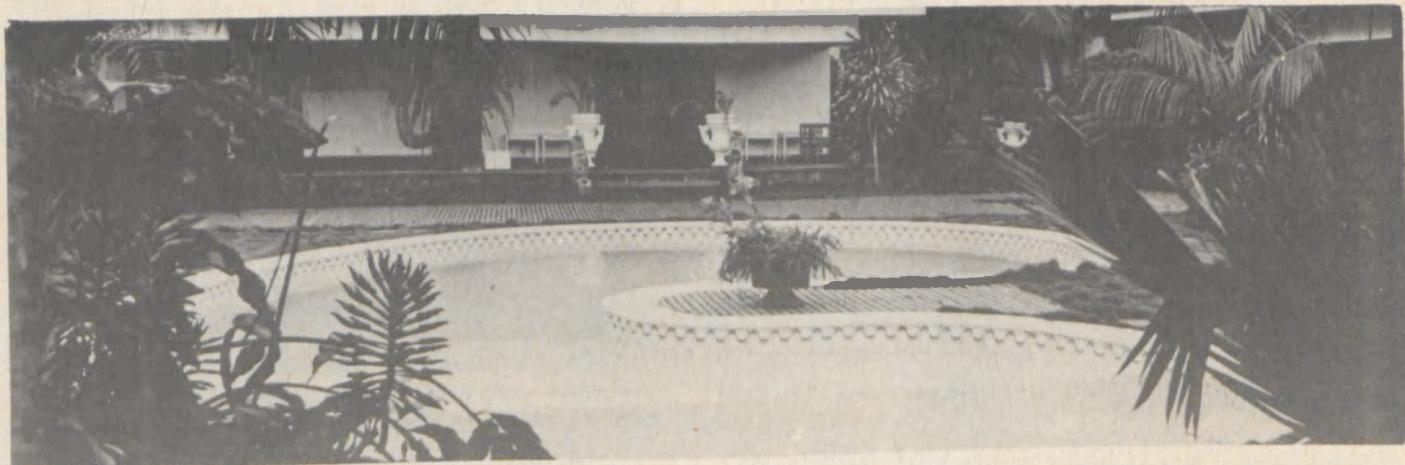
Como foi fartamente noticiado, o Governo Federal pretende, com o Finsocial, realizar programas de cunho social. Tudo certo. Mas, afora esse lado formal das notícias, sabe-se também que esse programa é apenas um de uma série de “projetos de impacto” com finalidades propagandísticas. E, em sucessivas declarações, o Ministro Delfim Neto deixou bem claro que o Governo usará a sua faculdade de decretar o pagamento de novos impostos quantas vezes achar necessário. Como, em meio a essas declarações, ele disse que o Governo não cria programas sem ter como gerar recursos e como sabe que a capacidade de endividamento da União está totalmente esgotada, a dedução é inquietantemente elementar: vem mais coisa por aí. Até novembro vem, porque — outro sintoma — o Ministro não se faz de rogado quando dá entrevistas sobre o que ele acha ser “exigência” do empresariado.

Amarrando tudo: o empresário, quer seja governista ou não, vai ser convocado de muitas formas a “financiar” a campanha do Governo — uma parte da campanha — nas próximas eleições.

O empresariado está apreensivo. E apreensivo não com o detalhe de apoiar ou não o Governo, mas com a maneira fulminante como essas decisões estão sendo tomadas. Essa a razão maior de inquietação. Não há empresário que possa dormir tranquilo ou se disponha a fazer planejamentos a longo prazo num clima de permanente incerteza, quando pode ser taxado de um minuto para o outro sem ser consultado ou sequer receber um simples aviso pelo Correio.

Esse sentimento de incerteza tem sido uma norma, nos últimos anos, no mundo dos negócios. Agora, agravada com essa nova sistemática de impostos relâmpagos. Mas, antes, existindo por força de medidas normativas tomadas de um momento para o outro, como a limitação dos financiamentos, arrocho do crédito, modificações no mercado de capitais, etc.

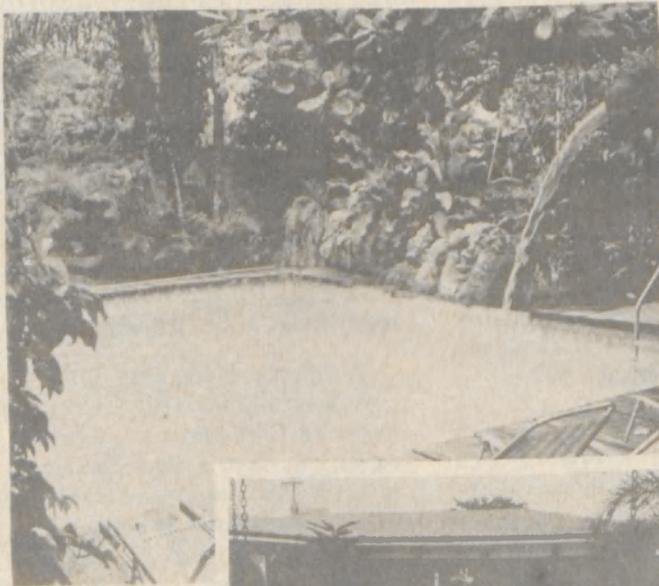
Agora, choca-se incerteza com incerteza e a inquietação se transforma em perplexidade. Afora esses compromissos compulsórios, é natural que os empresários têm o seu direito de escolha quanto aos outros candidatos e também se disponham a participar da campanha de forma “espontânea”. Isso criará a ambígua situação do financiamento duplo, de um lado e do outro, sendo que num deles de forma indireta — o que, mesmo nas eleições diretas do Governo Figueiredo, será ainda um forte traço do ranço antigo.



Morar numa casa de nível, receber bem: símbolo de status em Natal

Doce vida na Cidade Sol

Natal não é uma sociedade de milionários, isso é certo. Mas é uma cidade, conforme a opinião unânime de visitantes bem viajados, onde muita gente vive como milionário. A interpretação, certa ou não, criou jurisprudência — algo como cria a fama e deita-se na cama. E Natal ficou conhecida Brasil afora como uma cidade com o sol o ano inteiro e um ritmo de vida eternamente “doce”, uma espécie de Paris sem inverno e jovem. Como toda fama, essa também tem seus exageros. Mas tem seu fundo de verdade porque, se não tivesse, não teria dado origem a tantas histórias. O balanço final entre as lendas e a realidade, de qualquer forma, apresenta Natal como uma cidade onde, efetivamente, há um gosto todo especial para viver bem. Claro que em todas as cidades há o desejo de viver bem. Mas na capital do Rio Grande do Norte, por uma série de circunstâncias especiais — entre elas a geográfica — o viver bem é cultivado com uma ênfase especial, é um estilo normal de vida e não, como nas outras cidades,



Casas de bom gosto: normal

um derivativo ou fuga das tensões. Não é sem razão que, vez por outra, artistas, poetas e escritores que poderiam estar bem situados em grandes centros do País deixam tudo e voltam a se acomodar nesta ensolarada faixa avançada do Atlântico.

Mas como vive a sociedade de

Natal? Isto é: o que tem de especial nesse modo de viver da sociedade natalense a ponto de criar todo um vasto cabedal de histórias sobre as delícias da sua rotina?

Entre as muitas explicações de gente que conhece essa sociedade, colhidas por RN/ECONÔMICO, uma parece sintetizar bem parte substancial do que seria uma razão global:

— O comportamento da sociedade natalense é um reflexo da própria bondade e descontração do povo potiguar.

Foi uma opinião do cronista Paulo Macedo, do Diário de Natal, conhecedor qualificado das pessoas e dos hábitos da sociedade de Natal. Outros jornalistas e observadores igualmente qualificados ajudaram a compor outros aspectos do quadro real. Um quadro que, de algum modo, se ajusta à fama e, em parte, às lendas mas, ao mesmo tempo, desmente as fantasias generalizadas. Porque, na realidade, a sociedade natalense é apenas um grupamento humano que vive de acordo com as próprias características sócio-econômicas da cidade, naturalmente passível de virtudes e defeitos e que se beneficia — daí a fama da terna doce vida — de uma economia e de um sistema social sem grandes tensões e ainda não tocado pelas neuroses e angústias dos grandes centros. Dentro desse universo específico, essa sociedade, sem dúvida, sabe tirar suas vantagens, sem pressa, sem angústias, vivendo realmente bem.

A chamada "alta sociedade"

de Natal tem uma característica marcadamente especial: gosta de morar bem. Poderia parecer óbvia essa afirmação: todo rico gosta de morar bem. Mas os especialistas em "gente bem" vêem as coisas com mais sutileza. Morar com luxo e ostentação, segundo tais especialistas, não significa exatamente morar bem, assim como ingerir grandes

quantidades de alimentos não traduz um estado de boa alimentação e nem vestir roupas caras quer dizer elegância. Por isso eles dizem que os bem aquinhoados pela vida cultivam, em Natal, um gosto muito apurado com a casa. Um gosto que, dizem eles, chama a atenção de visitantes acostumados a moradias de alto nível em Rio, São Paulo e Salvador ou Recife.

E não é um gosto que tenha motivo no baixo custo das moradias. Um apartamento de dois quartos na Tijuca, no Rio, custa quase o mesmo preço de um apartamento do mesmo nível no bairro de Lagoa Seca, em Natal. A diferença está em que, no Rio e em São Paulo, dentro da área urbana, já não é possível construir casas como as que ainda são construídas na zona sul de Natal porque o preço do metro quadrado do terreno não permite. Porém os especialistas do grande mundo social têm explicações mais simples. Diz Jota Epifânio, colunista do jornal Tribuna do Norte e há mais de 20 anos acompanhando a vida social do Rio Grande do Norte:

— A alta sociedade de Natal gosta muito de receber para jantares. A maior parte da vida social de Natal, na área mais nobre, tem como centro jantares e recepções nas casas mais conhecidas. O hábito de jantar em restaurantes ou a frequência a boates

Maria Elenir da Fonseca Varella



Maria Pessoa de Oliveira

não é muito cultivado.

UM MODO DE VIDA — É uma parte da explicação. Jota Epifânio, repórter social em tempo integral, fala com segurança porque ele é um ob-

servador atento e minucioso dos hábitos da sociedade natalense:

— A nata dessa sociedade — acrescenta — também não frequenta mais clubes sociais. Já houve a fase do clube social em Natal, mas ela

passou. Hoje, esses clubes estão praticamente parados. Os representantes da alta sociedade comparecem, ainda hoje, eventualmente a um clube social quando há um show especial com um grande artista por ocasião de alguma festa beneficente promovida por clubes de serviço — Lions, Rotary — ou entidades assistenciais.



J. Epifânio

COMÉRCIO & SERVIÇO

MUSTACHE
Cabelejeiros
Cortes • Massagens
Alisamento • Limpeza de
Pele • Trat. Anti-Caspa
Manicure • Engraxate



**MUSTACHE
CABELEIREIROS**

Galeria do Edf. Barão do Rio Branco,
Loja 4 • Fone: 222-6571 • Natal-RN.



AEROTUR TURISMO
AEROTUR
Natal-RN

Viagens personalizadas, nacionais
e internacionais
Agência especializada em serviços
internacionais

- Carga aérea internacional
- Filiada à EMBRATUR e I.A.T.A.

Rua Apodi, 563 - Tels.: 222-6128/3569/2974

**ASSISTENCIA
TÉCNICA**

IBM
OLIVETTE
PROLOGICA
MAQVETTI



Rua General Osório, 222 — Tel.: 222-5343
Natal-RN



Instaladora e Refrigeração Ltda.

Rua Frei Miguelinho, 90 - Natal-RN

A ASSISTENCIA TECNICA CONSUL-BRASTEMP.

Tels.: (084) 222-3825/8383

**MOLAS ZITO COM.
LTDA.**



**Molas, Feixe de Molas
e Acessórios**

**ESPECIALIZAÇÃO EM
Reforço para Caminhões**

Av. Prudente de Moraes, 1471 Tel.: 223-1565
NATAL-RN.

**LAVE O CARRO
EM 8 MINUTOS**



POSTO 1003

Av. Bernardo Vieira, 1455 — Tel.: 231-2562

- Esquadrias de alumínio;
- Box para banheiro em alumínio fosco ou brilhante;
- Assistência técnica permanente.



**METALÚRGICA
UNIAO LTDA.**

R. Alexandrino de Alencar, 660 — Tel.: 223-3404
Av. Hermes da Fonseca, 614 — Tel.: 222-7470



**IRRIGAÇÃO COM
QUEM ENTENDE**

E quem entende do assunto, em todo o Estado, é mesmo a Agromáquinas, que dispõe de uma equipe técnica capacitada para elaborar projetos de irrigação industrial e comercial com total garantia.

A Agromáquinas comercializa também produtos veterinários e material agrícola em geral.

AGROMÁQUINAS

Rua Presidente Bandeira, 853 - Alecrim
Tel. 223-1028 Telex 0842364 - 223-1340

O NORDESTE PRECISA PROGREDIR

**AUTO
LOCADORA**

D U D U

Alugue um carro novo
com ou sem motorista

- Av. Rio Branco - 420 - Centro
 - Box Aeroporto Internacional Augusto Severo
- Fones: 222-4144/222-0501
223-1106/272-2446 - Natal-RN

Isso não quer dizer, contudo, que essa sociedade viva confinada em casa. Ou limite-se a um eterno vai-e-vem entre uma casa de amigo e outra, num longo ciclo de jantares e recepções fechadas:

— Não é bem assim — nota o cronista — pois essa sociedade às vezes também comparece a promoções. Como as minhas por exemplo, ou a de colegas, com o intuito de prestigiar. E uma parte dela também vez por outra frequenta uma boate que está em moda, por achar mais aconchegante.

No momento, Epifânio considera como uma das boates da moda o Club Seti. Mas vaticina para o clube privado "Royal Salute", que está sendo implantado por um grupo do Recife, o destino de ser o ponto de convergências da "gente bem" de Natal, por se tratar, segundo ele, de um empreendimento de alta categoria e se constituir, realmente, numa novidade na vida social da cidade:

— Como será um clube privado, haverá também a natural seleção da frequência — lembra Epifânio.

SOCIEDADE ABERTA — Não que a sociedade — a alta sociedade — da



Hilneth Correia Santos

capital potiguar tenha aquelas características de grupo fechado, quase esotérico. O próprio Jota Epifânio — que conhece o mundo social de quase todo o Brasil — não acha isso:

— Sinceramente — afirma — eu não acho que essa sociedade tenha preconceito.

Há evidências de que, pelo menos, não há esse preconceito de forma acentuada e de que ele não se constitui numa norma. O próprio Epifânio é um jornalista que ganhou prestígio

com a sua constância no trabalho e solidificou a sua posição com base nesse trabalho e não em credenciais de nascimento.

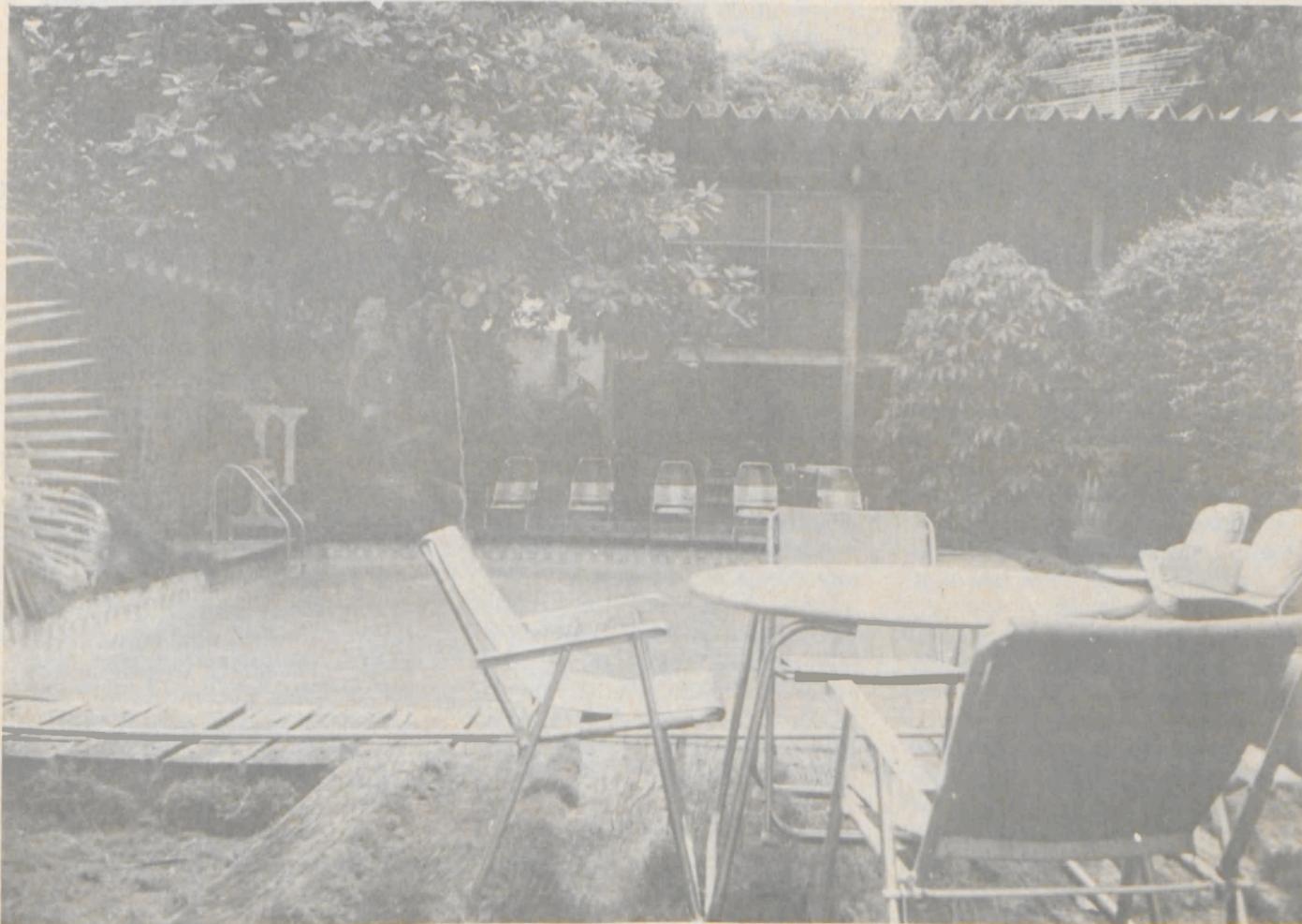
Paulo Macedo, outro conhecedor qualificado dessa sociedade — também por força das suas atividades como jornalista — reforça essa opinião. Ele considera esse grupo social bastante receptivo.

Essa falta de preconceito não é ilimitada, porém. Nem recente. Pois nem sempre a "gente bem" de Natal foi tão tolerante e descontraída socialmente.

O TABU DA VIRGINDADE — Um exemplo que não deixa boas recordações é de Hilneth Correia, que hoje é uma ativa colaboradora de Jota Epifânio e ensaia passos também no campo empresarial. Ela conta:

— Eu já fui vítima do preconceito da sociedade de Natal. Hoje, sou mãe solteira duas vezes: a primeira, vítima das contingências e a segunda por opção.

E as duas situações em que Hilneth foi mãe ilustram as diferenças por que passou a mentalidade da sociedade local. Ela lembra que da primei-



ra vez em que foi mãe solteira foi agredida por causa do seu comportamento:

— Lembro bem — conta ela — que minha filha tinha acabado de nascer. Eu ainda estava naquelas primeiras emoções. Foi então que recebi uma carta da direção do América pedindo a minha carteira de sócia e me considerando “persona non grata” no clube. Foi um choque muito grande.

Um choque tão grande que, segundo ela conta, nem o diploma de socióloga serviu para ampará-la e ajudá-la e recompor seus passos numa sociedade que a condenara. Sentindo-se em condições de romper o que parecia ser um cerco de preconceitos, lembra Hilneth que “tive de sair de Natal e tentar a vida em outro Estado”.

Voltou, anos depois. Teve outro filho — “desta vez por opção”. E a reação da sociedade foi completamente diferente, aceitando o seu comportamento sem a menor restrição.

Mesmo na fase anterior, no entanto, Hilneth ressalva que “não foram todas as pessoas que se portaram assim comigo”.

— Hoje, por exemplo — diz ela — não acredito que uma mãe solteira seja mais considerada “persona non grata” no América ou em qualquer outro clube social da cidade.



Maria José Santos Gurgel

ACESSO FÁCIL — As marcas do golpe no passado foram apagadas tão rapidamente que Hilneth Correia diz, hoje, a propósito da sociedade de Natal:

— É uma sociedade engraçada. Qualquer pessoa tem acesso fácil a ela. Primeiro, naturalmente, porque Natal é uma cidade pequena e essa aproximação se torna mais fácil.

Mas observa que há, ainda assim,



Letícia Galvão Ferreira de Souza

OS “COLUNÁVEIS”, SEGUNDO A OPINIÃO DOS CRONISTAS

Mesmo numa sociedade simples, que faz questão de viver bem mas sem ostentação e concentrando a sua rotina social em recepções particulares, há os “colunáveis”. Ou os “destaques”, como costumam dizer os cronistas sociais. Esses “destaques”, no caso de Natal, não incluem as personalidades, matematicamente, no rol das mais robustas contas bancárias. Os cronistas — como Jota Epifânio — notam que uma boa parte das pessoas que constam das relações obrigatórias são empresários do setor industrial. Mas nem sempre. Há casos como Francisco Porto (e sua Leda), que vive de rendas

e investimentos e é uma dessas figuras expressivas da sociedade natalense, segundo o consenso dos cronistas e, com sua esposa, forma um casal dos mais requisitados.

Também não são só os homens ou os casais que chegam ao umbral dos destaques. Hilneth, nesse particular, destaca a figura de Leda Trindade Porto Filho, que ela considera “um símbolo de mentalidade aberta” no contexto da sociedade natalense. Além de atuante, é evidente.

A CONSTELAÇÃO — A constelação dos “colunáveis” é composta, no seu todo, por um elenco de

nomes com um núcleo fixo e uma órbita variável, segundo a temporada. Além dos empresários da indústria, também comandantes de unidades militares são citados com frequência pelos colunistas pois, em Natal, eles participam muito das atividades sociais. Os colunistas, por sinal, têm um termo curioso para classificar os mais ativos participantes desses ciclos: “festeiros”. É apenas uma classificação profissional, com um sentido simpático, de modo a distinguir melhor, no seu próprio universo de trabalho, as pessoas que se constituem mais em fonte de notícia e informação.



Marisa de Souza Motta

um certo desejo natural por informações quando "um estranho" se aproxima de um círculo conhecido:

— Surgem logo perguntas como "você é filho" de quem? Essas coisas. Mas não são perguntas de caráter inquisitório.

Agora, no que se refere a situações como aborto, liberdade sexual para as moças solteiras e homossexualismo, Hilneth tem opiniões ponderadas a respeito do grau de aceitação

da sociedade de Natal, de como ela, no momento, absorve tudo isso. Diz:

— Podemos dizer que ela aceita em tempos. Ou seja: ninguém tem preconceito contra isso ou aquilo... desde que não atinja a nenhum membro da família.

De uma certa maneira — ou mesmo de maneira direta — isso quer dizer que a sociedade natalense, no fundo, é realmente conservadora. E um sinal é, segundo Hilneth, o grande número de casamentos entre jovens que têm ocorrido nos últimos anos. Casamentos apressados, evidentemente, para evitar constrangimentos.

É compreensível. Por mais que se mostre descontrainda, essa sociedade ainda está presa a raízes muito provincianas, mesmo se mostrando aparentemente liberal. Até o desquite/divórcio também não é absorvido com tanta facilidade como se supõe. Da divorciada sempre fica uma certa desconfiança, uma certa aura de imponderabilidade, conquanto seja razoável o número de separações e, agora mesmo, segundo os comentários "qualificados", duas figuras muito conhecidas da sociedade natalense estejam tratando do divórcio.

COMPORTAMENTO VARIADO

— Mas são coisas da sociedade e, como dizia Ibrahim Sued, "em sociedade tudo se sabe". E especial-

mente numa sociedade como essa que não é fechada, não é ciosa das suas particulares, não forma grupos muito íntimos:

— O comportamento da sociedade potiguar, nos grandes grupos sociais, é o mais variado possível — é a opinião do cronista social, também muito experimentado, Adalberto Rodrigues.

Com isso ele quer dizer que não há um padrão fixo, uma regra de conduta firmemente traçada. Mas concorda com os outros que os "grupos mais fechados" não gostam muito de sair de casa, preferindo as recepções particulares:

— São poucos, na realidade, os casais que vão a clubes, com exceção das festas de personalidades e as promovidas por cronistas sociais — nota Adalberto.

Para ele, a movimentação nos clubes, boates e nas "serestas nos hotéis e alguns restaurantes" fica por conta dos grupos sociais da classe média.

No capítulo "seresta", há uma particularidade, pois todos os observadores da sociedade de Natal vêem um sintoma de "amor pelo antigo", um sentido que Hilneth chama de "onda de nostalgia". Ou de saudosismo. E tanto é assim que ela está aproveitando para promover festas nas boates com o clima dos anos 60 □

A lista pessoal de Jota Epifânio, o mais antigo dos cronistas, é muito grande e diversificada. É uma lista que ele apresenta sempre com muito cuidado, muita cautela, porque tem receio de alguma omissão. São listas, claro, no sentido simbólico, porque não há nada escrito, nada anotado. Funciona apenas a memória para as citações. A memória e o hábito. Nessas condições, o antigo e atuante cronista vai citando figuras "exponenciais" da sociedade natalense, com algumas características. Como, por exemplo: engenheiro Luiz Alves Flôr/Tuisa Shelmann; Sydney Gurgel/Ana Carmelita, esta considerada uma das mulheres mais bonitas da sociedade potiguar; Ronald Gurgel/Maria José Santos; Reginaldo Teófilo/Clotilde; Arnaldo Gaspar e Denise — que dispõem de um bellissimo apartamento de 1 andar, em

plena Vieira Souto, no Rio de Janeiro e, quando estão em Natal, recebem na cobertura do Chácara 402; Miguel Oliveira/Maria Pessoa Oliveira; brigadeiro Murillo Santos/Nazaré; Almirante Dimas Coelho/Adelaide; Ezequiel Ferreira/Leticia Maria; José Ronaldo Cavalcanti/Teresa; Augusto Carlos Viveiros/Graça; médico Luiz George de Bulhões/Gerusa; arquiteto Ayrton Vasconcelos/Mirna; Jessé Freire Filho; Gilisa (ela, da sociedade carioca, filha do presidente do Grupo da Casa das Banhas, mulher belíssima e que promove intenso intercâmbio de convidados do Rio, valendo, aqui, dos serviços da banqueteira Inez Motta); Roberto Varela/Maria Elenir; José Gondim e Wanda; Haroldo Azevedo/Ana Lúcia; Flávio Azevedo/Maria Lúcia; Manoel Etelvino Medeiros/Cecília; Jussier Santos/Carmem.

A lista não é completa, é evidente. Epifânio acrescenta que muitos desses casais, além de receberem em casa, têm excelentes casas de praia, como Haroldo Azevedo. E a praia preferida — "a mais chic, do momento" — é Jacumã, vindo em segundo lugar Muriú.

— São casais que, pelo estilo de vida, pelo bom gosto, também recebem muitos convites para outros Estados — nota Epifânio.

Adalberto Rodrigues, por sua vez, acrescenta a essa lista os nomes do casal Antônio Palmeira, que tem bela mansão em Nova Descoberta; Abdon Gosson e Grácio Barbalho.

O casal Mozart Romano, também é considerado como "festeiro", no sentido típico de Natal e muito simpático.

Feministas ganham terreno de campanha em campanha

“A partir da década de 60, passamos a ter mais amiúde notícias sobre manifestações de mulheres em prol de várias reivindicações da classe. Nos Estados Unidos, por exemplo, americanas queimaram sutiãs nas ruas, gritando por liberdade. Outras notícias nos chegam de novos movimentos de mulheres não só nos EUA, mas também na Europa, onde tais manifestações vinham se processando em termos mais radicais, desde simples reivindicações de trabalho, até o manifesto organizado por Simone de Beauvoir, no início da década de 70, na França, em favor do aborto, tendo, todavia, como premissa, a li-

EMANUEL BARRETO

Feminino Feminino, Editora Universitária, 1981, Natal).

A advertência da americana, já lá se vão quase 11 anos, parece ter boa receptividade junto às militantes do grupo Mulheres em Luta, que, atuando em Natal e cidades próximas à capital, procura, segundo garantem as participantes, conscientizar a mulher quanto à sua necessidade de participar de transformações sociais, pressionando e reivindicando. A feminismo, sutil desdobramento da expressão movimento de mulheres, seria, dizem elas, “uma perspectiva

um grupo feminista.

QUEIMAR SUTIÃ — A advogada Rossana Sudário, de 25 anos, tipo *mignon*, descasada, um filho, foi quem fez as considerações iniciais a respeito do feminismo no Estado, para em seguida advertir que “mesmo assim, não existe, digamos, uma consciência da mulher no Rio Grande do Norte sobre seus direitos, a respeito do seu trabalho, lutando por essa mudança de relacionamento homem-mulher”. Apesar disso, anima-se ante a perspectiva do crescimento do movimento de mulheres: “A coisa já avançou muito. Nós já conseguimos fazer, ano passado, o 1 Encontro da Mulher Natalense, com a participação de 800 mulheres”, número que a anima a continuar com a mobilização.

Também participante do Mulheres em Luta, 26 anos, com quatro de formatura em Engenharia de Alimentos pela Universidade de Campinas — Unicamp, São Paulo, Kátia Ferraz Santana é solteira e detalha: “Ainda



As feministas cada vez mais entusiasmadas nas Assembléias

bertação da maternidade. No ano seguinte, recebemos, no Rio de Janeiro, a líder feminista norte-americana Betty Friedan, que, indagada por um grupo de cariocas sobre as perspectivas de se iniciar o movimento no Brasil, ela foi contundente, quando disse que “não se pode falar em liberdade das mulheres, onde mulheres e homens vivem igualmente oprimidos”. (Socorro Trindad, em

de luta pela emancipação da mulher, pela mudança no relacionamento homem-mulher”, mas admitindo: “Nesse sentido, a gente vê que, realmente, a coisa em termos de movimento feminista a coisa ainda está muito incipiente. Está começando agora. Temos um grupo que está em formação, mas, aqui no Estado, a coisa está crescendo”. Tanto é, que, em Mossoró, já se discute a formação de

existe gente que não gosta de se assumir enquanto feminista. Ainda têm aquela idéia de que ser feminista é você queimar sutiã em praça pública, é você combater o homem, é você querer a supremacia. Eu acho que isso aí é uma concepção ultrapassada: hoje em dia, o que a gente entende como feminismo, é um movimento de emancipação da mulher, e de participação igualitária da mulher na socie-

dade”.

Apesar de reconhecer importância na mobilização das mulheres para o debate da realidade geral da sociedade, Kátia prefere “organizar as mulheres para discutir principalmente seus problemas específicos”, mesmo admitindo que o custo de vida deve ser visto como uma questão de alta relevância para todos os segmentos da sociedade, mas que poderá ser encampada por outras organizações, como sindicatos e partidos políticos, sem qualquer detrimento ou menosprezo pela proposta: “O problema de luta contra a carestia, por exemplo, é um problema de luta de homens e de mulheres”.

O mesmo, contudo, não ocorre quanto a questões como a violência contra a mulher, a luta por salários iguais aos dos homens, por creches, com destaque especial a uma questão: “A exigência de um programa real de planejamento familiar”, segundo ainda entende Kátia, fazendo questão de enfatizar o assunto: “É preciso que a mulher se empenhe em ser esclarecida a respeito de todas as alternativas que ela tem para a contracepção, e que não venha a ser um laboratório de experimentação de anticoncepcionais”.

Defensora dos postulados do Partido dos Trabalhadores, Rossana é a favor da tese de que as mulheres engajadas ao movimento podem ter, enquanto pessoas, ligações com siglas políticas, sem que isso implique num comprometimento da entidade feminista com as agremiações registradas junto ao Tribunal Superior Eleitoral, já que o movimento quer livrar-se de qualquer limitação à sua autonomia, o que obviamente ocorreria, em função do programa partidário, abrangente e diretivo.

Contudo, faz questão de advertir que, mesmo desvinculado de partidos, o movimento tem, a nível de desdobramento de suas ações, um comportamento político típico ao reivindicar igualdade de salários, por exemplo. Assim, advoga que, até nisso, há validade na proposta.

OCORRÊNCIAS ABORTIVAS -- Kátia, por sua vez, foi chamada a falar sobre a questão do aborto, afirmando, logo ao início, que não poderia dar uma posição definitiva, em termos do posicionamento final do Mulheres em Luta, simplesmente pelo fato de que tal definição ainda não ocorreu, com divergências



Explicando tais colocações, detalhou que em princípio não postula-se contra o aborto, pelo fato de que já é largamente praticado: só que as mulheres que têm recursos, têm clínicas especializadas e cuidados médicos, enquanto as de menor renda, submetem-se às fábricas de anjos, com sérios riscos à saúde, circunstância que a leva a defender a legalização do aborto. Desenlinhando ainda mais seus conceitos, diz que a legalização implicará na criação de normas jurídicas que virão a regulamentar a prática do aborto, garantindo à mulher todo o aparato médico necessário à operação, enquanto a descriminalização implicará tão-somente na liberação desenfreada, com resultados sociais danosos, teme.

A questão da responsabilidade quanto às ocorrências abortivas, quer Kátia, deveria recair sobre o Estado, que, fazendo cumprir legislação específica, assumiria o ônus com a operação, “principalmente da mulher trabalhadora”, mas com uma advertência: “Jamais como método contraceptivo. O aborto deve ser o último recurso, para uma mulher que sofreu uma gravidez indesejada. Antes da legalização do aborto, deve existir um programa de amplo esclarecimento

entre as propostas e entendimentos. Expondo um ponto de vista pessoal, comentou que “hoje em dia, a gente já começa a ver que o próprio discurso social começa a levantar a questão do aborto”, para em seguida supor que o momento atual seria o antepasso “para a legalização ou descriminalização do aborto”.

das massas, sobre o uso dos anticoncepcionais”.

As filigranas do assunto são tais, que chegam ao ponto de lembrar que a opção pelo aborto deve ficar à deliberação da mulher, já que é ela quem arca com as maiores responsabilidades na criação dos filhos, com um detalhe que considerou importantíssimo: a responsabilidade profissional do médico quanto ao sucesso da intervenção, e que o aborto seja praticado até o terceiro mês de gestação. Alertou, contudo, para outro ponto do problema: que as empresas tenham creches, a fim de que, com o aborto legalizado, não venha a transformar-se em mais uma forma de opressão de classe, com os patrões obrigando funcionárias a abortar, a fim de não recolher o salário-família, ou liberar a licença à gestante.

A DIVISÃO — O movimento de mulheres, entretanto, não está unido, a respeito das propostas essenciais, como Rossana admite: “A divisão sempre houve. Ela ocorre a partir da visão que se tem sobre como deve se dar a organização das mulheres, e sobre o que é prioritário, nessa organização de mulheres. A meu ver, a divisão estava ocorrendo há bastante tempo, só que estava se conseguindo alguma unidade, a respeito de determinadas coisas”. Citando o I Encontro da Mulher Natalense, dia 13 de dezembro de 81, disse que o racha já era patente, alargando-se mais dia 7 de março último, quando ocorria a primeira reunião visando a organização do I Encontro da Mulher Potiguar, cuja proposta resultara do Encontro da Mulher Natalense, aprovando o mês de agosto como data a realizar-se a mobilização. Um setor dissidente, afirmou, insistia no mês de maio como o período mais propício, mas tal colocação não prosperou, havendo então a fatal divisão de águas em março.

Detalhando, disse que tanto a pro-

posta de maio, como a criação de uma Federação da Mulher, no mesmo mês, haviam sido rejeitadas, ainda em dezembro passado. A situação radicalizou-se, ao ponto do grupo divergente retirar-se, cantando hinos e palavras de ordem, contra a mesa e o plenário, contrários à tais propostas, conta Rossana, lembrando o fato ocorrido na Associação Norte-riograndense de Imprensa — ANI.

O centro da questão, recorda, é que enquanto o seu grupo entende que há questões estritamente ligadas à mulher, “problemas que as mulheres enfrentam, em razão do seu sexo: violência, violência sexual e discriminação no emprego”, os setores divergentes pretendem compor as mulheres em favor das lutas mais gerais da sociedade, “quando” — argumenta — “questões como a carestia e a Previdência, já estão sendo levadas pelos sindicatos e pelos partidos políticos”.

Intervindo, Kátia assegurou que, mesmo assim, seu grupo enfrenta as divergências politicamente, “submetendo-se às decisões da maioria, o que não foi o caso dessa dissidência. Nós participamos da comissão do Encontro Estadual, porque foi uma decisão do Encontro da Mulher Natalense. Se nós tivéssemos perdido a fixação de que a data não fosse em maio, mas em agosto, estaríamos participando também, porque nos submeteríamos à decisão da maioria”.

Quanto ao Congresso para a Criação da Federação da Mulher, disse que seu grupo não aceita tal entidade, e indicou que, mesmo antes de sua realização, uma publicação já anunciava as decisões e o estatuto. Recusando-se a admitir a suposição de que as dissidentes estariam dando uma prova de vitalidade, ao criar uma entidade federativa, contou Kátia que o Mulher em Luta, conta com o apoio de expressivos setores sociais, como o Partido dos Trabalhadores e

o Departamento Feminino do PMDB, sindicatos da cidade e do campo, para afinal garantir que “o tempo vai provar a ilegitimidade da Federação”.

O SEXO DE EINSTEIN — Mudando de assunto, Rossana Sudário girou a conversa para o lado da opressão sexual, estimando que, apesar de em muitas oportunidades haver a exploração da mulher por um homem socialmente melhor posicionado, há, na realidade, uma ação dominadora sobre o sexo feminino, mesmo admitindo-se que a filha do patrão, ou sua própria mulher, sofram pressões bem mais atenuadas que as impostas à operária ou qualquer outro tipo de atividade trabalhadora. Entende, enfim, que há o duplo privilégio: de sexo e de classe, ou, pelo menos, de sexo sobre sexo.

Da mesma forma, recusa-se a aceitar a colocação de que “feminista é feia e mal-amada”, a partir do inesperado argumento de que quanto ao homem não há esse questionamento, já que ninguém antepôs a Einstein, por exemplo, a suposição de que ele tinha tal acuidade de raciocínio pelo fato de ser feio, ao passo que as feministas recebem constantemente tapas desse teor, disse.

Aprofundando a abordagem lamentou o destino das mulheres trabalhadoras, que, após toda uma jornada, ainda têm de suportar o mandonismo do amo, que, mesmo ocupando igual posição social, obriga a companheira à sobrecarga dos serviços domésticos, quando, desejaria, o casal deve unir-se nas agruras de preparar comida e cuidar das crianças.

Voltando novamente a opinar, Kátia Santana acrescenta um dado que considera como importante: ao pagar menos à trabalhadora, o patrão consegue dividir a classe operária, transferindo para o homem uma superioridade de sexo, passando o trabalhador a funcionar inconscientemente



VENCEDOR
é café puro

Colorau Coração de Ouro Creme de Milho PL

Rua dos Paianazes, 1490 — Tels.: 223-4400/4401 — Alecrim — Natal-RN.



O feminismo é vibrante nas manifestações

como um representante das categorias dominantes, ao oprimir sua companheira. Esta, além de ganhar salário inferior, termina funcionando como "exército de reserva", para circunstancialmente aviltar o mercado de mão-de-obra, ameaçando os homens de demissão, sob pena de serem substituídos por mulheres, ganhando menos.

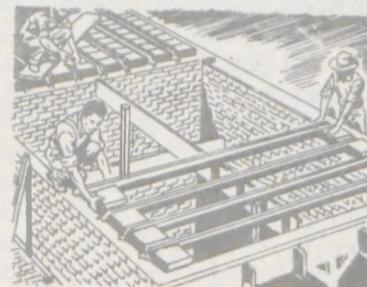
Quanto ao problema de mulheres mortas por maridos traídos, a "legítima defesa da honra", o assunto recebeu um firme repúdio, com a defesa da afirmativa de que ninguém é propriedade de ninguém. Quanto à possibilidade do movimento feminista vir a ser, no fundo, uma ação reacionária, na medida em que as mulheres estariam reivindicando para si as posições adotadas secularmente pelos homens, a fim de repetir o papel, disse Kátia:

"Em hipótese alguma. A contradição principal que nós sofremos na

sociedade é uma contradição econômica". Após elaborar tal raciocínio, lembrou que há teorias que indicam ter surgido a dominação sobre a mulher conjuntamente com o parto da sociedade de propriedade privada, em que o homem ia ao trabalho, acumulando mercadorias, que têm valor de troca, enquanto as companheiras ficavam em casa, executando tarefas que tinham valor de uso: "A partir daí, teria começado a opressão da mulher". Continuando, disse entender que, na medida em que a mulher evolui em reivindicações, aparando as arestas sociais, está unicamente contribuindo para a formação e consolidação de uma sociedade mais justa: "Eu vejo que, quando mulheres e homens tiverem os mesmos direitos; quando mulheres e homens tiverem a mesma participação na sociedade, essa sociedade será melhor: e quem sairá perdendo não serão os homens, mas as classes opressoras". □



economia,
simplicidade
e qualidade.



Com Lajes VOLTEARRANA você ganha tempo e dinheiro na sua construção. E tem a garantia de uma qualidade mundialmente reconhecida.



A SACI fabrica e mantém um estoque permanente de lajes e pré-moldados de cimento para pronta entrega.



Rua Pres. Bandeira, 828 — Fones:
222-1543 — 222-4677 — 222-3513
Av. Rio Branco, 304 — NATAL-RN

Você comprou
forropacote, divisória divilux,
piso paviflex, esquadria de
alumínio, box p/banheiro e
não consultou a Única Metal,
você PERDEU DINHEIRO.

Única Metal
fones: 222-0200 - 222-7957
Org. FERNANDO BEZERRIL

Tempo não abala a tradição da antiga Farmácia Natal

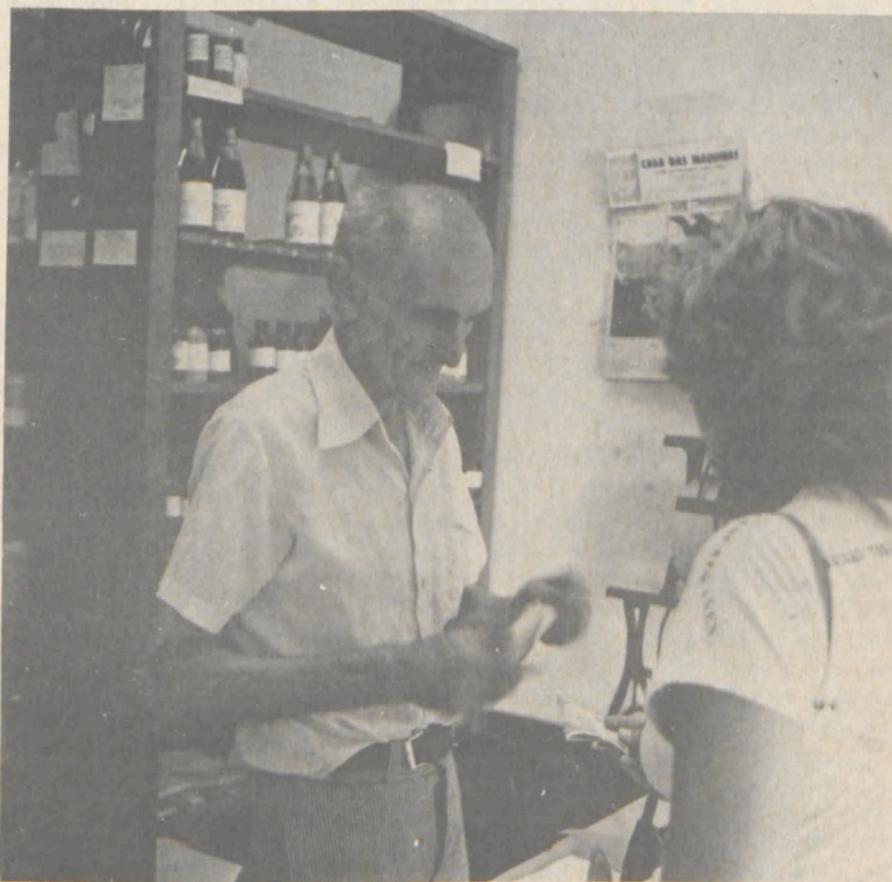
Resistindo como pode às intempéries do tempo, ao avanço tecnológico da indústria farmacêutica e, conseqüentemente à corrida desenfreada às drogarias, a "Farmácia Natal" continua, teimosamente, resistindo. Localizada na rua Vigário Bartolomeu, quase esquina com a Ulisses Caldas, ela é a única especialista em aviamento de receitas na cidade.

Escuro, de ambiente acanhado mas acolhedor, o cliente sente, logo no primeiro olhar pelo seu interior, que o progresso da tecnologia farmacêutica ali não chegou. As prateleiras, duas ou três, não conseguem esconder a pobreza e humildade do ambiente. Nelas estão algumas dezenas de frascos contendo fórmulas químicas preparadas por seu experiente e fiel companheiro de longos anos, o sr. João Dias de Araújo, de 67 anos de idade.

Aliás, humildade é o que não falta a João Dias, pois da mesma maneira como atende a médicos, dentistas, advogados, jornalistas e juizes de direito aposentados, também avia receitas para pessoas pobres e humildes como ele. E o que não falta na sua "Farmácia Natal" é gente do povo que busca nas suas fórmulas a esperança — perdida nas drogas — de curar problemas surgidos na pele ou nos olhos, como foi o caso do surto de conjuntivite que grassou em Natal.

CARRANCUDO — Assim como tudo na vida tem a sua história, a "Farmácia Natal" também tem a sua, feita de muita luta e sacrifício. E foi com bastante sacrifício que João Dias iniciou, ao lado de um primo, Augusto Amanço Pereira, em 13 de janeiro de 1933, a sua carreira de prático em farmácia. E foi com o primo que ele aprendeu, com a segurança de quem pilota um possante avião, a aviar receitas.

"A Farmácia Natal", conta João Dias, deu os seus primeiros passos na rua Vigário Bartolomeu, numa casa vizinha ao atual Cartório Distribuidor, mudando-se depois para um imóvel mais confortável, localizado na esquina da Ulisses Caldas com a



João Dias: a prática de preparar fórmulas

Bartolomeu. Com uma certa tristeza, Dias diz que problemas outros nos obrigaram a deixar esse prédio e alugou uma casa na mesma rua a uns dez metros da Ulisses Caldas. Mas a freguesia, fiel, nos acompanhou".

Carrancudo, mas acessível, João Dias vai explicando ao repórter, sem deixar de atender aos fregueses, a sua prática na manipulação das fórmulas, ao mesmo tempo em que mostra as palmas das mãos queimadas pelos produtos químicos. E João revela, com tristeza, que 80 por cento dos sais estocados na sua farmácia não têm saída porque os médicos não têm o trabalho de formular.

CONJUNTIVITE — Há pouco mais de 30 dias um surto de conjuntivite tomou conta de Natal, registrando-se uma corrida violenta de pessoas contaminadas às clínicas oftalmológicas em busca de medicamentos e de atestados dispensando do

trabalho. A Secretaria da Saúde foi incapaz de dar assistência à população, mas sabe-se que o número de pessoas que contraíram a conjuntivite foi alarmante.

Para João Dias, com 49 anos de trabalho diário no aviamento de receitas, "muita gente procurou a Farmácia Natal desacreditada nos me-

dicamentos receitados pelos médicos". E João não fez por menos. Indicou a todos Água Bobinada, que serve, inclusive, como preventivo. Mas João Dias não consegue esconder uma ponta de orgulho quando revela que muitos médicos mandaram seus pacientes à Farmácia Natal comprar Água Bobinada para curar a conjuntivite.

Mas ninguém se engane. Não procure a Farmácia Natal à procura de drogas, pois João Dias as repele. Ele somente trabalha com manipulação de fórmulas para uso externo, talvez seja por isso que ele tenha resistido durante esses 49 anos de profissão, que lhe permitiram constituir família e financiar os estudos de suas duas filhas, uma médica e outra assistente social. Mas nenhuma quer saber da farmácia. Por isso, João diz, com tristeza, que a Farmácia Natal poderá fechar suas portas a qualquer momento: "Basta que eu feche o palito". □

Natalense já procura a yoga como recurso para relaxar

Natal já é uma cidade neurotizante? Parece que sim, se levarmos em consideração a quantidade de academias de ioga, de karatê, de judô, de saunas e de casas de massagens que se instalaram nos últimos anos na cidade. Cansado e estressado, o natalense procura refúgio em uma dessas academias para um relax e, através de exercícios físicos e mental ele esquece as preocupações de um dia agitado.

Mas de todas essas academias, o natalense tem dado preferência para a de Ioga, principalmente a da professora Marinete Flor, que fica na Campos Sales quase esquina com a Rua Apodi. Lá, mais de 80 pessoas, entre médicos, gerentes de bancos, advogados, professores e aposentados se entregam à Hakaiooga.

Segundo a professora Marinete Flor, ex-aluna de José Hermógenes, a Ioga é uma filosofia de vida prática, que faz unir as pessoas e deixá-las despreocupadas, passando a ter uma vivência melhor. Ela diz que a Ioga também atua no psíquico físico curando uma série de doenças, como nervosismo, coluna, stress, etc.

HAKAIOGA — Para a professora

Marinete Flor, a Hakaiooga são **asanas** que ajudam o equilíbrio da mente sobre o corpo ensinando aos praticantes a se desligarem das preocupações, ter mais fé em Deus imaginando sempre o melhor. Marinete acha que quando praticada em grupo, as pessoas se conhecem mais e não medem distância para ajudar umas as outras, "pois num mundo atribulado em que vivemos nós, praticantes de Ioga, achamos que a humanidade é boa e cada pessoa merece mais carinho e amor".

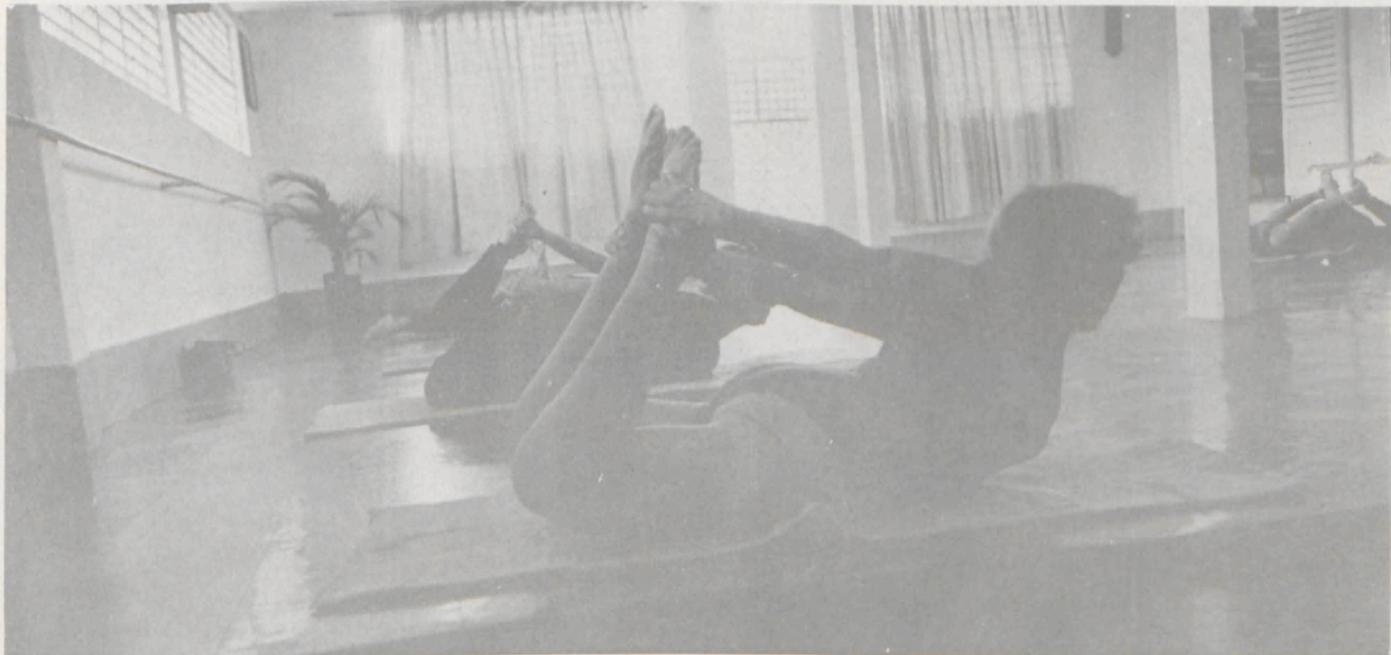
Num amplo salão da Academia, os alunos — a maioria mulheres —, recebem a orientação da professora de como exercitar o corpo para adquirir um maior equilíbrio, vencer a stress e a tensão nervosa. Cada aluno sabe que, ao entrar na Academia, deve levar em consideração os mandamentos da Ioga: superioridade da mente sobre o corpo; harmonia da ciência com a religião; chegar a Deus por qualquer caminho; vencer o mal com o bem; servir a humanidade com espírito de renúncia; e aprender a perdoar e a compreender.

DOENÇA — Uma das alunas, Janete Alves de Almeida, carioca, diz

que começou a praticar Ioga por recomendação médica, já que vivia com a saúde bastante abalada e por mais que tomasse remédios a doença não regredia. Janete faz Ioga há três anos, tendo iniciado no Rio de Janeiro, e nesse período todos os seus problemas com a saúde foram resolvidos o que a leva a se entregar por inteira à Ioga e não pensa em deixar tão cedo.

Além de Janete, a professora Marinete Flor explica que profissionais liberais, também com problemas de saúde, frequentam a sua Academia três vezes por semana, à noite. A professora diz que a turma da noite é a mais compenetrada, pois são gerentes de bancos que passam o dia inteiro lutando com títulos vencidos, com pedidos de empréstimos; são advogados que se desgastam nos tribunais defendendo seus clientes; são médicos que atendem a mais de 40 pacientes com a responsabilidade de curá-los.

Exaustas, essas pessoas procuram na Ioga o remédio para curar os males adquiridos numa cidade que tem um dos trânsitos mais desorganizados do Nordeste, onde o número de automóveis é alarmante e que, as pessoas vivem endividadas nos bancos para manter um padrão de vida acima das suas condições financeiras. Por isso, a professora Marinete garante que "na nossa Academia temos um cantinho todo seu, onde deixam de existir tristeza, ansiedade e frustrações. Tudo passa a ser paz e amor depois de um bom relax". □



A Yoga já tem grande procura em Natal: busca ao relaxamento

Camelôs até novembro. Depois, ninguém sabe



Sem fiscalização, a invasão foi tranquila...

Queda na arrecadação do Estado e do município é o que se pode esperar para os próximos meses e, em especial, em setembro e outubro, porque, como sabe, todo secretário da Fazenda, época de eleição é a mais ingrata para o Fisco. Nessa época, a

máquina fiscal é forçada a se humanizar para que o Governo não perca votos. Mas, nestas eleições, está ocorrendo um fenômeno novo no afrouxamento do sistema de fiscalização na área municipal, dentro desse processo de tolerância forçada. É com res-



... e agora é permanente

peito a presença, a cada dia mais acentuada, de vendedores ambulantes no Centro da Cidade e em locais anteriormente considerados tabus para este tipo de comércio. O Clube dos Diretores Lojistas já reagiu firmemente e enviou ofício à Prefeitura pedindo providências, a população da cidade que costumeiramente gravita pelo Centro envia reclamações aos jornais e estes — Diário de Natal e Tribuna do Norte — unem suas man-

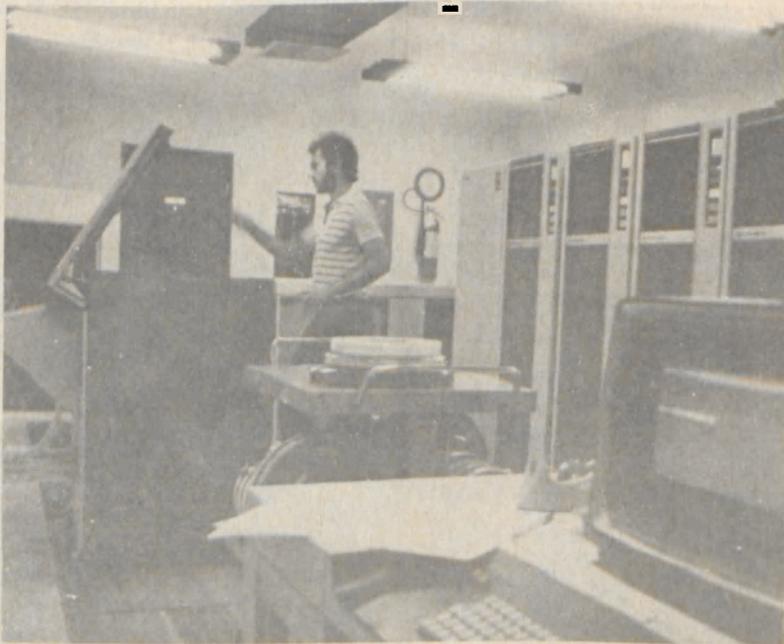
A informática já é uma realidade no Rio Grande do Norte. É a tecnologia eletrônica atuando nos mais diversos setores empresariais, com o processamento de dados para facilitar a informação de números e outros elementos essenciais aos executivos e dirigentes de empresas. É o RN integrado na era da cibernética com a sua primeira empresa de prestação desses serviços — SISTEMA SA PROCESSAMENTO DE DADOS criada em 1973, consolidada nos seus negócios oferecendo uma estrutura de computação que opera com eficiência e pode ser muito útil à sua empresa.

Informe-se sobre as alternativas oferecidas visitando-a nas suas novas e modernas instalações, ou solicite uma visita de um técnico.

SISTEMA SA PROCESSAMENTO DE DADOS LTDA.

Estrada de Ponta Negra, 1831
Capim Macio — Tels.: 231-4215 e 231-4890 Natal

COMPUTAÇÃO: ALTERNATIVA EMPRESARIAL PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS



chetes em protesto uníssono contra o que consideram uma invasão indisciplinada e insólita. Nada disso surte efeito.

Os técnicos fazendários e as equipes, que de uma forma ou de outra, têm interesses no bom funcionamento da fiscalização, conhecem perfeitamente a situação. Nenhuma campanha de limpeza rígida do Centro da Cidade poderá ser realizada, assim como, segundo um técnico fazendário, "quase nenhum auto de infração é lavrado contra quem for flagrado numa tentativa de sonegação de imposto, a não ser que sejam casos óbvios demais":

— Ninguém pode arriscar perder um apoio em véspera de eleição — diz ele.

A INVASÃO IRREVERSÍVEL — Os comerciantes do Centro estão assustados e "encostados contra a parede", segundo a expressão de alguns deles. A situação é delicada por diversos aspectos e foi equacionada do seguinte modo a **RN/ECONÔMICO**:

— Não queremos nos insurgir contra a Prefeitura. Não temos qualquer interesse em abrir arestas contra o



Poder Público. Mas também não podemos ver sem inquietação o que está acontecendo com as principais ruas do Centro de Natal. E o que mais nos preocupa é porque temos a forte impressão de que a invasão desses vendedores ambulantes é irreversível, o problema está criado para nunca ter mais solução.

As reações mais evidentes têm surgido através dos protestos do Clube dos Diretores Lojistas. Que, no entanto, não surtiram, até agora, nenhum efeito mais positivo do que a informação da Prefeitura de que o propósito, num prazo não muito lon-

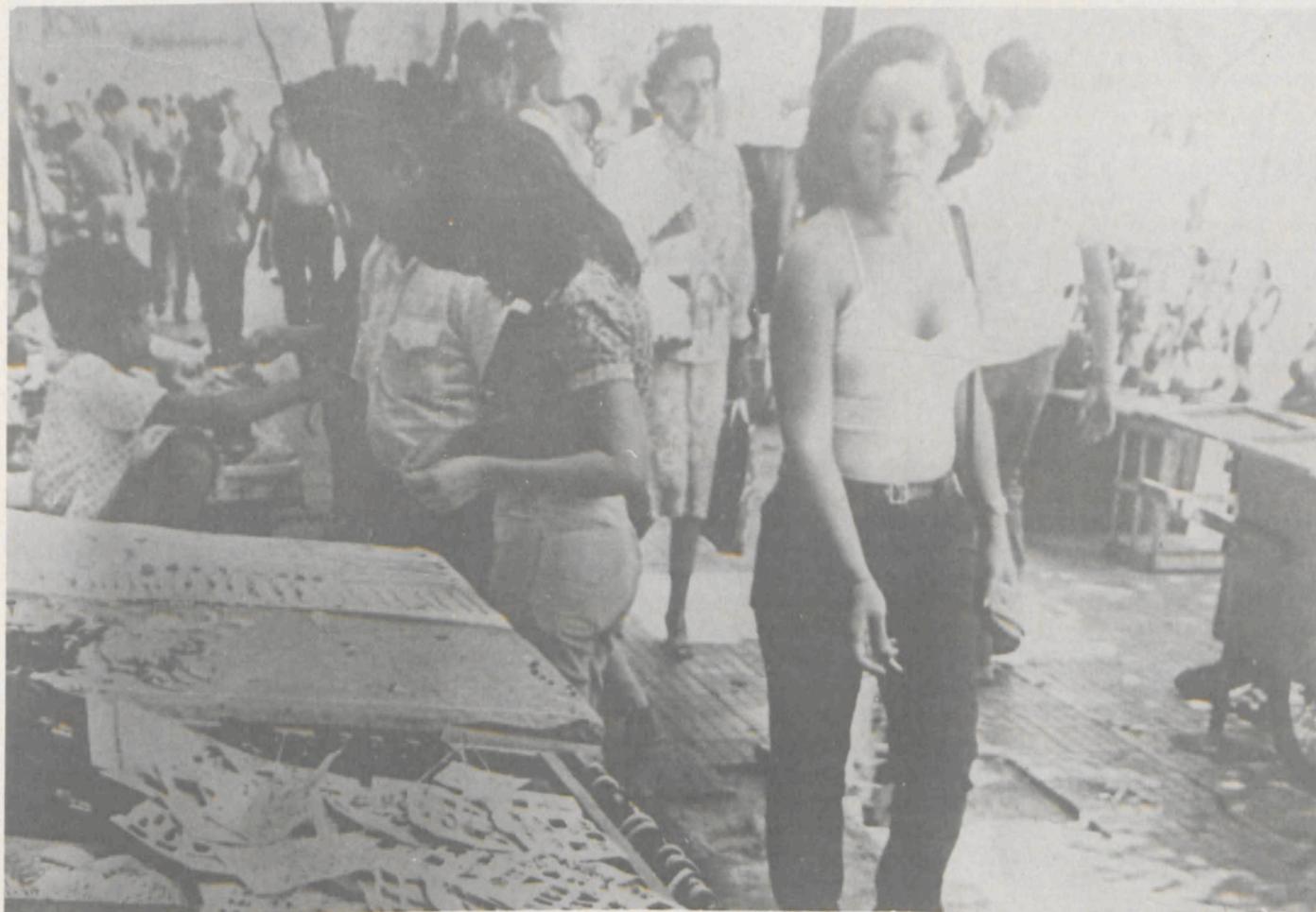
go, é implantar um "calçadão" — como o do Alecrim — para tirar os ambulantes das calçadas.

Essa informação é que tem deixado mais inquieto ainda os comerciantes em lugar de tranquilizá-los. Porque, no Alecrim, o calçadão não teve o efeito visado inicialmente.

QUESTÃO DE HÁBITO — Porque — dizem os comerciantes mais antigos — o problema dos ambulantes é "também uma questão de hábito". Depois que a presença deles é aceita por um tempo "nenhuma força do mundo conseguirá retirá-la de um determinado lugar".

— Tudo está em não abrir o precedente. Abriu, não tem mais jeito.

No Alecrim foi — e é — assim. A Prefeitura, depois de debater-se por vários anos com o problema dos camelôs nas ruas decidiu construir o calçadão para alojá-los e retirá-los das calçadas. Por algum tempo — uns três ou quatro meses —, os ambulantes se acomodaram bem. Depois, surgiram outros ambulantes e passaram a ocupar, de princípio timidamente, os lugares vagos deixados pelos antigos nas calçadas. Houve uma tentativa tímida de repressão.



Oferta nas calçadas, concorrência também ao comércio



Camelôs aumentam a cada dia...

Mas não adiantou. Agora, os comerciantes da Presidente Bandeira reclamam do mesmo jeito que antigamente, com um agravante: não mais há espaço para ninguém nas calçadas e tem havido acidentes porque os pedestres andam pela rua e são atropelados. Há um grupo de comerciantes revoltados com a situação. Porém, é só um grupo, porque o do outro lado não é afetado e não participa dos protestos gerais.

DESCARACTERIZAÇÃO — A essa altura, a invasão do Centro pelos ambulantes está consolidada, a serem corretas as interpretações dos comerciantes de que o problema todo está na "criação do hábito". Há quem veja no comportamento dos ambulantes sintomas disso: eles não se portam mais timidamente, como no início, quando começaram a aparecer esporadicamente, a partir do núcleo da rua Princesa Isabel. Agora, estão inteiramente à vontade. Inclusive, alguns mostram-se agressivos com as pessoas que passam, não mais fazendo questão de não chamar a atenção sobre si. Outros, transformam as ruas em pequenos picadeiros de circo. Um dos pontos favoritos é nas proximidades das Lojas Americanas, na Avenida Rio Branco. E tem acontecido com frequência reações de locatários das salas do Edifício São Miguel que, não raro, jogam de cima latas d'água em cima dos vendedores mais loquazes na publicidade dos seus produtos.

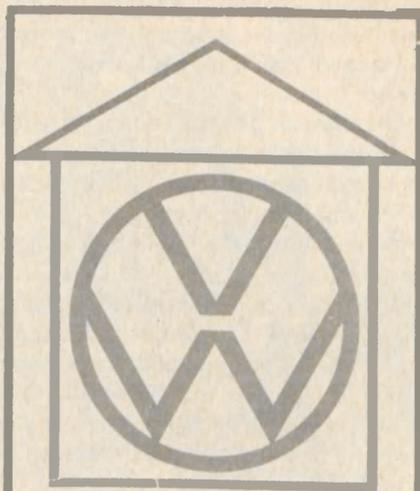
Os comerciantes têm observado que os ambulantes se mostram mais inteligentes taticamente. Observam que, depois de terem sido desalojados do núcleo inicial da invasão da rua Princesa Isabel, imediações do Café São Luiz — na única reação da Prefeitura — não insistiram em voltar mais ao local. Assim agindo, os ambulantes não abriram mais área de atrito contra o que seria o seu inimigo



... e aumentarão até novembro mais frontal — a Prefeitura — deixando vazia a área solicitada, assim como parte do pequeno corredor da Coronel Caçudo.

EXEMPLO DO RECIFE? — No episódio específico da invasão dos ambulantes nas ruas centrais de Natal, também existe o medo, por parte de alguns comerciantes, de que se repita o exemplo do Recife. Na capital pernambucana depois de muitos anos de fluxo e refluxo dos ambulantes o problema se tornou insolúvel. Recentemente os comerciantes de todo o centro do Recife ameaçaram entrar em greve por tempo indeterminado se os ambulantes não fossem afastados. A Prefeitura tentou e não conseguiu. Os comerciantes continuam protestando e ameaçando novas greves.

MAIS PROBLEMAS — Mas no caso de Natal o problema não é especificamente dos ambulantes, como dizem os fiscais imobilizados e impedidos de agir. É um problema mais geral criado pelo processo eleitoral, que força a omissão dos agentes fiscalizadores para evitar a perda de votos para os candidatos da situação. O grande medo é que, quando novembro passar, o problema esteja suficiente desenvolvido para ser erradicado. Aí, surgirão problemas sociais, pois não é só os ambulantes, como minifavelas que surgem da noite para o dia encravadas em terrenos públicos sem que haja condições "políticas" para evitá-las. □



CASA DO VOLKS



Aqui seu carro é tratado com muito mais carinho. Temos o maior prazer em atender pessoas como você além de contar com peças, acessórios e tintas.



Gurgel & Oliveira
Comércio e
Representações Ltda.

Av. Prudente de Morais, 1804
Tel.: 223-2488

PONTA NEGRA
GANHA UM NOVO E
BONITO SUPERMERCADO



Uma visão interna mostra a beleza e os amplos espaços da "Caçulinha" Minipreço

A família MINIPREÇO CONTINUA crescendo para servir melhor

Desde o dia 2 de junho que o Rio Grande do Norte conta com mais uma loja *Minipreço*. Trata-se da "caçulinha" do grupo de supermercados mais importante do Estado, instalada em Ponta Negra, depois de simples e bonita solenidade da qual participaram as figuras mais representativas do mundo empresarial e político-administrativo da região.

A MAIS MODERNA — A loja de Ponta Negra é vista com muito orgulho pela alta direção do Grupo *Minipreço*. Chamada afetuosamente de "Caçulinha", ela passa a ser a 15.ª do complexo de supermercados que compõem as lojas *Minipreço* e *Casas Potiguar*. Surge, indiscutivelmente, como a mais moderna e confortável do Estado. A "Caçulinha *Minipreço*" fica situada em posição privilegiada: de frente para o mar, oferece uma visão panorâmica maravilhosa. Além disso, dispõe de amplo estacionamento e, internamente, mostra ao cliente um dos mais avançados e espaçosos "lay-outs", onde o tráfego de loja permite perfeita comodidade ao comprador.

POLÍTICA ACERTADA — Ao escolher a área de Ponta Negra, o Grupo *Minipreço* tomou uma decisão acertada: buscou atender um amplo universo da população de classe média natalense que reclamava a presença de um supermercado capaz de oferecer serviços compatíveis com a exigência de qualidade, sortimento e atendimento daquela ponderável parcela da população. E, o que é fundamental: todo esse conjunto que constrói a melhor imagem *Minipreço*, é sustentado pela certeza de que o cliente estará realmente fazendo *economia*. Isto porque, a política de preços adotada é a de permitir ao consumidor uma opção segura e, sobretudo, justa.



Em nome da alta direção do Grupo *Minipreço* falou o dr. Ricardo Asfora

SERVIR MELHOR — Com a inauguração da Loja *Minipreço* de Ponta Negra, observa-se a clara dinâmica de crescimento do Grupo, que continuará expandindo sua rede de supermercados, tanto na Capital como no interior, em cima de um objetivo maior e irreversível já transformado em "slogan" marcante: "A família *Minipreço* continua crescendo para servir melhor".

Ainda dentro dessa política, o grupo empresarial implanta no Rio Grande do Norte o *MINIPREÇO AVICOLA*, que visa garantir à própria rede de supermercados um amplo e seguro abastecimento de ovos para melhor atender à população. Além disso, ao voltar-se para esse tipo de atividade, o Grupo *Minipreço* revela sua plena integração nos meios de desenvolvimento da região, investindo maciçamente no Estado e, ao mesmo tempo, contribuindo na ampliação de novos mercados de trabalho.



Na cerimônia de inauguração, o dep. Márcilio Furtado falou representando a classe política do Estado

Você escolheu o melhor veículo para o seu anúncio Agora mantenha-o permanente

A revista RN/ECONÔMICO vende melhor o seu produto porque ela chega às mãos de quem tem poder aquisitivo mais alto, de quem decide e de quem determina.

O seu anúncio permanente em RN/ECONÔMICO goza de desconto especial de 10% sobre o preço de tabela, e não recebe reajustes na vigência do contrato. A revista coloca à disposição do anunciante o seu departamento de criação, encarregando-se da elaboração da mensagem publicitária. Venda mais!

**COLONIALISMO
CULTURAL**

RN/ECONÔMICO
REVISTA MENSAL
ANO XIII - N.º 131 - MAIO/82 - Cr\$ 250,00
FIERN homenagem Senai

Custos da
campanha
assustam

Sucessão
tem o 3º
pandilato

Arruda: o
empresário
da noite



Ministério
eleva multa
às empresas

É fácil
capturar carro
na feira

Padre Agnelo
é bicampeão
do mundo

Seja anunciante permanente de

RN/ECONÔMICO

Finsocial pode ser a saída para eterna crise do BDRN

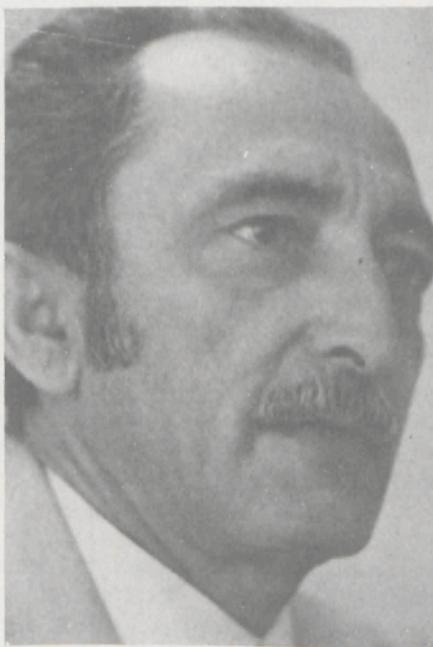
O Finsocial que trouxe um novo alento para o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, asfixiado por deficits seguidos, também trará novas alternativas econômicas para os Bancos de Desenvolvimentos dos Estados. Pelo menos é o que supõe o presidente do Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, Efrem Lima, que diz ainda não dispor de muitos subsídios sobre a nova situação. "Isso está ainda sendo discutido a nível de cúpula. Mas posso adiantar que deveremos, a partir de agora, trabalhar com um número maior de linhas de crédito, embora também não saibamos que linhas serão essas".

Sobre a situação exata do BDRN, com essa nova perspectiva econômica que se abre, não existe ainda tanta euforia, preferindo Efrem discorrer sobre a realidade atual que, segundo ele, continua com as mesmas atividades desde sua criação: "Assistindo aos empresários com o FINAME (financiamento para aquisição de máquinas pelas indústrias); POC (para capital de giro) e FINAC (aumento de capital), além das linhas mini-PIS, integrado com a Caixa Econômica Federal e o programa Pro-Micro, através do CEBRAE. E quando dispomos de saldo na receita o Pro-Giro, que é uma linha própria do Banco, atua junto ao empresariado proporcionando fianças ou levantando empréstimos para participação de concorrências públicas.

Sem afirmar que o BNDE está em crise, disse Efrem que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, aprovou todos os projetos que o BDRN encaminhou: "Alguns sofreram apenas retardamento de até 60 dias. E até hoje nem por parte do Banco nem do FINEP (Financiadora de Projetos) que é uma subsidiária do BNDE houve qualquer veto aos projetos encaminhados: "Se este passa por dificuldades isso não afetou tanto nossa política".

RAZOÁVEL — Salientou o presidente do BDRN, que tem conseguido manter em proporções razoáveis a

AYRTON BULHÕES



Efrem: esperança

assistência aos empresários — clientes do Banco — através de financiamentos solicitados e, principalmente, de "tolerância" do pagamento por parte dos devedores. Isso, principalmente em consequência da crise econômica que o País atravessa. Para Efrem, "essa é a nossa finalidade primordial; se o BDRN não tem conseguido ampliar o montante de financiamentos é até mesmo por falta de tomador. Se dispuséssemos de capital próprio numa soma razoável, teríamos dinamizado o Pró-Giro, porque tenho no Estado o comércio que seria um bom cliente".

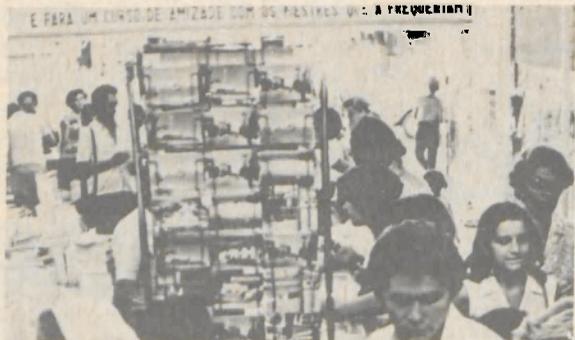
Como não existe recursos próprios, o BDRN vive exclusivamente de repasses feitos pelo BNDE. "Logo, é um Banco Social, recebendo "del credere" de 2 por cento ao ano dos financiamentos feitos, que são poucos. Do seu capital próprio, quando dispõe de recursos, empresta a taxa de 6 por cento ao mês, sobre o saldo devedor, para poder com esta receita manter o custo administrativo, que não obstante possuir um quadro de funcionários pequeno, compreende uma folha mensal de Cr\$ 17 milhões,

em consequência da nova política salarial.

Para Efrem Lima, não há qualquer dúvida de que o dinheiro emprestado pelo BDRN é mais barato, porque os demais agentes financeiros emprestam à base de correção monetária plena do mês com mais de 7 por cento de juros ao ano. Sobre a existência do Banco, se era viável ou não, disse que não tem dúvida de que ele é viável, desde que a administração saiba selecionar a sua clientela e consiga recursos do Estado para ampliar a sua linha do Pró-Giro que carrega renda razoável. "Não podemos manter o custo administrativo crescente pelos reajustes salariais e com o "del credere" de 2 por cento ao ano dos repasses feitos", comenta Efrem, o que parece ser um dos entraves principais para que a finalidade do Banco tenha mais consistência como agente social.

Acentua que a sua razão social está configurada porque os Bancos de Desenvolvimento não foram criados para dar lucro, "mas sim para se ter uma receita que corresponda a seu custo operacional e que tenha pelo menos uma reserva de 10 por cento, para algumas eventualidades". Durante toda a sua existência, o BDRN já financiou projetos de relativa importância, alguns bem sucedidos, como o da Maisa, EIT, T. Barreto, Pepsi-Cola/Inpasa e Inpasa/Papéis, TEKA, Texita, Sperb do Nordeste e diversas outras indústrias instaladas no Estado. O problema básico do BDRN, parece ser o que levou o BNDE a quase abrir falência, segundo uma dívida acumulada de 2 bilhões de dólares — falta dinheiro — e isso é corroborado por Efrem Lima: "O nosso problema fundamental é dinheiro, uma coisa suscita a outra e o que posso também adiantar que para o BDRN volte a ter um desempenho melhor é que dispuséssemos de dinheiro para emprestar. Estrutura nós temos. Um quadro de técnicos excelentes, capazes. O que nos falta são recursos para contarmos com mais dinheiro".

A disposição de Efrem Lima para que o Banco atinja ainda mais suas finalidades, está consubstanciada na criação do Finsocial que poderá trazer novo alento. Mas mesmo com o seu otimismo, o novo programa que desagrade empresários e traz vida nova para o BNDE e seus congêneres nos Estados ainda é uma grande incógnita. □



Boa publicidade é investimento

PUBLICIDADE

Um mercado em definição

Quando a Guararapes — que não é anunciante tradicional — resolveu entrar no mercado nacional com mais agressividade com as suas marcas "Pool" — para jovens — e camisas Voley — social — investiu Cr\$ 400 milhões numa campanha publicitária de alto nível, preparada pela MPM e veiculada nas revistas e televisão. Resultado: pouco mais de um mês depois a campanha teve sua programação reduzida do ímpeto inicial porque toda a produção da "Pool" — o estoque de um ano — havia sido vendida em tempo recorde. E era num tempo de muito aperto e apreensão. Também nesse mesmo tempo, no ano passado, as 282 agências de publicidade do país tiveram um crescimento nunca antes experimentado — 132,18%, superando a inflação, com as cinco principais agências do país faturando perto de 10 bilhões de cruzeiros.

Esses dados provam que em tempos de crise a medida mais correta não é "cortar a publicidade", como muitas empresas fazem. Mas investir em publicidade. Porém, como todo investimento, o da publicidade tem de ser feito com o máximo de cuidado, conforme aconselham os técnicos e a prática, para que os resultados apareçam e a apatia do consumidor seja vencida.

CAMPO CONFUSO — Em Natal, como concordam os que trabalham no setor publicitário, o "campo ainda é muito confuso, porque a publicidade ainda não é reconhecida em todo o seu poder". Uma pesquisa realizada pela Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil (ABAP), mostra

que em tempos de recessão econômica o consumidor se mostra mais "seletivo, escolhe mais". Logo, segundo a pesquisa, a publicidade tem de atingi-lo de modo seletivo, através de veículos adequados, para que ele possa escolher bem.

Publicitários mais antigos de Natal, por isso mesmo, estão vendendo com certa inquietação a proliferação irracional da "mídia eletrônica no Rio Grande do Norte, sem que haja pessoal técnico e estudos necessários para o seu emprego.

— A mídia eletrônica (TV, sobretudo) é mais atraente e mais fácil de produzir. Só que, ao contrário do que se pensa, esses tapes produzidos com recortes de revista e montados em cartões (cartelas) não podem vender coisa alguma — diz Eurlly Moraes.

Essa facilidade faz com que surjam muitas agências improvisadas e que, sem levar em conta as especificidades dos produtos e da empresa, propõem a mídia eletrônica porque é mais fácil de produzir e, portanto, proporciona remuneração mais fácil. Já a mídia impressa — anúncios de jornais e revistas — é mais elaborada, mais técnica, exige mão-de-obra mais especializada para poder funcionar a contento.

MERCADO EM CRESCIMENTO?

— A facilidade da mídia eletrônica, para muitos publicitários, tem dado a impressão de que o mercado publicitário em Natal está em crescimento. Outros dizem que não. Como observa Eurlly:

— Acho que é preciso cuidado. A publicidade, para ser bem feita e produzir efeitos, tem de ser produzida por uma agência bem estruturada, com profissionais bons em setores diversos. A publicidade improvisada não pode, realmente, ser útil.

Profissionais do ramo, por isso mesmo, sem a possibilidade de mais confusão num campo que, em Natal, "sempre houve muita confusão e se chega a tomar a publicidade como um favor, em certos casos".

— É preciso acabar de uma vez por todas, em Natal, com essa idéia antiga que publicidade é favor e "gasto supérfluo" — diz Eurlly. Mas também é preciso ficar claro que só a publicidade profissional, de nível, pode trazer o retorno necessário para a empresa. □

AQUI ESTÁ O MATERIAL QUE VOCÊ PRECISA



Louças e metais sanitários; Pisos revestimentos; Tintas, tubos e conexões, além de outros produtos para sua construção.



Procure a Saci, onde Natal compra.





SACI MATERIAL DE CONSTRUÇÃO
 Matriz: Rua Pte. Bandeira, 828
 Tels.: 223-3628 / 3627 / 3628
 Filial: Av. Rio Branco, 301 / 310
 Tels.: 222-2284 / 3367

O RIO GRANDE DO NORTE BUSCA NOVOS INVESTIMENTOS

A premente necessidade de se desenvolver o Rio Grande do Norte pela industrialização, faz com que o Governador Lavoisier Maia, através da Secretaria de Indústria e Comércio — SIC —, busque novos investimentos, sensibilizando renomados grupos empresariais a despertar interesse por nossas potencialidades fabris. E a garantia desses investimentos — tanto no setor têxtil, como no cerâmico —, se fez sentir durante a realização da 27.ª Feira Nacional de Indústria e Comércio — FENIT e no 23.º Congresso Brasileiro de Cerâmica, ocorridos, respectivamente, em São Paulo e no Recife.

Foi de muita valia a viagem que o Secretário de Indústria e Comércio, Jorge Ivan Cascudo Rodrigues, fez recentemente a esses centros. Na oportunidade, confirmou a garantia de novos investimentos para o Estado, como exemplo a implantação, de imediato, do projeto de Lanifício Nave — Verona Têxtil —, do interesse que a Ciané, de São Paulo, tem em investir, maciçamente, no nosso calcário e pela reativação da FITEMA de Mossoró. Ainda na FENIT, foi confirmada a ampliação do projeto de confecções da Sulfabril, como também a implantação de um projeto de fiação e tecelagem daquela empresa. A Alpargatas confirmou ampliar seu projeto, oferecendo mais hum mil empregos. No setor cerâmico, Jorge Ivan manteve entendimentos, visando a criação de um Centro de Treinamento Cerâmico no Estado e, em contato com o representante do Grupo de Cerâmica Eliane, de Santa Catarina, convidou essa empresa a vir investir no Rio Grande do Norte, instalando-se no Pólo Cerâmico.

A FENIT — Um expressivo painel promovendo o Parque Têxtil Integrado do Rio Grande do Norte foi como o Governo

do Estado, por intermédio da Secretaria de Indústria e Comércio, se fez presente à 27.ª FENIT. As presenças constantes do governador Lavoisier Maia e do Secretário Jorge Ivan, proporcionaram frequentes contatos com empresários norte-riograndenses e de outros Estados que participavam da Feira. Foi ali que se confirmaram novos investimentos para cá. As Indústrias Teka do Norte, Fiação Mocó S/A, Sperb do Nordeste, Herbus Confecções, Confecções Inharé, Botões do Nordeste e Têxtil Tangará expuseram no "stand" da SIC. Enquanto isso, a Confecções Guararapes, Confecções Soriedem, Sulfabril Nordeste, Indústria Têxtil Seridó, Alpargatas do Nordeste e Sparta Nordeste participaram da Feira com "stands" próprios.

Durante a FENIT, o Secretário Jorge Ivan, complementado pelo governador Lavoisier Maia, fez uma exposição sobre os incentivos que o Estado tem oferecido para atrair investidores para o parque têxtil e de confecções potiguar.

ATRAINDO INVESTIDORES — O Lanifício Nave, do Grupo Verona Têxtil S/A, de São Paulo, garantiu que até março de 1983 estará funcionando em sua primeira etapa no município de Macaíba. Esse projeto entrará na próxima pauta da reunião do Conselho Deliberativo da Sudene, marcada para julho vindouro.

Conhecedora das excelentes qualidades do calcário do Rio Grande do Norte, a Ciané, também de São Paulo, confirmou vultosos investimentos nesse mineral potiguar e despertou interesse pela reativação da FITEMA de Mossoró, há cinco anos fechada. Ainda em relação a empresas paulistas, a Vila Romana está propensa em adquirir o controle de empresa de confecções no Estado.

AS AMPLIAÇÕES — Através das visitas feitas pelo governador Lavoisier aos "stands" de empresas potiguares presentes à FENIT, conseguiu-se a confirmação de que a Confecções Guararapes tem o interesse de acelerar as obras de implantação da Guararapes Têxtil, no Distrito Industrial de Natal e construirá uma moderna Loja Riachuelo na cidade de Mossoró. A Sulfabril ampliará seu projeto e ainda implantará um de fiação e tecelagem, enquanto a Alpargatas confirmou também a ampliação do seu projeto de confecções, já consolidado em Natal, oferecendo mais 1 mil empregos, além dos 2.500 atuais.

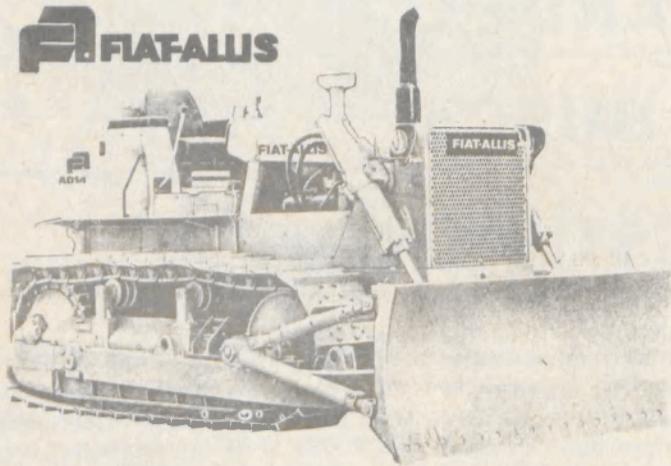
A criação de um Centro de Treinamento de Cerâmica no Rio Grande do Norte é uma iniciativa com o total apoio da Confederação Nacional das Indústrias e do Senai. Foi nesta tecla que o Secretário Jorge Ivan bateu quando esteve no Recife. Na oportunidade, procurou atrair mais investimentos para o Estado, convidando o Grupo de Cerâmica Eliane para se implantar no nosso Pólo Cerâmico. Nesse sentido, manteve entendimentos com representantes da Associação Norte-Americana de Cerâmica, que está interessada em importar caulim beneficiado do Rio Grande do Norte, uma vez que receberam amostras que foram consideradas da melhor qualidade.

Atrair sempre novos investidores para o Rio Grande do Norte, inclusive empresas de renome, como também proporcionar sucessivas ampliações de empresas já instaladas aqui no Estado, vem sendo um incansável trabalho realizado pelo Governador Lavoisier Maia, que tem como instrumento de ação a Secretaria de Indústria e Comércio, finalizou Jorge Ivan.

A Turma da Pesada

(e a mais completa linha de implementos)

FIATALLIS

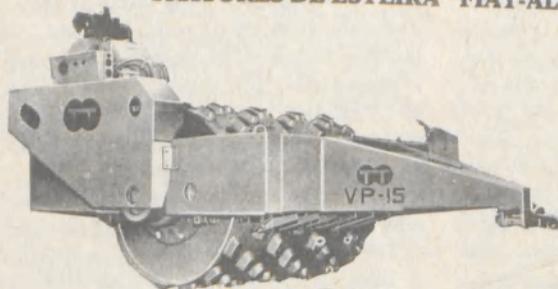


TRATORES DE ESTEIRA "FIAT-ALL IS"

VALMET



TRATORES DE PNEUS
E EMPILHADEIRAS "VALMET"



COMPACTADOR VIBRATÓRIO
REBOCÁVEL



MOTONIVELADORAS "DRESSER-HWB"

DRESSER
Galion



GUINDASTES "GALION"
ATÉ 14 TONEIADAS



PÁS CARREGADEIRAS DE RODA E ES
TEIRA "FIAT-ALLIS"

TUDO ISTO COM A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA

COMERCIAL WANDICK LOPES S/A

R. TEOTÔNIO FREIRE, 218 - FONES: 222.1525 - 222.3778 - 222.4180 e 222.1554 - NATAL-RN

RUA ALFREDO FERNANDES, 5 - FONE: 321.5186 - Mossoró-RN.

Dúvidas agora giram sobre o que pretendem "bolsões"

O Plano de Emergência visava construir pequenos açudes, barreiros, barragens, realizar melhorias em propriedades e estradas vicinais que ligam vilas e povoados, entre outros pequenos serviços, em troca de um salário inferior ao mínimo regional mas que consumiu, no Rio Grande do Norte, até ser cancelado no dia 31 de maio último, Cr\$ 12 bilhões. O Plano durou de 1979 até maio de 1982 e a média anual de inscrição foi de 120 mil trabalhadores. Este ano, o último e com o inverno ameaçando interromper o ciclo das secas e derrotar as previsões dos técnicos do CTA, a média de inscritos saltou, surpreendentemente, para 140 mil trabalhadores.

O Plano que agora, em julho, vai substituir o da Emergência — "Bolsões da Seca" — tem uma finalidade estratégica diferente, segundo explicações do chefe do escritório da Sudene no Rio Grande do Norte, Antônio Pádua. Essa finalidade será de construir uma estrutura de açudes — não mais pequenos açudes — capaz de armazenar água que sirva a projetos de irrigação e ao plantio mesmo em época de seca.

O QUE FOI FEITO — Da Emergência se falou muito e pouco se sabe de prático. Os números que a Sudene apresenta do programa no Rio Grande do Norte são os seguintes: os Cr\$ 12 bilhões aplicados em três anos resultaram em algo que os técnicos chamam de mais de mil "pontos d'água", compreendendo pequenos açudes, barreiros e barragens; investimento em tijolos, telhas, cal, construção de cisternas, compra de potes (para irrigação), bujões para a utilização em sistemas de biogás, unidades habitacionais, privadas, escolas, postos de saúde, filtros para purificação de água, esgotos, muros de arrimo, brita, armazéns, igrejas, fossas, entre outros muitos itens, incluindo uma inusitada "quadra de esportes".

No levantamento do que foi realizado, os técnicos da Sudene dão destaque especial ao que foi realizado em favor dos 12 municípios da Região de



Emergência deixou resultados

Santa Cruz. Há números como 380 açudes médios e pequenos, 550 cisternas, 15 casas, produção de quatro milhões de tijolos.

Antônio Pádua acha que foi possível realizar esse trabalho em Santa Cruz por causa da maneira como tudo

foi administrado, o mesmo não acontecendo no Oeste, onde os números não são, pelo visto, tão animadores.

FIXAR O HOMEM — Depois de tudo o que foi dito e não dito sobre a Emergência, o chefe do escritório da

Sinta-se especial.



**NORDESTE
EQUIPAMENTOS
E PISCINAS LTDA**
Praça Augusto Severo, 314
Tel.: 222-1665 — Natal-RN.

Bombas hidráulicas, compressores, grupos geradores, equipamentos para piscinas, produtos químicos, manutenção, saunas, aquecedores, sistemas de pressão, hidromassagens.

Sudene não parece abalado com as críticas e as controvérsias. Demonstra segurança e confiança e a certeza de quem realizou um bom serviço. E, para ele, o principal objetivo do programa — a fixação do homem à terra — foi atingido. Afirma que, mesmo com o castigo da seca desde 1979, o deslocamento dos nordestinos para o Sul do País, foi bem menor do que em outras secas. E mostra mais entusiasmo ainda com o novo Plano, não se deixando abater, igualmente, pela saraivada de críticas que surgem de todos os lados. Aliás, Antônio Pádua não está só otimista em relação ao que foi realizado pela Emergência e o que poderá ser realizado pelos "Bolsões". É um otimista em relação ao inverno, acredita no inverno. Para ele, não só a chuva tem sido de boa intensidade em várias regiões do Estado, como já é capaz de garantir a superioridade da safra deste ano em relação a 1981. Baseia a sua opinião em observações técnicas e nas informações que recebe: segundo suas avaliações, no ano passado as chuvas, além de terem sido centralizadas, ocorreram em períodos muito curtos; este ano, na sua opinião, está havendo mais uniformidade.

OS NÚMEROS — De fato, nos cálculos e avaliações numéricas da Sudene, expostos por Antônio Pádua, as coisas para este ano — tomando-se em comparação o ano passado ou to-



Agora é saber onde "bolsões"

do o triênio da seca — podem ser consideradas como bastante animadoras. A safra do feijão, no ano passado, foi de sete mil toneladas — e a Sudene estima que ela passará para 60 mil; o algodão arbóreo chegou a 23 mil toneladas, e a Sudene calcula que, na safra atual, passará para 50 mil; segundo esse mesmo nível de cálculos, o algodão herbáceo sai das magras 17 mil toneladas de 1981 para 60 mil toneladas.

Ressalta, animado, Antônio Pádua, que a pesquisa realizada pelos técnicos da Sudene levou em consideração apenas os produtos básicos do Estado. As suas considerações são de que, de uma ou outra forma, algo semelhante ocorrerá com as outras culturas e que a agropecuária terá mais facilidades ainda "pois as chuvas caídas serviram para encher os pequenos e médios açudes e os barreiros".

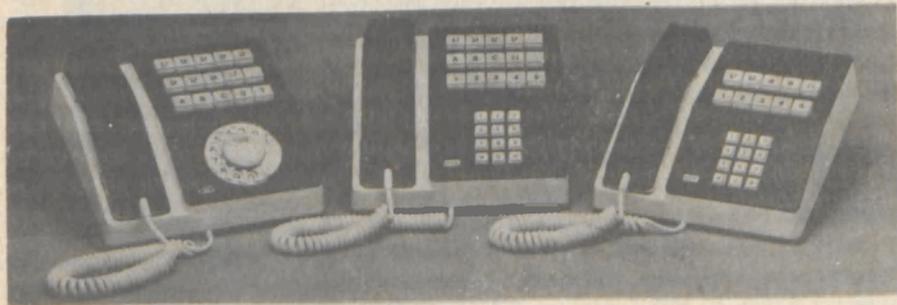
Daí, que se o chefe do escritório da Sudene no Rio Grande do Norte estiver certo, o Estado vai ter um bom ano. □

CULTURA

Uma livraria para livros

O mercado livreiro de Natal está para passar por algumas modificações com a iniciativa do Grupo da Livraria Opção de implantar no Hipercenter Bompreço, que deverá ser inaugurado em novembro, uma "livraria só para vender livros". Por outras palavras: uma livraria que também não é papelaria, como é comum em Natal. José Pereira, da Opção, acredita que iniciativas desse tipo não são tomadas com o intuito de inovar, mas obedecem a uma dinâmica própria dos negócios. Ele não revela se a providência tem razões especiais, como a já de se preparar para enfrentar a provável concorrência da entrada em Natal da "Livro 7", Livraria do Recife de propriedade de um potiguar — Tarcísio — que superou na capital pernambucana a concorrência de tradicionais casas do ramo — como Ramyro Costa, Livraria Imperatriz e a Editora do Recife (antiga Livraria Editora Nacional) — vendendo exclusivamente livros e desprezando papéis e material de escritório e escolar. José Pereira, de todo modo, diz "já ter tido notícias" da possível entrada da "Livro 7" no mercado de Natal e não vê nisso nenhum fator para inquietação.

MERCADO PEQUENO — Mas o fato é que os habituais compradores de livros em Natal sentem a falta de uma livraria "que seja só livraria". E reclamam aos livreiros porque nunca têm tranquilidade garantida: nas épocas da venda de material escolar e nas das festas de fim de ano as livrarias sofrem adaptações para esses fins. A consequência é que as "amadas prateleiras" perdem a prioridade para balcões em que são despachados os livros didáticos, os cadernos, as régua e os lápis ou balcões de exposição dos cartões de "boas festas e próspero ano novo". Isso não acontece com as "livrarias que só vendem livros". Nelas, os intelectuais, candidatos a intelectuais e simplesmente amantes de livros, reinam tranquilos o ano todo. □



Conheça na Cesar a nova era das comunicações: GTE 900.

Leve para a sua empresa, consultório, escritório ou residência o máximo em tecnologia e estilo. GTE 900. A mais nova geração dos sistemas de comunicação. E se você passar na Cesar ainda pode contar com as vantagens de uma perfeita instalação e assistência técnica permanente. Instale agora mesmo este mestre em tecnologia. GTE 900. O mestre do teclado.



É MAIS TECNOLOGIA



Rua Dr. Barata, 205/209 - Tels.: 222-8490, 222-8491, 222-8489, 222-8492 Natal - RN.

Os dois candidatos montam equipes de apoio técnico

Os dois candidatos ao Governo do Estado — Aluizio Alves e José Agripino — estão, no mês da Copa do Mundo da Espanha, armando seus times publicitários para as etapas decisivas da corrida pela sucessão no Rio Grande do Norte. Embora tenha havido algum “esquente” — como a série de comícios de Aluizio em Natal e a investida de José Agripino pelo Seridó em companhia do Senador Dinarte Mariz — e tenham surgido alguns anúncios publicitários esporádicos nos jornais, a ofensiva publicitária dos dois candidatos mais fortes à sucessão de Lavoisier Maia só ocorrerá a partir da segunda quinzena de julho quando os dois esquemas estarão devidamente estruturados, não só logística e tecnicamente, como em termos financeiros.

OS PREPARATIVOS — De um lado e outro há disposição em confiar parte dos rumos da campanha ao trabalho de profissionais da publicidade de alto nível, conforme já vem ocorrendo em outros centros. Mesmo Aluizio Alves decidiu não confiar apenas no seu carisma, na sua experiência política e na sua intuição. Aliás, segundo os que acompanham a sua carreira política, ele nunca confiou inteiramente nesses fatores. No início da sua jornada, muitas de suas atitudes públicas foram aconselhadas pelo publicitário José Albano, o mesmo que, até recentemente, foi assessor do ex-Prefeito José Agripino para assuntos publicitários.

Agora, Aluizio Alves, como candidato da Oposição e com a legenda do PMDB, volta a dar crédito ao trabalho da publicidade profissional na preparação da sua campanha. Realizou sondagens entre técnicos de Pernambuco e terminou entregando a coordenação publicitária da campanha ao publicitário Antônio Melo, que esteve recentemente no Recife no acreditado Grupo Nove e no Departamento de Marketing do Banorte.

A campanha aluizista terá uma agência própria, com a distinção entre o setor de criação publicitária e a



A campanha será dirigida por técnicos

assessoria de imprensa, para o contato com os jornais. Todo o esquema funcionará acoplado ao comitê do PMDB, inteiramente desvinculado dos órgãos de comunicação do grupo Alves — Tribuna do Norte e Rádio Cabugi.

COMITÊS DE AGRIPINO — Com muito cuidado para não infringir a legislação eleitoral e não aparecer como candidato publicamente sem estar ainda oficialmente nessa condição, José Agripino não deixa de fazer, no entanto, “contatos políticos”. A sua assessoria publicitária é comandada pelo publicitário Nei Leandro de Castro, dos quadros da Dumbo Publicidade e que esteve atuando no Rio de Janeiro por vários anos. Nei vai arregimentar no Rio outros profissionais da publicidade de alto nível

para formar uma equipe capaz.

José Agripino terá três pontos de apoio em Natal, segundo revela João Machado, seu assessor de imprensa: escritórios no Edifício Cidade do Natal, na Hermes da Fonseca e no Alecrim. Os três escritórios servirão para os contatos com os políticos, com os assessores e “o povo”. Também o seu esquema terá uma distinção clara entre publicidade e imprensa. Nei Leandro ficará encarregado da parte publicitária e Machado do setor de imprensa.

O fato é que, dos dois lados, existe muita animação. Quanto a cifras, evidentemente existe muita reserva. O certo é que o pessoal de publicidade vai ser sempre de alto nível e os organizadores das duas campanhas estão escolhendo o que acham de melhor. Resta esperar os resultados. □

SURGE UM NOVO HOSPITAL

O ITORN — Instituto de Traumatologia e Ortopedia do Rio Grande do Norte, inaugurou recentemente a sua primeira Unidade Hospitalar em Petrópolis, quando o vice-Governador do Estado, Geraldo Melo, acompanhado do Secretário de Saúde, Manoel Costa, descerrou a placa inaugural do Hospital Santa Izabel. A partir daquele momento, o norte-riograndense passava a contar com mais uma Unidade de Saúde — que nesses trinta ou sessenta dias será credenciada pelo INAMPS —, construída sob as mais modernas técnicas no gênero, pronta para atender a qualquer urgência e dotada de um corpo clínico das principais especialidades médicas. O Hospital Santa Izabel foi construído em três pavimentos e, conforme adiantou o Secretário de Saúde, Manoel Costa, “está modernissimamente instalado”. Para se ter uma idéia do grau de especialização de que está dotado o Santa Izabel, “até a substituição total da articulação do quadril e do joelho lá podem ser feitas”, isto na área da Ortopedia.

Mas, como o Hospital também atende a todas as especialidades médicas — Cirurgia Geral, Vascular, Neuro-Cirurgia — são os serviços prestados pela Unidade, que também se dá ao luxo de ter uteístas em plantão. Os mais renomados médicos do Estado, nas mais diversificadas especialidades, prestam seus serviços ao Hospital do ITORN.

O HOSPITAL — De uma forma geral, a modernização é o que marca o Hospital Santa Izabel. Na parte externa, um visual arquitetônico diferente dos demais hospitais. No seu interior, a diferença começa a



partir dos amplos corredores, projetados para facilitar o transporte de pacientes em macas. O tipo de piso ultra-resistente, o oxigênio centralizado, o revestimento impermeável das paredes, se por um lado concorrem para obedecer fielmente à técnica de construção hospitalar, garantindo mais funcionalidade de trabalho, por outro, é uma garantia de higiene nas dependências do prédio. Quase cem leitos distribuídos entre apartamentos e enfermarias para adultos e menores; um centro cirúrgico composto de três salas, equipadas com aparelho radiográfico, que produz chapas em poucos



O descerramento da placa

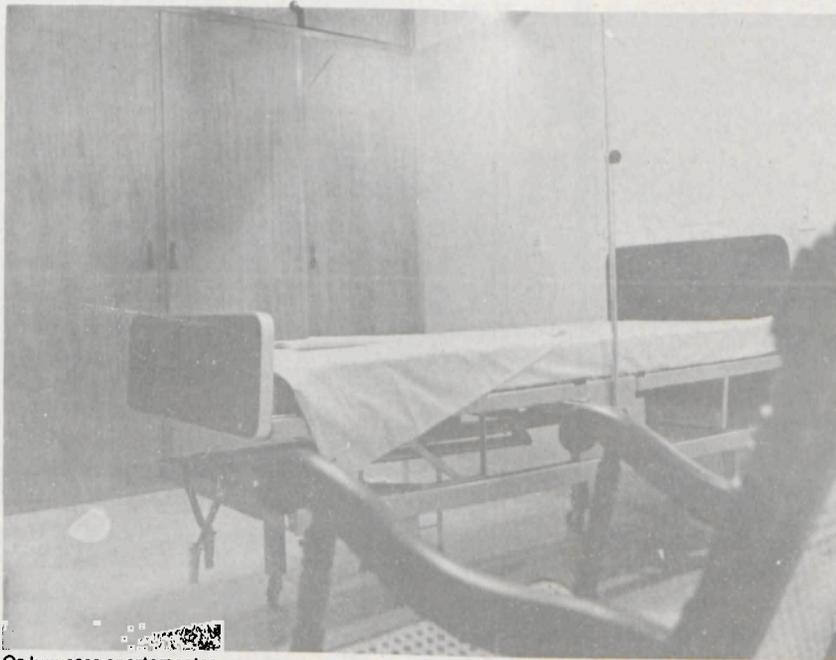
minutos; uma Unidade de Terapia Intensiva — UTI —, com quatro uteístas de plantão permanente; um gerador próprio que liga automaticamente a energia elétrica, são alguns dos outros setores ou serviços que possui o Hospital Santa Izabel, hoje a mais nova Unidade Hospitalar do Rio Grande do Norte.

A CATEGORIA DOS

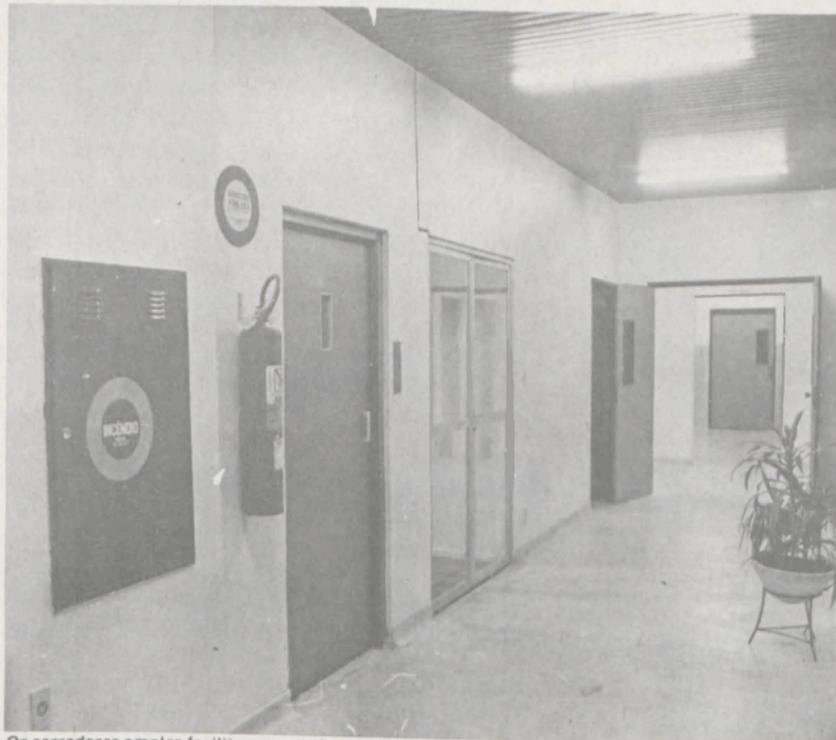
APARTAMENTOS — São 14 o número de apartamentos do Hospital Santa Izabel. Todos dotados de ar condicionado, uma ampla suite, além de geladeira, telefone e TV a cores. Os apartamentos estão localizados no terceiro andar do prédio, com visão panorâmica da cidade. No segundo pavimento estão as 14 enfermarias, cada uma com dois leitos, além de uma suite privativa. Existê também nesse andar duas enfermarias infantis, adaptadas exatamente para esse tipo de paciente: a criança. Mas, um detalhe comum entre os apartamentos e as enfermarias é a espaçosa área disponível, as amplas suites, como também as moderníssimas camas reclináveis, que proporcionam ao paciente uma maior mobilidade no leito.

O CENTRO CIRÚRGICO —

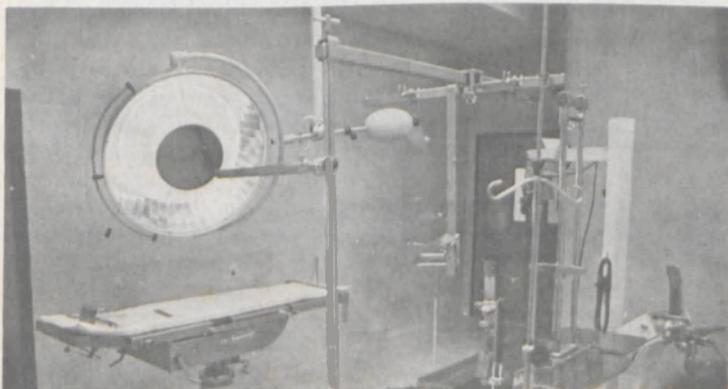
Merece destaque o Centro Cirúrgico do Hospital Santa Izabel. São três salas: uma média e duas grandes, equipadas todas elas com o que existe de mais moderno no gênero, inclusive serviço de radiografia em seu interior. A radiografia é tirada e revelada em minutos, não necessitando que o técnico se afaste da sala. Um moderno laboratório também é um importante setor dos serviços que oferece o Hospital Santa Izabel. Desta forma, o paciente tem a seu favor a comodidade dos exames laboratoriais feitos na casa. Finalmente, o Hospital Santa Izabel e o ITORN estão na área de saúde da cidade, dotados dos mais modernos serviços médicos.



Os luxuosos apartamentos



Os corredores amplos facilitam operação

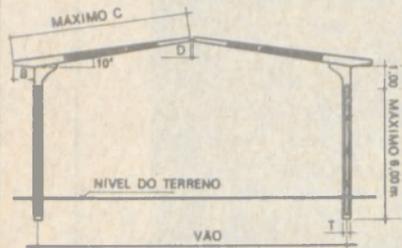


Sala de cirurgia: equipamentos sofisticados

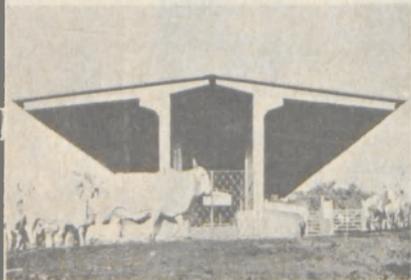
HOSPITAL SANTA IZABEL

Rua Joaquim Manoel, 720 — Fone: 222-4158 — Petrópolis — Natal-RN

NEGÓCIO CONCRETO SEMPRE TEM SUAS VANTAGENS!



O pré-moldado de concreto é um produto que dispensa manutenção, pintura ou acabamento especial, e que nunca se acaba. Por isto, é a escolha mais segura e econômica.



Galpões Industriais (vão livre de 11 a 18 m), Posteação, Estábulos, Cercas e Currais, podem ser construídos com pré-moldado POTYCRET, com grande economia de tempo. Britas de todos os tipos para pronta entrega. Peça informações e comprove!

POTYCRET

Quadra H, Parque - Quintas.
Tel: 223-2024 223-2025 Natal-RN.
Filial: Mossoró-RN.



Emprego: cada vez mais difícil no RN

Continua em baixa cotação de desempregados no Estado

É preocupante a situação do mercado de trabalho no Rio Grande do Norte, fato que vem se agravando todo ano, uma vez que a Universidade Federal do Rio Grande do Norte tem formado profissionais sem levar em consideração a oferta de emprego.

A crise, segundo dados colhidos pelo Banco de Informações sobre Mercado de Trabalho — Bimet — da UFRN e Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, está atingindo o setor industrial, construção civil, transportes, serviços pessoais e serviços auxiliares da atividade econômica.

Segundo o coordenador do Bimet, professor Lambertus Bogaard, o mercado de trabalho, principalmente no Nordeste, está saturado. Ele acha que "a universidade nordestina está completamente alienada da real necessidade do mercado de trabalho, já que não tem um papel orientador. A Universidade nunca assume um papel de pesquisa, o que é necessário para nós".

ALARMANTE — Dentro de mais duas semanas a Editora Universitária vai lançar uma plaqueta, organizada pelo professor Lambertus Bogaard, onde é feita uma radiografia da situação do mercado de trabalho em Natal. Os dados são alarmantes e devem merecer maior atenção das nossas autoridades governamentais.

A pesquisa, realizada nos diversos setores profissionais da sociedade, em 81, mostrou que a Universidade Federal do Rio Grande do Norte

formou 932 bacharéis — segundo Lima Barreto, o Brasil é o país dos bacharéis — e que desse total apenas 22 estão empregados, o que representa o alarmante índice de apenas 2,36 por cento.

A pesquisa de Lambertus constatou que dos 47 cursos da Universidade, Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito e Engenharia Civil são os que apresentam o melhor aproveitamento de seus profissionais no mercado de trabalho, mas com índices que mostram a falta de critérios da UFRN no oferecimento de vagas no seu Vestibular anual.

Lambertus mostra na sua pesquisa que, dos 160 bacharéis formados pela Universidade nos últimos três anos em Administração, apenas sete estavam empregados, o que representa um índice de 4,35 por cento; Direito formou 173 novos advogados e somente um conseguiu emprego. A pesquisa também constatou que nas empresas privadas que serviram de objeto de estudos, a total inexistência de profissionais formados em Serviço Social.

A falta de emprego tem refletido nos salários oferecidos aos profissionais. As empresas privadas somente oferecem aos bacharéis formados pela UFRN um salário inicial de Cr\$ 50.067,00. Mas para o coordenador do Bimet, Lambertus Bogaard, isso é uma prova evidente de que a Universidade não atualiza os currículos e, por isso mesmo, não sabe por que oferece tantas vagas nos seus Vestibulares. □

ILUSÃO DOS NÚMEROS E DESGRAÇA DO POVO

CORTEZ PEREIRA

Repensar a economia, com a preocupação de torná-la apoio e sustentação ao processo de melhoria da vida humana, deveria ser a responsabilidade maior dos que governam.

Certos parâmetros e índices mostrados como reveladores do estágio de desenvolvimento traduzem, muitas vezes, apenas, acúmulo de riquezas ou rendas, sem qualquer consonância com a justiça social que é dever realizar.

Sob o sucesso aparente desses altos níveis esconde-se, quase sempre, um porão de misérias abafadas.

É este confronto terrível entre a eufórica ilusão dos números e a desgraçada situação do povo, que deveria se constituir no grande tema político das praças públicas redemocratizadas. Denunciar a mentira dos símbolos — PNB, PIB, Renda per Cápita, etc. — que consagram a vitória da quantidade sobre a qualidade e descobrir fórmulas que compatibilizem a ação econômica com a ação social, seria mais do que uma missão, seria o dever dos homens públicos.

O Clube de Roma, reunido na Argélia para uma reflexão sobre os novos rumos da economia do 3.º Mundo, ouviu uma lição de simplicidade e sabedoria que foi dada pelo professor chinês Han-Sheng-Lin: “Querem repensar a economia? Olhem os nossos povos e partamos das suas necessidades. Tudo deverá começar aí. Não poderá haver outro ponto de partida”. Sigamos a lição transmitida com humildade pelo professor oriental. Conheçamos as necessidades dramáticas do Brasil.

Somos (1977) — 5 milhões de trabalhadores sem remuneração; 25 milhões de pessoas abaixo do limite da pobreza; 20 milhões de carentes totais; 2 milhões de menores abandonados; 7 milhões de famílias vivendo a promiscuidade de domicílios de 1 só dormitório; 20 milhões de analfabetos (7 anos e mais).

Deste quadro realmente negro e perturbador, levanta-se o gemido de vergonha de sermos 20 milhões de famintos, desabrigados e desnudos; a blasfêmia de tentarmos fazer este “país do futuro”, com 2 milhões de menores abandonados, em fila, recebendo ingresso para a marginalização e para o crime.

É no confronto com esta tragédia de dimensão continental que se amesquinha, que se miniaturiza, as gigantescas projeções de sombras que fazem o carnaval estatístico desse eterno “milagre brasileiro”.

A causa básica de todos esses desvios deverá ser buscada no modelo de desenvolvimento adotado, modelo copiado dos países que já acumularam capital. Sem nenhuma imaginação macaqueamos uma realidade diametralmente diferente da nossa, importamos uma tecnologia de alta capitalização e baixa ab-

sorção de mão-de-obra, isto é, nos endividamos, aplicando em excesso o capital que não possuímos e poupamos a mão-de-obra que temos sobrando.

Nessa sequência de contradições, buscamos uma industrialização extemporânea e sem vinculação natural com a realidade. Daí resulta desarticular-se a estrutura agrícola que, por sua vez, responde empanturrando as cidades com a vingança das migrações desqualificadas.

Uma consciência coletiva vai se formando a partir da importação de uma hierarquia de valores, de métodos de produção e consumo, de objetivos eleitos fora da nossa realidade nacional, de toda uma engrenagem criada em função de interesses, inclusive, o de nos explorar.

Estamos seguindo o caminho da opulência, do supérfluo, do desperdício sem fazermos a mais rápida reflexão, que nos mostraria a incompatibilidade com necessidades primárias, responsáveis pela miséria de amplas faixas do nosso povo.

Aderimos à prioridade do mercado externo, indiferentes às exigências essenciais do mercado interno de cuja satisfação haveria de resultar o excedente exportável.

A difícil reversão, que contraria poderosos interesses, por mais inacreditável que pareça, torna-se viável graças a “camuflagem” dos pequenos Estados. Aqui, a inexpressão do confronto com os privilégios e interesses preteridos, a sua insignificância quantitativa, deixa livre o sinal de trânsito para a mudança.

Este direcionamento novo da economia, que os pequenos Estados podem realizar sem trauma e sem agitação, dependerá, básica e suficientemente, de uma decisão política do Governo. Esta decisão, para oferecer resultados, deverá ter plenitude de consciência, a energia da mais forte vontade, a complementariedade instantânea da ação.

A grande prioridade deste outro caminho terá de ser o trabalho, o emprego, e o inimigo número um a ser vencido será sempre o desemprego.

As oportunidades de trabalho serão oferecidas por grandes projetos agrícolas, apoiados, incentivados, subsidiados pelo Governo, e todos eles capazes de atrair pelo volume de suas produções, o natural desdobramento industrial. As indústrias, nesse novo modelo, por coerência política, serão implantadas nas próprias áreas de produção agrícola, democratizando, geograficamente, também, as vantagens do desenvolvimento.

É evidente que este repensar da economia subentende o acesso à terra, através do caminho mais racional que é a colonização.

Muitos não poderão voltar com as próximas eleições

“Ave César, os que vão morrer te saúdam”. Se a dura e soturna saudação dos gladiadores ao entrar nas arenas de Roma não pode aplicar-se literalmente à política, por parte daqueles que irão perder mandatos parlamentares nas próximas eleições, pelo menos serve para dar uma idéia de como é grave a situação de muitos dos ocupantes das acolhoadas poltronas do plenário do Palácio José Augusto. Tempo de transição por excelência, o atual período político-eleitoral poderá trazer desagradáveis surpresas a alguns, pois a vinculação de votos terá certamente o condão de remanejar votos, subtrair sufrágios, ampliar maiorias, derrotar supostos favoritos.

As maiores alterações de bancada, certamente, serão sofridas pelo PDS. Partido dividido e retalhado por profundos desentendimentos internos, a sigla governista experimenta um verdadeiro amontoado de disputantes a uma vaga na Assembléia, pondo em risco o mandato de alguns representantes situacionistas. Um exemplo típico é o caso do deputado Jeová Alves. Seguidor do deputado Carlos Alberto, Jeová cumpriu, juntamente com seu companheiro Oswaldo Garcia, todo o roteiro partidário do inconstante deputado federal, que chegou a sorver uma verdadeira sopa política, com as letras iniciais de cada sigla por onde perambulou.

ARMADORES ELÉTRICOS —

Jeová, ao filiar-se ao PDS, passou automaticamente a disputar votos governistas na região do Trairi, um setor eleitoral congestionado pela presença do calejado deputado Theodorico Bezerra, do seu colega Marcílio Furtado, além do ex-deputado Iberê Ferreira de Souza, que anseia volta ao Legislativo. Antes, quando na oposição, Jeová corria em faixa própria, mesmo atuando no Trairi. Agora, entretanto, está sujeito a vexames, como o que ocorreu há meses, quando o governador Lavoisier Maia presidia uma solenidade em Santa Cruz e, para desencanto de Marcílio e Jeová,



Jeová atropela Theodorico na disputa no Trairi

EMANOEL BARRETO

vá, surgiram, no meio do povo, faixas louvando a candidatura Iberê Ferreira, em detrimento dos dois. Ambos, segundo as informações que correram, recusaram-se em subir ao palarque, negando-se a participar do ato.

Mas, se Jeová e Marcílio continuam na busca de mais um mandato, há um outro, que, mesmo jactando-se dos seus 32 anos de política, prepara-se para deixar o ramo: o deputado Theodorico Bezerra, que, mesmo assim, não abrirá mão dos seus vastos espaços eleitorais. Admitindo que o peso da idade já o força ao descanso, não são poucas as vezes que o **Majó**, como é chamado, cerca-se de jornalistas no plenário do Legislativo, e passa a alardear que, aposentado, sua maior preocupação será a compra, no Ceará, diz ele, de armadores elétricos, para um reconfortante balanço de rede: “É só ligar e a gente fica: vu-vu, vu-vu. Não precisa nem de menino para empurrar, nem de uma corda para a gente dar o balanço”.

Theodorico, apesar de planos aparentemente tão pacatos, já tem todo o

seu esquema pronto para lutar a favor daquele que pretende como seu substituto na Assembléia: o empresário Kléber Bezerra, que supostamente passará a ser o proprietário da herdeleitoral do Majó. Exemplo também digno de nota, quando a dificuldades para a reeleição, é o do deputado Oswaldo Garcia, que repetidas vezes tem-se insurgido contra o Governo, sob a alegativa de que apesar de ser pedessista nem sempre precisa ser governista. É que Oswaldo, após ser agraciado com as benesses oficiais, quando da adesão passou, paulatinamente, a ser relegado a segundo plano, sem ver pleitos atendidos ou exigências contentadas.

Ainda no antigo prédio da Assembléia, nos fundos do IPE, houve quem dissesse que o deputado, seriamente preocupado com sua situação, estaria em grande atividade junto ao eleitorado, a fim de compensar a perda do apoio oficial. Com efeito: Oswaldo passou cerca de 15 dias sem ser encontrado por nenhum repórter político, exatamente num período em que se fazia mais aguda a crise entre o grupo carlista e o Palácio Potengi. Mais recentemente, Oswaldo viu perigar novamente suas chances de vol-

tar ao plenário, quando, resplandescendo de prestígio, a figura do jornalista Tarcísio Cavalcanti agigantou-se no panorama pedessista, com a intenção de não mais disputar a Prefeitura de São Gonçalo do Amarante, como pretendia, mas disposto a conseguir uma vaga na Assembléia, prejudicando o deputado. Posteriormente, as coisas voltaram ao que eram, e Oswaldo ficou mais sossegado.

CONGELADAS — Mas se os demais parlamentares não são abertos em falar quanto à sua possibilidade de reeleição, há pelo menos um, Alcimar Torquato, que não faz qualquer segredo quando indagado a respeito: ligado à região do Alto Oeste, Alcimar admite que as coisas estão difíceis para ele e, mesmo sem entrar em maiores detalhes, revela que está consciente de que terá que lutar muito, para garantir mais um mandato. Também pedessista, Onézimo Maia, com seu jeitão de homem do campo, considerando-se um "médico caridoso", não voltará. Tem, nas conversas com os repórteres, lembrado sempre que é, muito ligado ao campo e assim pretende disputar uma Prefeitura no interior.

Quase deputado, o suplente Raimundo Hélio há muitos meses espera por uma vaga na Assembléia, substituindo o deputado Paulo Gonçalves, que deverá ser guindado ao Tribunal de Contas do Estado, Hélio, todavia, apesar do seu esforço, vem tendo congeladas as suas oportunidades de assumir, o que deverá acontecer somente em agosto. Mesmo as-



Onézimo: jeitão do campo talvez numa Prefeitura

sim, precavido, frequenta os palanques do candidato do seu partido ao Governo, Agripino Maia procurando, de qualquer forma, garantir-se para o futuro. Mesmo que, outra vez, para ocupar uma suplência, no período legislativo que começa a partir de março de 83.

Aparentemente sem problemas para a volta à Assembléia, o deputado Nelson Queiroz faz no entanto uma advertência: o voto vinculado obrigará os parlamentares a desdobrar-se em esforços junto ao eleitorado, em penosas marchas e percorridas pelos caminhos do interior, a fim de, não só ajudar a eleição do candidato cabeça-de-chapa, ao Governo, mas, acima de tudo, para precaver-se quanto à

ocorrência de um insucesso dia 15 de novembro.

O conselho parece estar sendo bem seguido por outro deputado, o opositor Roberto Furtado, que, já na certeza de que não mais voltará à Assembléia, pelo fato simples de que é candidato ao Senado, envolveu-se completamente na campanha, a ponto de acompanhar o candidato do seu partido ao Governo, Aluizio Alves, a todos os pontos para onde este vá: seja nas visitas de casa em casa, nos bairros de Natal, seja nas cansativas viagens por fazendas e vilas, nos mais distantes pontos do Estado.

UM BOM CALDO — Disposto a encaminhar-se em outros rumos, que



Raimundo: uma espera torturante



Nelson: perigo é voto vinculado

não mais os da política, foi por isso que o deputado Paulo Gonçalves resolveu aceitar o convite do governador Lavoisier Maia para assumir um lugar de Conselheiro junto ao Tribunal de Contas, tornando-se, sem querer, protagonista de uma das mais demoradas novelas políticas do Estado, já que até sua bancada tem negado apoio à pretensão. Não porque Paulo não desfrute de prestígio junto aos correligionários, mas pelo fato de que seu suplente, nada menos do que Raimundo Hélio, durante um curto período em que esteve no exercício do mandato angariou tantas antipatias, que a apreciação do nome do deputado ao TC vem sendo protelada em sucessivas reuniões. Mas, certamente, os novos parlamentares a serem empossados em março de 83, não mais contarão com a presença de Paulo, já à essa altura preocupado unicamente em verificar o bom andamento e a boa aplicação dos dinheiros públicos.

O já citado deputado Marcílio Furtado, além de dividir eleitorado no Trairi, com Jeová Alves, encontra sua maior dificuldade ante uma presença que incomoda aos dois: a do também já mencionado Iberê Ferreira de Souza. Renitente adversário, Iberê não perde oportunidade para aguilhoar o colega, como fez com o episódio das faixas em Santa Cruz e, tem deixado claro, está disposto a lutar muito, por uma grande colherada do bom caldo eleitoral do Inharé, porção que, com certeza, será retirada à terrinha de Marcílio. Este, contudo, não aparenta disposição de fugir ao duelo. Aguarde-se 15 de novembro.

Herdeiro político do deputado Djalma Marinho, inclusive do liberalismo e da retórica do pai, o deputado Márcio Marinho certa vez, quando indagado por um jornalista a respeito dos gastos de sua campanha rumo à reeleição, garantiu que sempre tem conquistado uma vaga no Legislativo sem o consumo de grandes somas. Mesmo assim, caso não conte com o decisivo apoio de aliados mais fortes, como o Palácio Potengi, comenta-se nos corredores da Assembléia que nada estaria garantindo um novo mandato.

Incluído no rol dos que possivelmente não ganharão novamente assento em plenário, está o oposicionista Gilberto Lins, que detém eleitorado em Currais Novos, conjuntamente com o deputado Padre Cortez. Antes, quando Lins pertencia ao PP e Cortez



Márcio: nada garante a volta

defendia o programa do PMDB, não havia concorrência mais direta, já que, em tese, configurava-se definição de eleitorado. Agora, contudo, após a incorporação, para evitar qualquer problema de última hora e difícil solução, ambos teriam chegado a um acordo: Cortez disputa um novo mandato, enquanto o correligionário tenta ocupar um cargo que já exerceu, o de prefeito de Currais Novos.

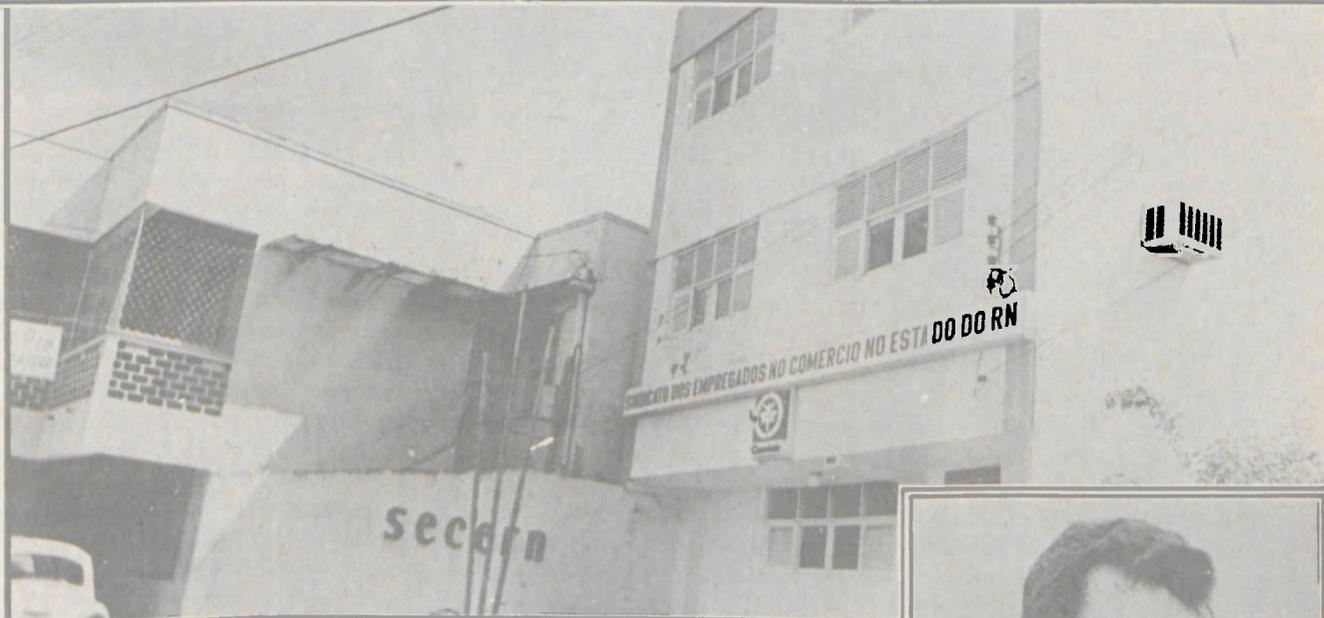
Quem também precisará de uma boa preparação, a fim de garantir novamente um gabinete no ainda novinho prédio da Assembléia Legislativa, é nada menos que o presidente da Casa, deputado Carlos Augusto Rosado. Representante da família que detém o comando do Oeste, especialmente Mossoró e adjacências, Carlos Augusto terá um concorrente da mesma área, também ligado ao seu grupo familiar: o ex-deputado e mais recente ex-prefeito da cidade, João Newton da Escóssia, o que obrigará o sistema Rosado a bem dosar o peso da campanha, a fim de garantir a continuação de um e o regresso de outro correligionários nos corredores e trabalhos legislativos.

Do lado oposicionista, além dos casos já lembrados, registre-se a situação do deputado Montenegro Neto, que obteve a mais baixa votação há

quatro anos, mas vem demonstrando grande interesse em garantir-se para mais um mandato, especialmente diante do apoio que recebe do pai, o ex-deputado e candidato a deputado federal, Olavo Montenegro. De qualquer maneira, os representantes peemedebistas, estariam mais ou menos bem encaminhados, salvo prova em contrário.

Mas, no cômputo geral, das 24 cadeiras disponíveis, prevê-se uma larga modificação no quadro parlamentar estadual, com o surgimento de novos detentores de mandato e o desaparecimento completo de outros que vinham atuando na cena política do Legislativo. E tudo como decorrência dos novos tempos. A dita abertura, a volta de uma oposição ostensiva e contestadora, certamente trarão novos atores ao prosclênio, retirando das coxias quem estivesse escalado apenas para uma ponta. Prova de que os tempos mudaram, são as demonstrações de funcionários aposentados e moradores de conjuntos residenciais, que comparecem às galerias da Assembléia para protestar e reivindicar. E, de qualquer maneira, diante do quadro descrito, não será surpresa se muitos dos políticos lembrados realmente venham a proclamar: "Ave César, os que vão perder te saúdam". □

COMERCIÁRIO GANHA SEDE MODERNA, AMPLA E FUNCIONAL



A espera foi longa, mas os objetivos foram plenamente alcançados e hoje a classe comerciária do Estado conta com a mais moderna, ampla e funcional sede sindical do Rio Grande do Norte. Num esforço conjunto dos associados, dos funcionários e, sobretudo do Presidente da Entidade, Genival Inocêncio Penha, a obra foi concluída e entregue aos usuários. O comerciário potiguar não precisa mais entrar em filas para conseguir uma consulta médica, um serviço odontológico, ou mesmo ficar às voltas à procura de um advogado para resolver suas causas trabalhistas. O Sindicato dos Empregados no Comércio do Estado do Rio Grande do Norte — SECERN — oferece todos esses serviços aos seus usuários, mediante a simples apresentação da carteirinha de filiado. E tudo funciona na nova sede da rua Vaz Gondim, 800.

Mais de sessenta consultas médicas, nas especialidades de

Pediatria, Ginecologia e Clínica Geral são realizadas, diariamente nos três turnos, na sede do Sindicato dos Empregados no Comércio. E cerca de cento e dez são os atendimentos odontológicos, nos três turnos: ninguém fica sem ser atendido. Consciente das dificuldades que tem um comerciário de recorrer, particularmente, a um advogado para resolver suas causas trabalhistas, o Sindicato do Comércio coloca à disposição dos seus associados os trabalhos de advogados para esse fim. É uma forma de lutar em favor da classe.

COM MUITA LUTA — Muita paciência, muita luta e muita obstinação, foi o tripé no qual Genival Inocêncio se montou para lograr êxito na construção e conclusão da mais moderna, ampla e funcional sede social do Estado. “Tive que reunir todo o dinheiro do Sindicato e aplicá-lo onde necessário. Entrei na luta prá valer, no peito e na raça. Construí devendo, mas,



Genival : entrei na luta prá valer

graças a Deus, hoje, estou saindo do sufoco”, foi assim que expressou-se Genival envaidecido e gratificado por um trabalho que vem realizando há 10 anos em prol de uma laboriosa classe trabalhista: a comerciária.

SECERN

Rua Vaz Gondim, 800 — Tel.: 222-0824 —
Cidade Alta — Natal-RN

Indecisões complicam até entendimento dos eleitores

Uma voz misteriosa andou telefonando para a redação dos jornais de Natal e comunicando a alguns jornalistas que "a pacificação do PDS está furada e, de agora por diante, a imprensa vai saber de muita coisa por um informante que está por dentro". O recado foi transmitido com certas variações de um para outro jornalistas. E foi dado após a última modificação na chapa do partido do Governo, no dia 21 de junho, quando o Deputado Carlos Alberto finalmente conseguiu o seu sonho de tornar-se praticamente a força centralizadora da chapa pedessista para o Senado nas próximas eleições, com o deslocamento do empresário Radir Pereira para a vice-governança e do advogado Ney Lopes para uma disputa na suplência.

Não se sabe exatamente o propósito dessa voz misteriosa. Mas um jornalista que recebeu a comunicação ficou com a impressão de que o informante voluntário se dispõe a denunciar futuras manobras de bastidores e que, em linhas gerais, a vitória de Carlos Alberto não agradou a todas as facções do PDS. E, como é claro, muito menos obteve a tão sonhada união.

OLIGARQUIA AOS PÉS — A opinião generalizada dos observadores políticos de Natal é de que, com as modificações, o quadro político ficou um pouco mais confuso para o eleitor. E, no geral, o grande vitorioso foi o Deputado Carlos Alberto. No outro dia da consolidação da nova chapa, após Carlos Alberto ter voltado atrás do seu anunciado propósito de mais uma renúncia a candidatura e de ter desistido de divulgar um manifesto em que poderia até optar pelo "voto camarão", o radialista Jurandir Nóbrega, no seu programa matinal da Rádio Poti, dizia:

— Carlos Alberto conseguiu pôr a seus pés toda a oligarquia do PDS, a começar do Senador Dinarte Mariz.

Mesmo os críticos de Carlos Alberto não puderam deixar de se impressionar com a sua demonstração de força, onde ele usou dois trunfos básicos: a sua proximidade (e possivelmente algum prestígio) atual com o Palácio do Planalto e o seu inegável respaldo eleitoral.

RESPALDO FOI DECISIVO — Para os observadores mais chegados aos meandros do PDS, o que foi mais decisivo, porém, foi o respaldo eleito-



Ney: disciplina partidária

ral de Carlos Alberto num partido formado por políticos nem sempre com esse cacife e com o ranço da bionicidade. Quem está mais chegado às táticas atuais de Brasília está sabendo das afinidades entre o General João Figueiredo e os candidatos do PDS que têm o poder de arrebatar votos. A assessoria de Carlos Alberto, segundo tudo indica, jogou decisivamente com esse aspecto fundamental para forçar, até onde parecia impossível, a sua candidatura todo poderosa ao Senado, num momento delicado da sua carreira, onde não pode correr o menor risco de ficar sem um mandato. Foi — como diz um observador mais afeito às coisas do PDS — um "jogo de tudo ou nada". Um jogo de quase desespero, mas não de um suicida.

Agora, o PDS não está pacificado, segundo o entendimento de todos os observadores consultados por **RN/ECONÔMICO**. Apesar de todas as afirmações em contrário de suas lideranças mais responsáveis, isso está longe de acontecer. A vitória pessoal de Carlos Alberto, dizem esses observadores, criou ressentimentos incontornáveis, que estão silenciados por conta da disciplina partidária, mas que vão gerar insatisfações latentes e perigosas.

O próprio comunicado do advogado Ney Lopes através dos jornais, manifestando a sua aceitação à decisão do partido, pareceu muito dúbio e, para alguns, enigmático, dando a entender em alguns trechos que ele ainda vê uma porta aberta para possíveis lutas. De todo modo, o quadro no PDS é de difícil harmonia. Os interesses parecem cada vez mais divergentes. E a cada acomodação, surgem novas desacomodações. □



Radir: outra posição

Está difícil conciliar os interesses no Campus

Quando tomou posse há três anos no cargo de Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o professor Diógenes da Cunha Lima disse em seu discurso que queria uma Universidade aberta e receptiva, prometendo, também, que sua administração seria marcada pelo diálogo franco e aberto com estudantes, professores e funcionários.

Decorridos esses três anos, conta-se hoje que a Universidade não é receptiva e, por isso mesmo, não existe diálogo entre o seu dirigente máximo e os estudantes. Ao invés do diálogo, passou a existir a contradição, tanto nos atos como nas propostas e palavras do Reitor Diógenes da Cunha Lima. O Reitor prega o diálogo aberto numa "Universidade receptiva" e nega, contraditoriamente, a palavra aos estudantes como aconteceu recentemente durante a inauguração do Centro de Convivência "Djalma Marinho".

CONTRADIÇÕES — Para o Presidente do Diretório Central de Estudantes, Hugo Manso Júnior, uma série de fatores contribuiu para que a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nas administrações anteriores, fosse considerada uma das mais tranquilas do País, como o modelo econômico e os atos de exceção então vigentes, além da falta de preparo político dos estudantes, professores e funcionários. Ele diz que se a Universidade "era relativamente tranquila devia-se ao fato de conseguir camuflar as contradições existentes na educação brasileira.

O Presidente do DCE afirma que, além dos atos de exceção, que vigiam até o final do Governo Geisel, havia uma falta de preparo político na Universidade brasileira, particularmente na do Rio Grande do Norte. Professores, estudantes e funcionários não discutiam nada do que acontecia no País e em Natal, quando surgia algum problema, logo o Reitor Domingos Gomes de Lima conseguia abafar.

Segundo Hugo Manso Júnior, a

EDILSON BRAGA

efervescência existente na Universidade com a participação efetiva dos estudantes na discussão dos seus problemas é consequência da distensão política promovida no País com a revogação dos atos de exceção o que permitiu, por exemplo, a eleição direta dos dirigentes do Diretório Central de Estudantes, isso no âmbito das Universidades.



Hugo Manso: campanhas continuam

RADICALISMO — Promovida a distensão política e extinguidos os Decretos 477 e 228, permitindo aos estudantes elegerem, pela via direta, os seus representantes, faltou o diálogo, já que os dirigentes das Universidades brasileiras não se adaptaram aos novos tempos.

O Presidente do Diretório Central de Estudantes, Hugo Júnior, é enfático ao criticar a inexistência de diálogo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pois, como afirma, “percebemos isso logo no início da administração do professor Diógenes da Cunha Lima”. Hugo acha que a falta de disposição de Diógenes de dialogar abertamente com os estudantes deu margem ao radicalismo por parte do Reitor, já que os estudantes querem participar da administração central da UFRN mas são repelidos por Cunha.

Aliás, o Presidente do DCE é ferino ao criticar a idéia de Diógenes de manter uma Universidade receptiva: “Essa idéia é papo furado porque a estrutura da Universidade não permite que os estudantes participem das discussões” e prova como a receptivi-

dade de Cunha Lima é furada apontando o sistema de média sete, “que degenerou o ensino ainda mais”. A média sete, segundo Júnior, foi implantada de cima para baixo, por isso não permitiu que a comunidade estudantil fosse consultada.

Hugo Manso mostra uma das contradições de Cunha Lima como Reitor, pois ele prega uma Universidade receptiva nos moldes dele, feita no gabinete. E indaga: “Que Universidade receptiva é essa quando o seu Reitor, inabilmente, nega a participação dos estudantes na inauguração do Centro de Convivência?”; quando esse mesmo Reitor, sob a alegação, pouco convincente, nega uma sala ao DCE no Centro de Convivência afirmando que lá “não é lugar de divergências?”.

ELEIÇÃO — Para diminuir as contradições existentes na Universidade, o Presidente do Diretório Central de Estudantes está propondo, a exemplo do que já acontece na Pontifícia Universidade Católica, USP e Unicamp, que os dirigentes máximos da autarquia sejam eleitos diretamente pelos

estudantes, professores e funcionários.

Mas para isso, Hugo diz que “não temos um modelo de Universidade pronto. O que nós temos é um método de como vamos construir esse modelo, que deve passar pela abertura de espaços para que todos os cargos dirigentes (Coordenador de Curso, Chefe de Departamento, etc) sejam eleitos em cima da discussão da Universidade como um todo”. Um outro plano apontado por Manso é o de que a Universidade seja autônoma e, por último, que o Governo Federal destine 12 por cento do orçamento da União para o Ministério da Educação e Cultura.

Os planos de Júnior serão discutidos, nos dias 1.º, 2 e 3 de outubro, durante um Congresso que o DCE vai fazer com os professores, estudantes e funcionários. Durante esse Congresso será feita, oficialmente, a proposta de que o Reitor seja eleito diretamente pela comunidade universitária. Antes desse Congresso, Manso vai levar a sua proposta ao Conselho Superior de Ensino e Pesquisa — Consepe — da UFRN. □



O DCE tem várias frentes de luta

ESSE ESPAÇO VAZIO PODE SER RESPONSÁVEL POR MUITOS EMPREGOS A MENOS.

*Na economia de mercado, a propaganda não é um fim:
é um meio a serviço da Sociedade.*

Nos últimos tempos, a propaganda tem sido alvo de freqüentes críticas. Seus adversários alegam que ela motiva a compra de coisas desnecessárias, provoca frustrações em quem não alcança determinados bens e, muitas vezes, é enganosa.

Na verdade, a propaganda promove produtos e serviços que atendem a desejos e necessidades dos consumidores. O Homem sabe que sua existência é efêmera. Nada mais justo que ele procure viver melhor, desfrutando dos bens de conforto, lazer e cultura disponíveis.

A propaganda atende ao direito do consumidor de ser informado, podendo assim exercer a liberdade de escolha, fundamento da economia liberal.

Evidentemente, há anunciantes que procuram vender seus produtos através de mentiras e falsas ilusões. Mas não se pode julgar toda uma atividade necessária e digna por uns poucos que a exercem inescrupulosamente.

A propaganda é um elemento essencial ao bom funcionamento do sistema, pois é o meio mais econômico de comunicação entre produtores e consumidores.

Graças à propaganda, os jornais e revistas são oferecidos ao público por um preço muito inferior ao seu custo. E os programas de rádio e televisão chegam aos lares absolutamente

de graça.

A propaganda também colabora para que a imprensa seja independente e assim possa cumprir seu papel mais expressivo na vida de um país livre, que é informação e formação da opinião pública.

A propaganda traz benefícios de caráter educativo, na medida em que ajuda na criação de hábitos de higiene e cuidados com a saúde.

E, principalmente, como agente estimulador da atividade econômica e dos negócios, a propaganda dá condições para que as empresas continuem operando, preservando e gerando empregos.

Consciente de sua importância, a propaganda vem se tornando cada dia mais franca, mais informativa e mais atraente. E, como instituição, seu compromisso ético é com a verdade.

Por tudo isso dizemos que, na economia de mercado, a propaganda não é um fim em si mesma, é um meio a serviço da Sociedade.

MOVIMENTO NACIONAL PELA LIVRE INICIATIVA.

Coordenação do Conselho Nacional de Propaganda e participação deste veículo de comunicação.

Currículo: questão difícil e que só provoca debates

A formação de profissionais que não atendem às exigências do mercado de trabalho, o número excessivo de vagas nos vestibulares e a mudança constante dos currículos, que se distanciam cada vez mais da realidade de cada região são alguns dos muitos fatores que têm contribuído para baixar, ainda mais, o nível do ensino na universidade brasileira.

No Rio Grande do Norte, numa tentativa, até agora sem rendimentos positivos, a Universidade Federal vem reformulando seus currículos através da execução do Projeto de Apoio e Desenvolvimento ao Ensino Superior — Projeto Pades — numa proposta que consta de quatro linhas de ação: reformulação curricular; orientação acadêmica permanente; treinamento de professores; e avaliação de curso.

PROJETO PADES — Coordenado pela professora Selma Pereira, o Projeto Pades começou a ser implantado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1978, ainda na administração do reitor Domingos Gomes de Lima. Nesses quatro anos muito pouco foi feito para adaptar o currículo da Universidade Federal à realidade econômico e sócio-cultural do Rio Grande do Norte a partir de uma série de problemas, inclusive os entraves burocráticos.

Segundo Selma Pereira, coordenadora do Projeto Pades, "são muitos os problemas que têm afetado o pleno desenvolvimento do projeto de reformulação curricular da universidade", apontando entre os principais a falta de recursos — quando a Capes transferiu o Pades para a Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação os recursos ficaram escassos e ultimamente desapareceram — e a inexistência de pessoal de apoio, que obriga Selma e sua equipe de cinco professores dividirem as 40 horas de trabalho semanais entre a sala de aula, viagens aos campi avançados, as quase sempre improdutivas reuniões e os assessoramentos aos diversos departamentos que estão reformulando seus



Currículos confusos, complicados para os estudantes



currículos.

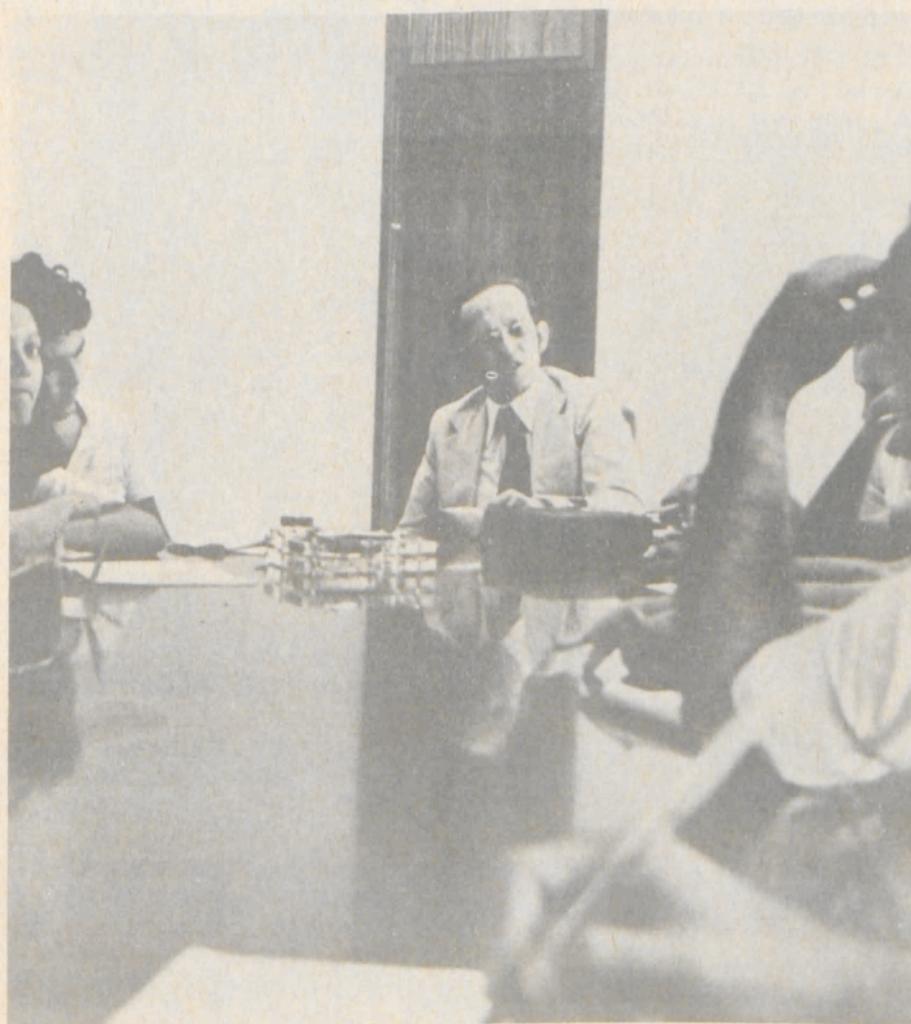
MOROSIDADE — Nesses quatro anos de existência, o Projeto Pades — menos por culpa de seus componentes — tem caminhado a passos de cágado. A coordenadora Selma Pereira não aceita a acusação de que o Projeto tem se caracterizado pela sua morosidade, mas a verdade é bem outra, pois para assessorar a reformulação curricular de onze dos 47 cursos que a UFRN oferece, a Comissão Didática Pedagógica levou, até este mês, 1.275 dias para concluir o trabalho, incluindo seminários com professores e alunos.

Mas os dados são mais alarmantes, como revela Selma, uma vez que dos onze cursos — Medicina, Farmácia, Engenharia Elétrica, Administração, Engenharia Física, Ciências Biológicas, Educação Artística, Fisioterapia

pia, Letras, Zootécnica e Economia Doméstica — que a comissão conseguiu concluir os seminários e realizar os trabalhos de reformulação curricular, somente Engenharia Elétrica, Administração, Medicina, Zootecnia e Economia Doméstica conseguiram implantar os novos currículos.

Mesmo levando 1.275 dias para deixar implantados apenas cinco novos currículos de igual número de cursos, Selma Pereira se mostra satisfeita com os resultados e até fala com empolgação do novo currículo do curso de Medicina, que antes formava médicos especialistas — o que é próprio da pós-graduação — e de 1980 para cá está formando o médico generalista.

Se a mudança foi de adjetivos ou não, o certo é que o vice-coordenador do curso de medicina, Stenio Gomes da Silva, está satisfeito com a formação do médico generalista, "pois vai atender a população do interior do Estado, onde a carência desses profissionais é acentuada". Segundo ele, no início da implantação



O Reitor fica no centro das questões, sem querer

do novo currículo a gritaria dos alunos foi geral, já que a maioria não aceitava a idéia de ir trabalhar no interior, mas com um trabalho de conscientização feito pelo corpo docente os alunos passaram a aceitar a formação do médico generalista.

Apesar das mudanças, Stenio não poupa críticas à universidade e acha que a instituição "deveria estruturar os currículos de acordo com a realidade do mercado de trabalho" e cita um exemplo da falta de critérios no oferecimento de vagas no vestibular: "O curso de Nutrição começou oferecendo vinte vagas no seu primeiro vestibular. Já com a saturação do mercado de trabalho, que absorveu parte dos profissionais formados nos primeiros anos, o número de vagas foi reduzido em 50 por cento".

O vice-coordenador do curso de Medicina, Stenio Silva, diz que as modificações do currículo não se prenderam apenas à formação do médico generalista, mas implantamos também estágio obrigatório em Pediatria, Tocoginecologia, Cirurgia, Medicina Clínica, Doenças Infecciosas e mais o estágio obrigatório do Crutac no hospital de Santo Antônio. Esse estágio, que é oferecido em um ano, passará para dois anos. Com isso, Silca acha que o ensino de Medicina sofrerá uma mudança para melhor. □

Naturalismo vai além das conversas. Agora é negócio

A moda dos produtos naturais não é mais em Natal simples modismo. O costume já se incorporou à rotina de muitas pessoas, transformou-se em hábito e, agora, já há mercado para que os negócios comecem a florescer à margem dos círculos de iniciados.

Há, no momento, três restaurantes de produtos naturais em Natal com uma clientela fixa, o que é um número bem razoável para a população da cidade. E, além de serem restaurantes frequentados por adeptos da alimentação natural que vêm nesse tipo de alimentação mais do que um meio de garantir a sobrevivência do corpo mas uma filosofia de vida, são também pontos de pessoas menos propensas a elucubrações filosóficas e que apenas apreciam o gosto e a maneira como esses produtos são preparados.

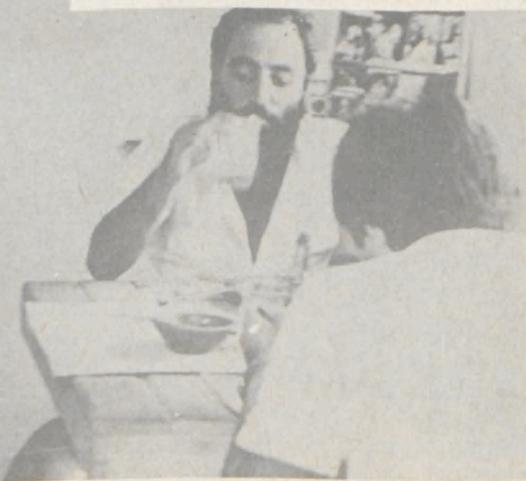
A CLIENTELA VARIADA — No AMAI, por exemplo, a clientela não

é só de adeptos de filosofias e costumes orientais. Os doces preparados com cebola ou abacaxi, as tortas de repolho, os pães de milho ou integrais — e mesmo os de centeio, por encomenda — atraem não pelo seu exotismo, mas porque são realmente bons. O pão integral da AMAI já não se confunde com alimentação macrobiótica, como no início. Trata-se, na realidade, de um pão com trigo integral produzido por método artesanal, todos os dias, esquentado ao sol. A diferença do pão produzido nas padarias é que não leva misturas como fermento — e, obviamente, brometo de sódio. São pães consistentes, sem açúcar, com alto teor de vitaminas e que podem ser consumidos pelas pessoas que fazem dieta.

Por isso mesmo cresce a cada dia a clientela do AMAI. As pessoas que procuram o restaurante se surpreendem porque não encontram “mato, nem coisa verde”, como muitos dizem, mas alimentação normal, absolutamente normal. O que os cultu-



Os restaurantes naturais atraem cada vez mais clientes



res da alimentação natural fazem questão de salientar é a diferença entre "comida natural" e a macrobiótica, diferença que o leigo nunca entende e, quando entende, se surpreende.

AS DIFERENÇAS — A cozinha natural — ao contrário da macrobiótica, não faz diferenças acentuadas entre tipos de alimentação, nem tem preconceitos contra esta ou aquela, embora evite o mais possível a carne e derivados de gordura animal. O termo já está claro: natural. Ou seja: o que não é artificial. Por isso o pão integral do AMAI, o do restaurante Cocco Verde, de Olga, ou do Cheiro da Terra, é consistente, porque não recebe nenhum aditivo.

O AMAI é o mais antigo dos restaurantes especializados em alimentação natural de Natal e o seu proprietário, Vécio Lisboa, é bastante identificado também com os segredos e hábitos da macrobiótica, que adota eventualmente.

CONCEITOS DA ALIMENTAÇÃO NATURAL — Mas quem se dedica à alimentação natural não porque apre-

cia a limpeza e a qualidade dos seus produtos mas porque compreende o alcance de sua finalidade, não pode deixar de compor um certo tipo de filosofia naturalista. Mas uma filosofia que tem seu lado prático. Eduardo Gurgel, por exemplo, é um desses filósofos práticos, que chegou a entrar na sociedade com Maysa para a implantação do restaurante Gosto da Terra, que já tem um ano e seis meses de funcionamento na rua Heitor Carrilho, 69. Para Eduardo, não existe só o lado terapêutico na alimentação natural. Para ele, quem não conhece bem todos os aspectos da alimentação natural, "ela não passa de comida menos saborosa, coisa para doentes e regime de emagrecer".

Mas esse tipo de nutrição, segundo Gurgel, proporciona também mais "leveza e capacidade de raciocínio", dentro daquele princípio de "mente sã, corpo sã".

— A alimentação natural deixa as pessoas mais harmoniosas e mais lúcidas. A época em que o vegetarianismo, a macrobiótica e regimes desse tipo eram coisas de contestadores já passou. Em nosso restaurante

vêm regularmente estudantes, burocratas, donas de casa, professores. Pessoas que sabem e sentem as melhoras de uma selecionada opção alimentar — diz Eduardo Gurgel.

Ele lembra o provérbio "seja a alimentação teu único remédio" para argumentar que, se não for assim, as pessoas sempre permanecerão escravas das "multinacionais da química, a ignorância da superstição ou fanatismo religioso".

Adepto da alimentação natural, Eduardo chega ao ponto de investir nela, juntamente com Maysa, que também já tem conhecimento e experiência no ramo. São sinais de uma tendência que vai ficando, filtrando-se dos primeiros impulsos, tornando-se costume. □



Na preparação da alimentação, o segredo dos restaurantes

Táxis: dúvida entre álcool e prestação para comprar

Os novos incentivos pretendidos pelo Governo Federal a serem dados aos motoristas de táxis não sensibilizaram grande parte deles porque o que se comenta não é a retirada do IPI e do ICM do valor do automóvel mas, sim, a alta prestação que deverá ser paga a Caixa Econômica Federal pela aquisição do veículo. "Não dá para um motorista de táxi em Natal

car em casa, porque estão acostumados ao ritmo de trabalho e, quando aposentados, compram um táxi". Esses, certamente, farão a troca.

Martins José Santos, 49 anos, 22 "trabalhando na praça" afirma que ele não comprará o carro a álcool porque as suas "posses" não dão para tal:

— Eu tenho um carro a álcool des-

grande parte de motoristas que ainda não possui seu carro:

— Eu que trabalho para os outros vou tentar comprar meu carrinho agora. E como eu vai ter muita gente que vai querer entrar nessa do Governo. É a oportunidade de alguns poderem deixar de trabalhar para os outros. A gente já vive apertado mesmo e se apertar um pouquinho mais não faz muita diferença.

O CARRO A ÁLCOOL — Odiado por uns e amado por outros o carro a álcool ainda representa uma controvérsia entre os motoristas. Alguns problemas ainda são apontados como é o caso de ter que esquentá-lo cada vez que o veículo fica desligado durante algum tempo. Mas o preço do



Táxis: a renda dá para pagar?

pagar uma quantia mensal em torno de 45 mil cruzeiros". Essa é a opinião generalizada, embora alguns confirmem que a medida governamental vai favorecer a troca de um veículo velho por um novo. No entanto, confirmam também que o "movimento não dá para se pagar a quantia da prestação".

Quem já tem um carro na praça tem que se aguentar com ele, porque o movimento de transporte mal dá "para sustentar a família", embora haja alguns que trabalham apenas por diversão e "por não quererem fi-

ses convertidos e gosto. Dá problemas mas todo carro é assim. Agora, não posso comprar um carro a álcool novo porque tenho três filhos e uma mulher para cuidar e o que eu ganho só dá mesmo para a gente comer. O problema não é a compra do veículo, mas sim pagar a prestação.

Antônio Marques Mendonça, 59 anos, trabalhando há três com táxi, antes era caminhoneiro. Afirma que o veículo a álcool para servir na praça tem suas vantagens e o Governo está certo em oferecê-lo por um preço bem menor porque vai beneficiar a uma

álcool em relação ao da gasolina também representa um chamariz para boa parte deles:

— Se não fosse o fato de ter que esquentar o motor em quase todas as vezes que o veículo pára muito tempo com isso aumentando o consumo, esse carro seria imbatível.

Outros afirmam que a manutenção do veículo também encarece o custo total e acaba sendo equivalente ao carro a gasolina. No entanto, essa não é a opinião de José Antônio da Silva Sobrinho:

— Eu acho que o Governo devia

era obrigar os motoristas de táxi, que são os maiores consumidores de gasolina do País, a usarem carro a álcool. Só assim se economizaria mais gasolina e poderia contribuir para a queda de importação deste produto.

AUMENTO — Mesmo que tenha causado toda essa polêmica em torno do novo tipo de financiamento, os motoristas de táxi não estão muito preocupados em saber se ele vai ou não beneficiá-los. A grande maioria está mesmo preocupada é em pedir do Governo um aumento que lhe dê maiores lucros:

— Eu acho que o Governo devia estar preocupado em nos dar um novo aumento, mas que pudesse mesmo melhorar a nossa condição de vida. Porque motorista de táxi não tem condição nem de sustentar sua família, quanto mais comprar carro.

Há também quem pense de outra forma, achando que o Governo deveria era procurar vender combustível mais barato para caminhoneiros e motoristas de táxi. Esse é o pensamento de Aneildo Marques:

— Eu não troco meu carro porque não tenho condições. O que eu acho é que nós motoristas de táxi deveríamos receber do Governo um incentivo diferente: gasolina a preço mais barato como ele vende para os outros países. Assim a gente passaria a ganhar mais e teria o suficiente para sustentar nossa família.

A REVERSÃO — Certo é que a grande maioria daqueles que, na chamada febre do álcool, converteram seus motores e algum tempo depois fizeram a desconversão deles. Segundo eles, foi “uma péssima experiência”. Mas ainda resta uma dúvida porque, segundo eles, ninguém sabe se o problema residiu na conversão, conforme explica Antônio Florentino da Silva:

— Meu carro era a gasolina. Troquei o motor para álcool e fiquei com muitos problemas. Mas ia aguentando, porque achava que eu estava economizando. Acabei chegando à conclusão que não era isso e passei novamente para motor a gasolina. Agora quem tem carro a álcool de fábrica diz que está muito bem, que o carro é bom, basta ter cuidado. Pode até ser que o problema seja da conversão. Não sei.

Ele afirma que não foi só ele quem fez isso. Muitos dos seus colegas já voltaram a usar o motor a gasolina



A praça problemática

por acharem mais econômico, porque — continua —, o problema é que a manutenção de um veículo convertido é muito cara. “Não sei o carro de fábrica também é assim”.

Em resumo, segundo as diversas opiniões, o fato é que o carro a álcool continua não levando muito crédito e, por seu turno, os motoristas ainda estão procurando levar em consideração vários fatores negativos para eles. Por outro lado, a grande maioria não está querendo assumir uma prestação que consideram alta para quem vive apenas do aluguel de seu veículo:

— O povo de Natal não anda muito de táxi e nós ganhamos, em média, por dia, cerca de três mil cruzeiros. Isso já retirada as despesas do veículo com combustível. E pneus? E óleo? E serviços? Eu acho que para mim não dá comprar um carro agora — afirmou Manoel Moreira.

O “JEITINHO” — Corre de boca em boca dos motoristas de táxi que pode acontecer um comércio ilícito do carro a álcool. Alguns deles já foram cantados para comprar o veículo em seus nomes e passarem para a pessoa, só lhes dando a quitação após o prazo permitido pelo Governo. Se diz também que muitas pessoas já procuraram as concessionárias para saberem se há “um jeitinho” no sentido de também entrar na jogada.

— O brasileiro é o fim. Tem sempre que está querendo ludibriar.

É o que afirma José da Penha Francelino. E continua afirmando que já recebeu convite de alguns conhecidos para comprar o carro e eles se responsabilizarem pelo pagamento, contanto que o veículo lhe seja entregue logo após a compra:

— Eu não entro nessa. Se não puder comprar o carro prá mim, não vou comprar para os outros.

Bombeiro mostra como pagar menos seguro contra-incêndio

Se o empresário natalense entrar na briga prá valer, pressionando o Governo do Estado à equipar adequadamente o Corpo de Bombeiros da cidade, as empresas aqui instaladas poderão ter uma redução de até 30% no pagamento do prêmio de seguro contra-incêndio, considerado aqui um dos mais altos do País. Conforme o IBR — Instituto de Resseguro do Brasil (que controla a taxa do prêmio), Natal está classificada em nível "3" em relação à prevenção contra-fogo e por este motivo o comércio e a indústria pagam uma taxa tão alta desse prêmio. O nível ideal é "1" e de acordo com o que adianta o Comandante dos Bombeiros, Capitão Pádua Crisanto, aquela Unidade Militar tem um projeto para colocar Natal no nível exigido. Faltam os recursos.

Descentralizar o Corpo de Bombeiros construindo um posto no Distrito Industrial de Eduardo Gomes/Macaíba, outro em Santos Reis e o terceiro em Igapó, permanecendo com o quartel onde está, em Lagoa Seca, colocaria Natal ao nível exigido de prevenção contra-incêndio. E para se fazer isso, não seriam necessários recursos tão altos. O problema é saber de onde carrear esse dinheiro. "Some-se Cr\$13 milhões para a aquisição de um carro SCJAR, com capacidade para mil litros, para ataque inicial, mais o dinheiro da compra de um jipe e ainda as instalações do posto, alugando-se uma casa com uma pequena garagem e dependência para um efetivo de seis homens que se terá a idéia dos recursos necessários para se equipar um posto do nosso projeto de descentralização. Depois, é só multiplicar isso por três que se terá o total do dinheiro necessário para que Natal seja classificada pelo IBR como de nível "1". Foi assim que expressou-se o Comandante Pádua ao ser indagado a respeito de quanto se mobilizaria na consecução do projeto do Corpo de Bombeiros.

IBR SABE DO CRESCIMENTO DA CIDADE — "Natal, de dez anos

para cá, triplicou em população, em área e no Comércio e na Indústria, nem se fala. Natal cresceu quatro vezes em altura. Há dez anos, só existiam os — pequenos — edifícios do Ipase e o São Miguel, ambos com pouco mais de cinco andares. Hoje, os espigões estão semeados pela cidade. Tudo cresceu, apenas o Corpo de Bombeiros continua com a mesma estrutura de antes. E o IBR sabendo disso, taxa, impiedosamente, o prêmio de seguro com um preço bem elevado. O Comércio e a Indústria é quem sofrem. Mas, o nosso projeto de descentralização, se agilizando, colocaria Natal a nível "1", em relação a prevenção contra-fogo, o que representaria, por conseguinte, um benefício em seguro para o empresário da terra".

O Comandante do Corpo de Bombeiros ao prestar esse depoimento deixou bem claro que "tudo será apenas uma questão de mobilização, de conscientização e, sobretudo, de pressão para que os recursos sejam conseguidos pelo governo do Estado beneficiando, primeiramente, ao empresariado e, por extensão, a toda po-

Pádua: medidas

pulação natalense". O projeto de descentralização do Corpo de Bombeiros objetiva deixar a cidade "cercada" de postos de emergência, tendo o quartel ao centro. Cada posto equipado com um carro SCJAR para o ataque inicial às chamas, enquanto se aguarda o carro tanque que tanta dificuldade tem em se deslocar até o local das chamas, pela própria topografia da cidade e também que "os nossos motoristas não são suficientemente educados para abrir caminho para carros de emergência", finalizou o Capitão Pádua Crisanto. □

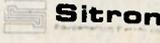
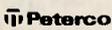




**Companhia
de Ferragens
Distribuidora**

*Ferramentas - Máquinas
Material Elétrico - Material de Construção
Ferragens - Abrasivos
Instrumentos de Medição Motores Elétricos
Eletrodos - Máquinas de Solda
Tubos e Conexões
Ferramentas Elétricas etc.*

Matriz: Recife-PE Filial: Natal-RN. R. Dr. Barata, 190 Tels.: 222.3571/8210/8033 — Natal-RN

Gasolina cara torna mau negócio hotel na estrada

Afirmado que "hotéis de apoio, localizados às margens de Rodovia não dão mais lucro, em virtude do alto preço da gasolina, como também o incentivo que o Governo vem dando em se fazer turismo de ônibus ou de avião", o empresário Luiz Porpino, que há dez meses havia arrendado o hotel Pousada do Sol, em Eduardo Gomes, resolveu entregá-lo em decorrência das altas despesas e o pouco retorno nos investimentos, motivado pela pouca frequência de hóspedes. No seu entender, os hotéis que têm perespectiva são aqueles situados mais no centro da cidade.

Porpino, ex-gerente do Ducal Palace Hotel, é considerado um expert em hotelaria. Quando arrendou o Pousada do Sol, conforme afirmou, pensou em fazer bons negócios na Pousada. "Nos primeiros meses, a coisa não foi lá tão ruim, mas agora tudo piorou. Se de um lado, a gasolina aumenta dia-a-dia, impossibilitando, por conseguinte, que o turista faça lazer em carro particular, por outro o governo incentiva o turismo coletivo em ônibus e as agências de viagem também facilitam tudo". E explicou: "Só em termos de Rio Grande do Norte, temos programa da Emproturn com "Os Caminhos do Elefante", levando pessoas a fazer turismo pelo Estado, pagando um preço realmente convidativo. Todos são de ônibus, deixando seus carros em casa. E o V.T.D. — Vão Turismo Doméstico — é também um convite ao turista coletivo, onde a pessoa viaja em confortáveis aviões com abatimento de 30%".

A INVIABILIDADE DO POUSADA DO SOL — O hotel Pousada do Sol está localizado no trevo de Eduardo Gomes, que bifurca as saídas para Recife e Fortaleza. Até bem pouco tempo, adiantou Porpino, quando a gasolina era barata, aquela casa registrava taxas de ocupação consideradas ótimas. "Naquele tempo, todo mundo podia viajar de carro e ficar longe do centro da cidade. Dez, quinze ou vinte quilômetros de per-



Porpino: difícil

curso para ir ao centro não representavam grandes despesas. Mas, agora, que 90% do turismo se faz de ônibus ou avião, hotéis de beira de

estrada não são mais rentáveis, como é o caso do Pousada do Sol, apesar de ser um hotel muito bom, de lazer", aduziu Porpino.

De um modo geral, o que fez Luiz Porpino entregar o Pousada do Sol foi mesmo a distância daquela casa ao centro da cidade: dezoito quilômetros. Se o hóspede chegava lá de carro particular, o custo final de sua viagem ficava bastante elevado, em consequência dos litros de gasolina que, forçosamente, teria que consumir no veículo. E se não tinha carro, vinha então o problema do taxi, naquela área não muito fácil e sempre p motorista cobrando o retorno. Para servir de exemplo, uma corrida do Pousada do Sol ao centro da cidade nunca fica por menos de Cr\$ 1.500,00. □

EMPRESARIO. ESTE PESSOAL ESTA A SUA DISPOSIÇÃO. CONSULTE O SINE-RN

Rua Trairi, 345 — Petrópolis • Tels.: 222-3442 e 222-1006 • Natal-RN

RECEPCIONISTA

- A-30.407 — solteira, 1 ano e 3 meses de experiência.
- A-13.557 — solteiro, 21 anos, 1 ano de experiência.
- A-12.259 — solteiro, 22 anos, 2 anos de experiência.
- A-10.841 — solteira, 21 anos, 3 anos e 4 meses de experiência.

RELAÇÕES PÚBLICAS

- A-20.357 — solteiro, 29 anos, 7 anos de experiência.
- A-7672 — solteira, 32 anos, 2 anos de experiência.
- A-30.212 — solteira, 25 anos, sem experiência.

PSICÓLOGO

- A-17714 — solteira, 26 anos, 4 anos de experiência.
- A-7523 — solteira, 32 anos, 1 ano de experiência.
- A-10.333 — solteira, 29 anos, 2 anos de estágio.

TÉCNICO EM CONTABILIDADE

- A-30.949 — solteiro, 25 anos, 2 anos e 5 meses de experiência.
- A-33.434 — casado, 27 anos, 7 anos de experiência.
- A-7433 — solteiro, 27 anos, 3 anos de experiência.
- A-20.232 — solteiro, 30 anos, 4 anos de experiência.

AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS

- A-34.641 — solteiro, 22 anos, 2 anos de experiência.
- A-32.700 — viúva, 42 anos, 1 ano e 3 meses de experiência.
- A-34.550 — solteira, 32 anos, 6 anos de experiência.
- A-32.667 — casada, 39 anos, 2 anos de experiência.

PSICÓLOGO

- A-17714 — solteira, 26 anos, 4 anos de experiência.
- A-7523 — solteira, 32 anos, 1 ano de experiência.
- A-10.333 — solteira, 29 anos, 2 anos de estágio.

TÉCNICO EM CONTABILIDADE

- A-30.949 — solteiro, 25 anos, 2 anos e 5 meses de experiência.
- A-33.434 — casado, 27 anos, 7 anos de experiência.
- A-7433 — solteiro, 27 anos, 3 anos de experiência.
- A-20.232 — solteiro, 30 anos, 4 anos de experiência.

AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS

- A-34.641 — solteiro, 22 anos, 2 anos de experiência.
- A-32.700 — viúva, 42 anos, 1 ano e 3 meses de experiência.
- A-34.550 — solteira, 32 anos, 6 anos de experiência.
- A-32.667 — casada, 39 anos, 2 anos de experiência.

GERENTE DE VENDAS

- A-18.107 — solteiro, 20 anos, 2 anos de experiência.
- A-14.877 — solteiro, 20 anos, 1 ano e 4 meses de experiência.
- A-7005 — casado, 39 anos, 5 anos de experiência.
- A-18.107 — solteiro, 20 anos, 2 anos de experiência.

BALCONISTA

- A-12.464 — solteiro, 18 anos, 1 ano e 10 meses de experiência.
- A-15.006 — solteira, 26 anos, 1 ano e 3 meses de experiência.
- A-14.684 — solteira, 33 anos, 3 anos de experiência.

CHEFE DEPT. ° PESSOAL

- A-10.967 — solteiro, 29 anos, 1 ano de experiência.
- A-6506 — casado, 33 anos, 4 anos de experiência.
- A-30.120 — casado, 30 anos, 3 meses de experiência.

DETRAN EM NOVAS INSTALAÇÕES CAPACITOU-SE PARA SERVIR MELHOR

Foi um esforço obstinado, mas os resultados altamente compensadores: o Departamento de Trânsito do Rio Grande do Norte está, afinal, implantado numa sede que dispõe de todas as condições técnico-administrativas para um atendimento adequado ao público e para executar a sua missão de planejar e orientar o trânsito de todo o Estado. No comando desse esforço esteve o próprio Diretor-Geral do Detran, Gastão Mariz que, com a inauguração da nova sede do órgão, vincula definitivamente a sua figura de técnico e de homem público à história do trânsito do Rio Grande do Norte. Pois, além do sucesso dessa ousada realização — que implicou num investimento de Cr\$ 100 milhões — foi também na administração de Gastão Mariz que o Departamento Estadual de Trânsito passou a ser autarquia, em 18 de dezembro de 1975.

Para que o Detran pudesse executar o projeto da sua sede — no qual o total dos recursos aplicados foram provenientes da sua própria receita — foi indispensável, como reconhece Gastão Mariz, o apoio e a determinação do Governo Lavoisier Maia, do ex-Secretário da Segurança Pública, coronel João José Pinheiro Veiga e a participação de todos os funcionários.

O QUE É A NOVA SEDE — A nova sede do Detran foi, de fato, um passo importante para a melhoria geral dos seus serviços, em todos os níveis. Planejada de acordo com as mais atuais normas técnicas, tem uma área coberta total de 6.305,80 m² e nela estão distribuídos os seguintes setores: Coordenadoria de Registro e Fiscalização, Setor Comunitário, Coordenadoria de Habilitação, Auditório, Diretoria Geral, Unidades Setoriais, Coordenadoria de Operações.

Dentro dessa nova estrutura física, o Departamento Estadual de Trânsito proporciona ao público mais amplas condições de atendimento e se ajusta às normas operacionais mais modernas. O início das obras da nova sede do Detran foi em 1978. Paralelamente, o órgão foi direcionando a sua estrutura no sentido de flexibilizar e agilizar os seus serviços ao público, de modo a atender, de maneira adequada, ao aumento da procura. A conclusão da sede e a sua implantação complementaram o conjunto de ajustamentos.

O BALANÇO EQUILIBRADO — Uma medida da emoção e do significado da nova sede do Detran estão nas palavras de um dos seus principais inspiradores, Gastão Mariz, proferidas por ocasião da solenidade de inauguração. Ciente das lutas travadas e das dificuldades superadas, Gastão Mariz observou, naquela ocasião:

— Não são muitos os homens que têm, na vida pública, a satisfação gratificante de ver iniciada e consolidada, sob sua direção e responsabilidade, o



embasamento legal, a estrutura organizacional e a instalação física de uma entidade a que tenha dedicado uma parte ponderável, talvez a mais profícua, da sua existência.

Num ato de grande significado para os que fazem a política de trânsito no Estado, Gastão Mariz situou, com propriedade, o contexto da sua realização. E traduziu o espírito do empreendimento nessas palavras:

— Só posso agradecer humildemente à Deus por ter-me privilegiado com essa condição, permitindo-me estar à frente deste Departamento Estadual de Trânsito quando da sua institucionalização como autarquia, através da Lei n.º 4.532, de 18 de dezembro de 1975, e, agora, na solenidade de inauguração das suas modernas instalações.

JUSTO ORGULHO — A ocasião era, na verdade, oportuna para o justo orgulho de Gastão Mariz e sua equipe, porque significava também um marco na própria história do trânsito do Estado. No organograma administrativo do Rio Grande do Norte o Departamento Estadual de Trânsito é um órgão da administração indireta, vinculado à Secretaria da Segurança Pública.

Essa transformação possibilitou ao Detran as condições para a prestação de serviços na racionalização e planejamento do trânsito em todo o território estadual. A capacidade de auto-adminis-

tração foi importante por lhe conferir a condição de apresentar rentabilidade no decorrer do desempenho das suas atribuições específicas.

E esse desempenho tem apresentado índices dos mais positivos. Revendo-se os números da sua atuação em 1981, por exemplo, tem-se que a Coordenadoria de Registro e Fiscalização apresenta a seguinte estatística: renovação de veículos na Capital — 38.456; renovação de veículos no Interior — 24.523.

A Coordenadoria de Habilitação, também em 1981, proporcionou o seguinte quadro: expedição de novas CNH-B — 5.624; expedição de novas CNH-C — 3.643; expedição de novas CNH-A2 — 579; renovação de CNH motorista — 9.541; renovação de CNH motociclista — 104; via de CNH — 857.

Já o Registro de Veículos tem atuado de maneira mais dinâmica com o sistema de descentralização através das agências do Bandern. O processo de fornecimento de novas carteiras foi dinamizado com a agilização do trâmite do fluxo de documentos e papéis, tudo organizado da maneira mais prática possível, visando a melhor servir o público.

Com a nova sede, todos os serviços já estruturados ganham a oportunidade de maior operacionalidade, fazendo com que o público seja atendido mais rápida e eficientemente.

A DEDICAÇÃO — É compreensível



Gastão: meta cumprida

a emoção de Gastão Mariz ao longo do seu discurso, na solenidade de inauguração da nova sede do Detran. Em outro trecho, ele assinala:

— Sinto-me orgulhoso de encontrar na representatividade desse evento uma parcela do meu esforço e de minha obstinação, mas de reconhecer no contexto dessa obra, acima de tudo, a dedicação e o amor dos servidores do Detran, do mais graduado ao mais singelo funcionário, do mais antigo ao mais novo, de todos, sem exceção de nenhum, que têm nesta instituição o meio mais adequado para bem servir a gente e a terra norte-riograndense. Sem eles, nada disso teria sido feito, nada disso teria sentido.

E, ainda sob esse aspecto, destacou o diretor-geral do Detran:

— Em pé de igualdade com a dedicação e o amor de nossos servidores, quero registrar, por oportuno e de direito, o empenho e a tenacidade aplicados pelo coronel João José Pinheiro Veiga à viabilização dos objetivos dessa entidade, sensibilizando os Exm^{os}. Srs. Gover-

nadores Tarcísio de Vasconcelos Maia e Lavoisier Maia Sobrinho, os quais, com a amplitude de visão que os caracterizam, sempre emprestaram, no seio da programação dos seus Governos, a necessária e adequada prioridade aos projetos de serviços e obras do Detran.

O SISTEMA — Explicando o posicionamento da obra, disse Gastão Mariz:

— O complexo arquitetônico que hoje está sendo entregue ao povo do Rio Grande do Norte já abriga um vasto sistema técnico-administrativo responsável pelos serviços de trânsito em todo o território estadual, além de propiciar uma evidente melhoria dos meios de atendimento à população, resulta também na elevação do nível de eficiência da instituição e numa maior eficácia da sua ação.

E acrescenta, dizendo que “se trata, inegavelmente, de uma obra considerável, mormente quando se considera o estágio de desenvolvimento de nossa região”.

E faz a seguinte ressalva:

— Maior relevância alcança este empreendimento quando se atenta para o fato de que os recursos necessários à sua concretização, independentemente de antecipações creditícias, originaram-se exclusivamente de arrecadações e receitas próprias da entidade feitas, disponíveis graças a uma cuidadosa, criteriosa e racional administração financeira, onde propugnou-se pela eliminação de gastos supérfluos, mantendo, no entanto, ativos e eficientes os serviços inerentes aos seus objetivos maiores.

Para Gastão Mariz, “isto significa que, em nenhum momento, as atividades básicas do órgão foram descuidadas, nem o padrão de serviço comprometido, não se deixando de, por um só instante, exercer as funções de orientação, organização e disciplinamento do trânsito das áreas urbanas do Rio Grande do Norte”.

TRABALHO CONTINUADO — Outro ponto que o diretor-geral do Detran achou importante destacar foi:

— Para que tal fato se estabelecesse como verdade, os trabalhos continuaram a ser orientados de forma racional e objetiva, preservando-se a eficiência do instrumental disponível em prol de uma eficácia programática, que tiveram por

fundamento um tratamento técnico e científico dos problemas do tráfego, através da aplicação de normas de engenharia de trânsito, tendo em vista sempre o bem-estar econômico e social da comunidade norte-riograndense.

Observou que “para que melhor se aquilate os aspectos ora ressaltados, é válido elucidar que, dos 287 milhões de cruzeiros que constituíram a receita do Departamento no período de 1979 a 1981, 90 milhões foram aplicados nesta obra”.

E aduziu:

— Para sua conclusão, portanto, foram vinculados apenas 10 milhões de cruzeiros no orçamento da autarquia neste exercício.

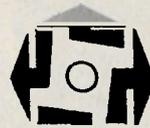
Gastão Mariz também foi preciso ao dizer:

— Chamo a atenção, ainda, para o fato de que os valores relatados estão expressos a preços correntes, sendo bem maior o mérito da administração estadual se for considerado que os 100 milhões de cruzeiros aplicados no projeto têm, necessariamente, mais ampla valorização se forem estimados a preços atuais.

A posição do diretor-geral do Detran foi expressa, de outro lado, nessas afirmações:

— Plenamente coerente com a orientação superior do Governo do Estado, o Detran tem como diretriz principal um atento, pronto e adequado atendimento aos seus usuários, servindo ao povo por dever e por princípio, buscando contribuir, nos limites de suas possibilidades, para a melhoria do bem-estar coletivo, promovendo a elevação dos níveis de segurança e emprestando sua parcela de esforço à tarefa ingente de promoção de desenvolvimento sócio-econômico do Rio Grande do Norte.

— Por ser tempestivo — continuou Gastão Mariz, completando o seu pensamento e traduzindo a sua emoção — valho-me do ensejo para expressar perante o ilustre Secretário da Segurança Pública, coronel José Fernandes Delgado, a confiança de todos os seus auxiliares que fazem o Departamento Estadual de Trânsito do Rio Grande do Norte e dizendo-lhe da disposição de todos em, sob o seu esclarecido comando, fazer cumprir, sem esmorecimento, os mais altos propósitos do Governo do Rio Grande do Norte.



DETRAN RN

Jesiel não desiste de uma luta inglória pelo teatro

Para Jesiel Figueiredo existem dificuldades para se fazer teatro em Natal; mas existe também uma acomodação. Mas observa que até agora ele não se acomodou. Cita como exemplo a dificuldade de se poder conseguir uma ajuda oficial, por menor que ela seja. Mas, aí se insiste e faz "cara de sem-vergonha" e termina se conseguindo alguma coisa. Jesiel diz também que é difícil às vezes até funcionar dentro de um teatro oficial onde alguns dos empregados são antigos funcionários públicos e que se torna difícil de lidar.

— Topando a parada e forçando a barra, você consegue.

Uma das boas experiências de Jesiel Figueiredo foi com o Teatro do Sesi que funcionou, em seu princípio, com amadores ligados a indústrias e filhos de industriários. Depois, ele passou a ser uma companhia de

ROSEMILTON SILVA

profissionais. Devido a problemas financeiros, no ano passado, a companhia foi desfeita e voltou-se a trabalhar com operários e filhos de operários.

DIFICULDADES — Lutando com muita dificuldade, Jesiel continua mantendo um grupo de teatro infantil, onde faz e adapta os textos de histórias infantis, confecciona cenário e guarda-roupa e ainda dirige e participa do espetáculo com ator. O teatro infantil nasceu, segundo o teatrólogo, de uma paixão do próprio grupo, mas ele mesmo diz que não "queria nem pensar na idéia":

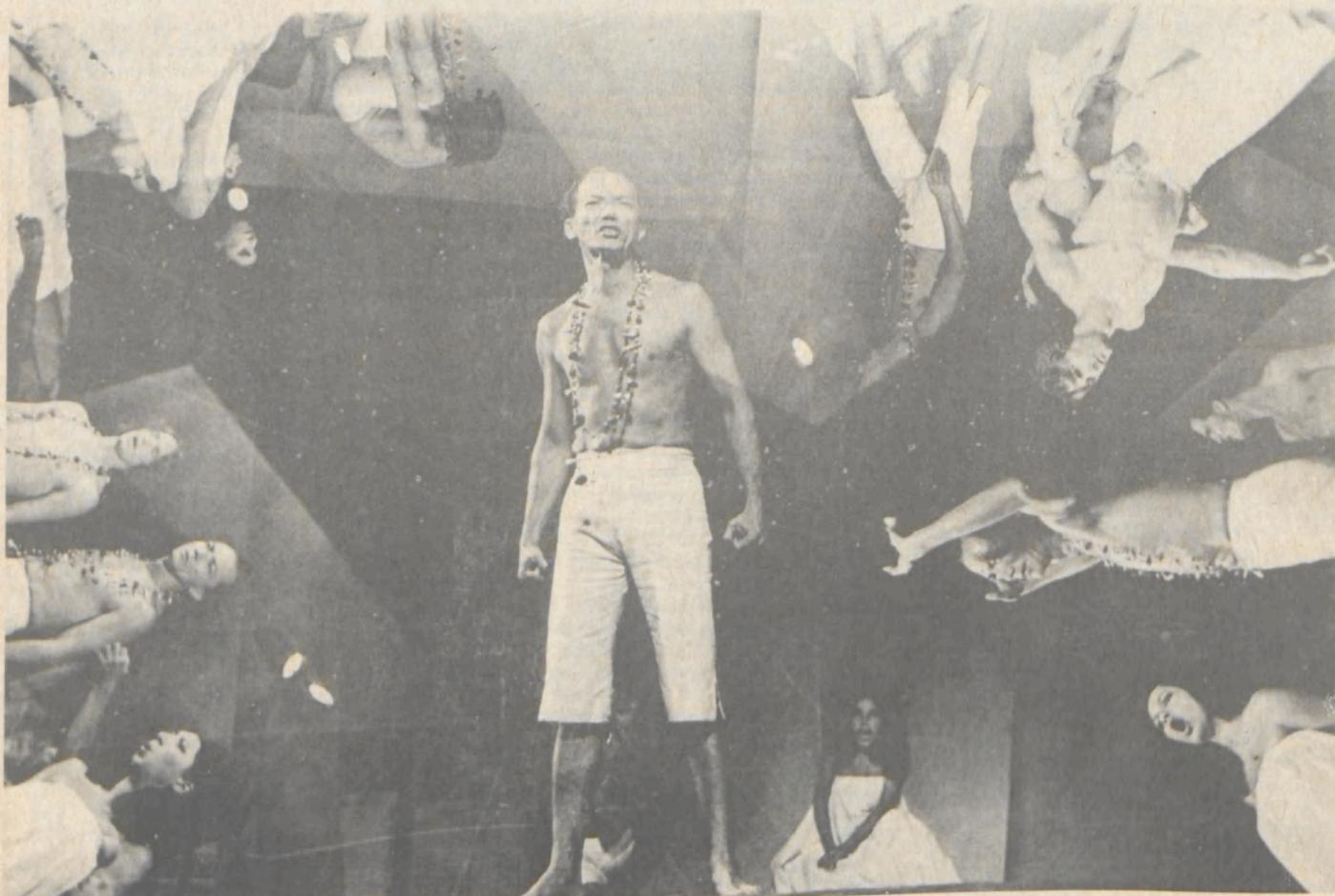
— Eu achava teatro infantil uma coisa menor. Era na época em que eu vivia me dedicando aos "calígulas". Aí, veio a primeira experiência e, de

repente, eu próprio me apaixonei.

A idéia de conquistar um público infantil e fazê-lo futuro, ele diz que esse público é sempre maravilhoso. As montagens eram baratas "coisa de quem não tinha dinheiro mesmo" e fazendo espetáculos sempre aos sábados e domingos, durante o ano letivo, cobrando, no início, ingressos a cinquenta centavos bem inferior ao preço do cinema. Para cada peça — continua — eles faziam, no mínimo, oito a dez espetáculos e era um sucesso muito grande:

— Depois as coisas foram ficando mais caras, os atores foram se valorizando e não eram mais inteiramente amadores e eu tinha que gratificar o pessoal, mesmo que fosse simbolicamente e tivemos que aumentar o preço. A proporção que tivemos de aumentar nós perdemos uma parte do público. Ficamos com o pessoal da classe média para cima.

TEATRO INFANTIL — Foi aí — continua — que houve a época em que João Faustino entrou na Secretaria de Educação e implantou o teatro infantil nas escolas e de lá para cá, as vezes até por intermédio dele, o teatro nas escolas continua:



Jesiel, uma batalha sem trégua em benefício do teatro

— Com isso, conseguimos atingir a classe média e alta e as outras faixas, do pessoal mais pobre, mais carente, porque a Secretaria sempre tem nos ajudado levando o teatro às escolas.

Por outro lado, o teatro infantil continua sendo levado ao Alberto Maranhão na base de muita boa vontade, já que a cidade é muito pobre e quando se aumenta o ingresso há "uma grita geral". Segundo Jesiel Figueiredo, o nível do teatro é muito bom, com um pessoal experimentado em apresentações, embora em termos de montagem tenha sido mais pobre:

— Mas dá para ir aguentando. E os atores são mais experientes, o cachet tem que ser melhor. E o público tem sido sempre bom. É um público que vai se acostumando a ir ao teatro. Com "Liberdade, Liberdade" estamos começando um trabalho para tentar levar o adolescente ao teatro porque a faixa etária de 12 a 18 anos ficou sem opção para ir ao teatro, porque "Branca de Neve" já não mais interessa a esse público.

Continua afirmando que há uma tentativa de dar continuidade ao trabalho iniciado com o teatro infantil, abrindo novos espaços para esse público e, com isso, continua fazendo um público que deverá continuar indo aos espetáculos apresentados.

A VIDA DE UM DIRETOR — Jesiel Figueiredo se confessa ser um trabalhador de teatro por questão de necessidade. As pessoas pensam que ele vive em casa numa grande cama redonda, com um quarto acarpetado. Enganam-se. Ele trabalha muito e duro, não tendo dias santos nem feriados:

— Eu me considero um trabalhador braçal. Mas graças a Deus, com esse trabalho, eu tenho meu carro 78. A vida é dura, trabalho muito, mas eu não queria outra vida.

Na tentativa de levar outro tipo de público para o teatro, Jesiel Figueiredo diz que quando montou "Arena Conta Zumbi", para o Sesi, que ficou muito boa e os atores que fizeram essa montagem continuam com ele e aquele espetáculo foi assistido praticamente pelo público do Sesi e o pessoal da cidade. O público mais jovem não viu. Por isso, ele diz que "Liberdade, Liberdade" continua enquanto tiver assistência. Logo depois da Copa, ele vai continuar e, quando ter-



A vida de diretor-ator não é fácil, em Natal

minar, o grupo estará mostrando "Arena Conta Zumbi".

SEM ACUSAÇÕES — Para ele, se alguém conseguiu entrar, pelo menos, o seu trabalho em alguma coisa, essas pessoas que tentaram isso já foram inteiramente derrotadas pelo próprio resultado do trabalho. Não adianta — diz — uma pessoa recalcada e que não quer deixar os outros fazerem aquilo que estão querendo, lutando contra, porque não colhe frutos:

— A onda é muito grande. Nós temos assim apoio de pessoas outras, de jornalistas, de diretores de colégios, de pessoas da Universidade e mesmo de colegas de teatro de outras cidades.

Para ele, não adianta se tentar entrar um trabalho sério porque essas pessoas vão continuar mais recalcadas ainda.

Falando sobre a criação do Teatro Sandoval Wanderley, o "Teatrinho do Alecrim", disse que ele representou alguma coisa, mas não foi ainda aquilo que poderia representar.

Acha que o "Teatrinho" precisa ser revisto em termos de utilidade pública:

— Eu acho que o diretor do teatro, secretários diretamente ligados à cultura, gente de jornal, a gente pensar em como dirigir a platéia. O Teatrinho ainda não conseguiu com os espetáculos que nós temos feito lá atingir a platéia do Alecrim. Já lotei aquilo com um espetáculo da própria Secretaria de Educação e Cultura, mas foram distribuídos convites. Eu queria ver lotarmos aquilo ali com ingresso pago. O pessoal do Alecrim precisa ver o Teatrinho como uma opção de lazer. O Teatrinho precisa ser repensado em sua utilidade.

Jesiel Figueiredo finaliza dizendo que todos nós somos responsáveis pelo Teatro Sandoval Wanderley. Esse "todos nós" não se refere apenas aos atores e diretores de teatro, mas aos órgãos oficiais, aos grupos de teatro:

— O Teatrinho podia ser melhor utilizado. Precisa que todos nós nos reunamos e bolemos um plano. □

IMPORTÂNCIA DE UM PRÊMIO

FRANKLIN JORGE

O Prêmio Governador do Estado, versão 82, é bem o fruto do posicionamento de um pequeno grupo de artistas encabeçados por Diniz Grilo e Vicente Vitoriano que, há três anos, assumiu uma atitude claramente política e inquestionavelmente digna, ao retirar, em sinal de protesto, os seus quadros então expostos na Biblioteca Câmara Cascudo. Esse gesto inusitado e histórico, que deixou o folclorista Deífilo Gurgel profundamente chocado, serviu sobretudo para abrir novas perspectivas — menos equivocadas — no relacionamento entre o Sistema e o homem enquanto Criador.

A revisão de posições de ambos os lados, diante do ocorrido, era inevitável. O artista norte-riograndense, sempre acomodado — ao contrário de seus colegas da Paraíba, do Ceará, de Pernambuco e do Piauí — não mais se contenta com as migalhas, nem deseja ser encarado como pedinte de favores governamentais. Deseja tão somente a parte que lhe cabe, parte a que tem direito como criador que repensa e recria o universo coletivo, enriquecendo-o com a sua visão pessoal da vida.

É evidente que nada se faz sem luta e sem discussões, mormente no plano mental. A vida do espírito é cheia de inquietações e, segundo a fórmula pascaliana, existir é pensar. E, pensar sempre esteve associado ao verbo questionar. Principalmente numa política cultural, que tem o dever primordial de elevar cada vez mais o nível intelectual e artístico da comunidade, o conformismo diante da rotina gera, além do marasmo espiritual que envilece o homem, a mediocridade de um produto que em nenhuma hipótese pode ser concessivo. E por que não pode ser concessivo? Porque, é óbvio, ninguém é realmente obrigado a produzir uma obra de arte; mas, ao produzi-la, tem o dever moral (implícito no próprio ato de criação) de dar o melhor de si. Somente dessa forma o seu trabalho se justifica. O contrário é a mediocridade.

Desse choque salutar que na época passou despercebido do público, mas assim mesmo de capital importância para a reciclagem e, conseqüentemente, para o enriquecimento da própria política cultural, que só tem a ganhar com o debate de idéias, surgiu o que é hoje o Prêmio Governador do Estado. Não mais uma láurea inexpressiva, mas um evento cultural que já começa a despertar o interesse dos artistas de primeira linha. Logo, o Prêmio Governador do Estado, não resta dúvida, se constituirá em um termômetro da produção artística do Rio Grande do Norte, na medida em que os interesses dos artistas e da Fundação José Augusto forem se ajustando, progressivamente, através do questionamento de idéias e programas.

Em 1981, juntamente com o artista Túlio Fernandes Filho e o professor Antônio Ari da Rocha, compus o

júri especial que atribuiu a Vicente Vitoriano e a Marília Cavadas o Prêmio de Aquisição Sul América. Estabelecemos então, após calorosos debates, a criação de uma ata para consignar de forma duradoura e inequívoca as nossas deliberações. Fizemos constar ali algumas sugestões e, ao mesmo tempo, nos comprometemos, os três, a endereçar ao Presidente Valério Mesquita, da Fundação José Augusto, um documento contendo críticas e sugestões. Até hoje o documento não foi redigido, infelizmente; mas lembro-me de que discutimos acerca da obrigatoriedade de inclusão de um crítico de arte credenciado, e não simples picareta ou dondoca deslumbrada, em todo júri dessa natureza.

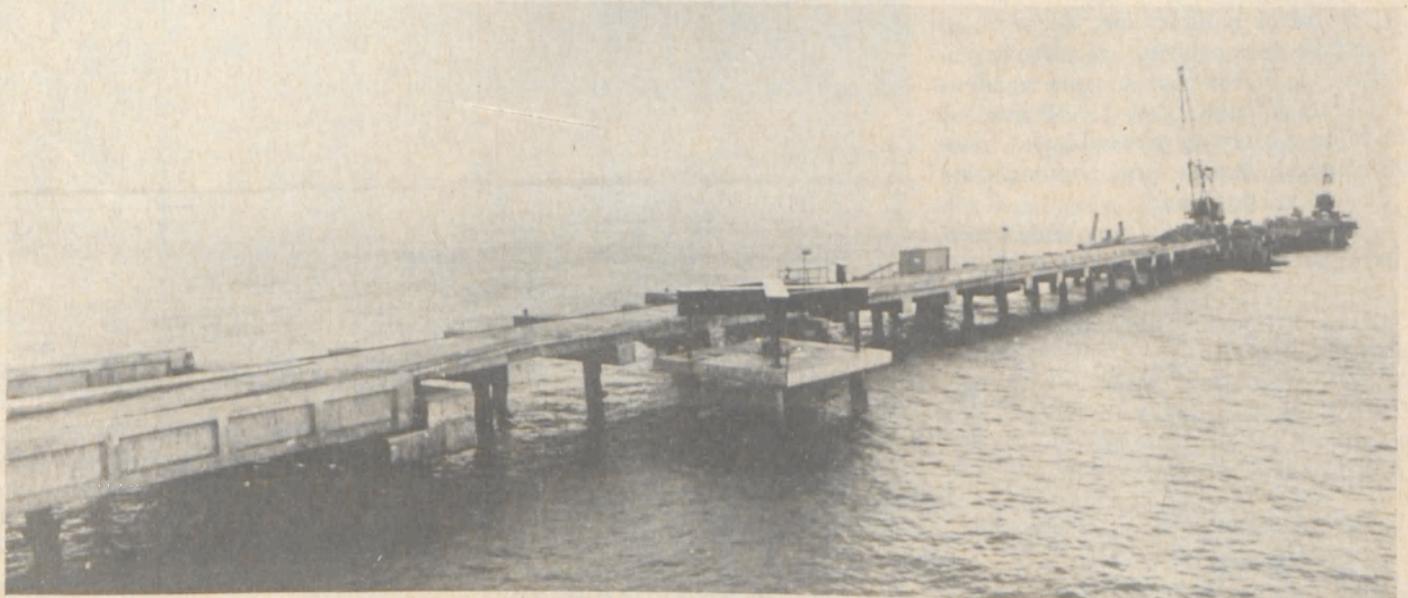
A atribuição de um prêmio pressupõe uma consagração. Não pode ser concedido a qualquer artista, aleatoriamente, por ignorância da comissão julgadora. Há muitos anos, a artista carioca Sílvia Chálreo foi desclassificada no Salão Nacional, porque um dos jurados, mero curioso, alegou que o azul com que a artista pintara o céu de sua paisagem “era por demais azul”. Não existe nenhuma lógica nesse tipo de julgamento, que equivale, mais ou menos, ao “gosto ou não gosto”, critérios que dependem, exclusivamente, do nível cultural de cada um... Em geral, no Brasil, sempre abaixo do razoável.

É pelo conhecimento da técnica — seja da pintura ou da literatura — que superamos, em princípio, essa tendência que todo ser humano tem para o julgamento puramente subjetivo. E o conhecimento da técnica advém do seu exercício ou de sua pesquisa, demanda tempo e trabalho. Não é coisa que se aprenda entre o mordiscar de um brioche e outro gole de chá... Mesmo quando se leva a vida inteira participando desses chás de caridade.

O valor do Prêmio em dinheiro aumentou consideravelmente, em decorrência dessas mudanças todas. Há em toda província uma crença que dá bem a medida da pouca importância em que se tem o trabalho criativo. Diz-se paradoxalmente que um quadro não tem preço, quando, em uma sociedade capitalista, tudo tem seu preço. Esta crença, quase uma religião, nos exime de dar o preço real de um quadro. E assim os artistas continuam a ser vistos, romanticamente, como seres etéreos, acima das vulgares contingências do dia a dia.

A correção monetária do Prêmio Governador do Estado, neste ano, além de pertinente, provavelmente elevará o nível de qualidade dos trabalhos inscritos. E, desta forma, todos sairão gratificados: os artistas, porque sentirão concretamente a valorização do seu trabalho; e a Fundação José Augusto, porque, ao propiciar esse confronto de individualidades, estará cumprindo plenamente sua filosofia de trabalho voltado para a preservação e a valorização de bens culturais.

Suape: progresso x ecologia



Mesmo com o protesto dos ecologistas, o porto de Suape toma forma

O maior canteiro de obras no Nordeste situa-se atualmente numa área de 54 mil hectares entre os municípios de Ipojuca e Cabo, integrantes da Região Metropolitana do Recife onde está sendo construído o Complexo Industrial Portuário de Suape.

Obra considerada faraônica e condenada pelos ecologistas que apontaram a devastação da área como um dos maiores crimes contra a natureza, após sete anos de iniciada, já tem aplicados investimentos da ordem de 75 milhões de dólares e se constitui um projeto irreversível.

Para arrefecer os ânimos dos defensores da natureza, o secretário Luís Siqueira, responsável pela execução do projeto, defende-se afirmando que ao lado da ênfase dada a implantação da infra-estrutura de promoção industrial, a Empresa Suape dispensa especial atenção aos projetos relativos a preservação do ambiente.

BARRAGENS — Em torno das barragens, diz o secretário Luís Siqueira, desenvolve-se um trabalho de recomposição da fauna e flora para compor o Parque Natural Estadual, voltado especialmente para visitação e pesquisas.

Uma barreira florestal está sendo

PEDRO FRANCISCO, do Recife

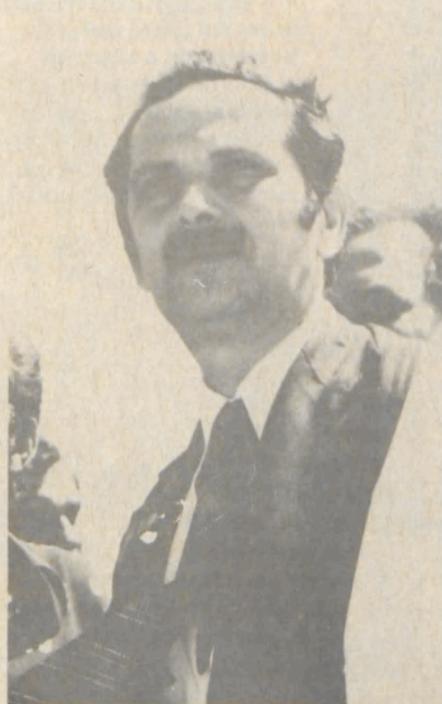
erguida numa área de aproximadamente, 3.400 hectares, entre as zonas industriais e residenciais. A primeira etapa corresponde a 688 hectares, implantados com o apoio do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Flo-

restal — IBDF —, onde foram plantadas cerca de 200 mil mudas de árvores frutíferas e madeiras nativas e, igualmente, desenvolve-se um projeto de reserva biológica de mangues, totalizando 600 hectares.

Com o apoio da Sudepe, explica Luís Siqueira, está em fase de conclusão a ampliação da Estação de Piscicultura de Água Doce de Suape, com capacidade para 100 mil alevinos, objetivando a preservação da ictofauna nativa e melhoria do padrão de vida alimentar dos habitantes da região.

Na parte referente à preservação cultural, em convênio com a Fundarpe, foi elaborado um projeto de recuperação e valorização dos monumentos históricos do Cabo de Santo Agostinho, no município do Cabo, além da recuperação de igrejas e outros sítios históricos existentes nos 54 mil hectares entre os municípios de Ipojuca e Cabo onde está sendo construído o projeto.

PROBLEMAS — Mas os problemas enfrentados pelos organizadores do Projeto Suape não foram somente com a ecologia. O uso e ocupação do solo também recebeu muitos protestos. Agricultores, pescadores forçados a sair do lugar, lutaram por seus



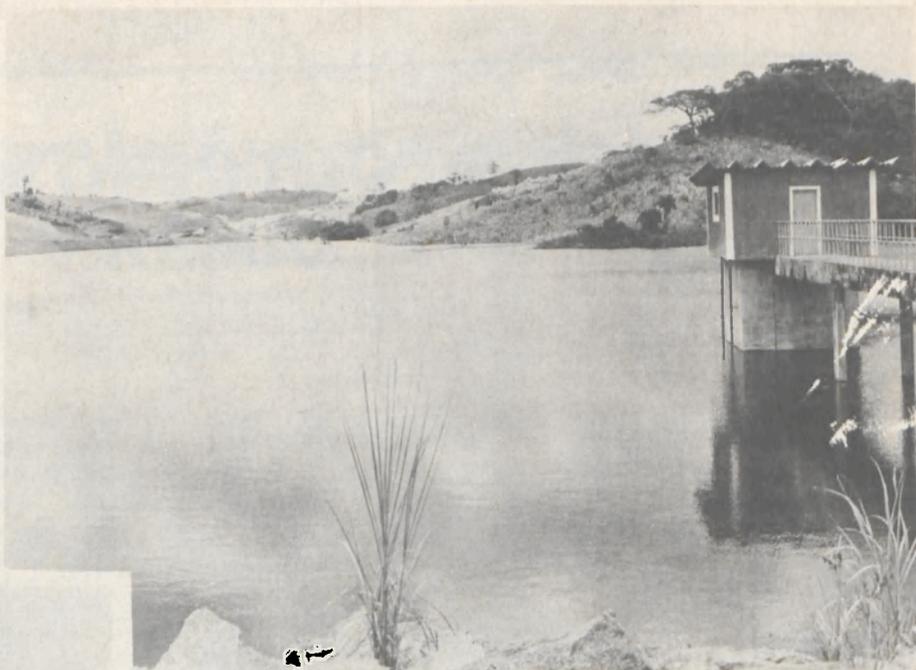
Luiz Siqueira dirige o projeto

direitos e algumas questões de posse da terra levados à Justiça.

De acordo com o Plano Diretor e em função dos empreendimentos e obras definidas para o Complexo de Suape, foram elaborados os planos urbanísticos de três zonas industriais e concluídos os projetos de engenharia final do sistema viário das referidas zonas.

No setor habitacional, encontra-se em fase de conclusão o plano urbanístico e de edificações da zona residencial, classificada como ZR-3D que, no conjunto terá sete mil unidades, possibilitando abrigar uma população de 35 a 40 mil pessoas.

Afora a ZR-3D, foi concebida a implantação de mais um outro núcleo



• A barragem de Bitá é uma das que vai servir como manancial para o sistema de abastecimento d'água do complexo, como parte de uma infra-estrutura que os técnicos dizem ser bem planejada

• A atracação de uma corveta da Marinha no cais marcou uma etapa decisiva nessa fase de aceleração do projeto de Suape que, para muitos, ainda parece um projeto ciclópico e grande demais

• A dragagem da área do porto foi outro trabalho importante e também objeto das campanhas dos ecologistas, pois afetou diretamente a bacia da praia de Suape, uma das mais belas do litoral-sul

residencial e a ampliação dos existentes na área do Complexo, os quais serão objetos de desenvolvimento futuro.

O Complexo Industrial Portuário de Suape tem sua base industrial estruturada em pólos integrados, vertical e especialmente, de maneira que as unidades fabris operem na faixa de economia de escala, adquirindo assim condições de competitividade tanto no mercado internacional como no interno.

PRIORIDADE — O Plano Diretor elegeu como prioritário para implantar-se na área do Complexo de Suape, os pólos fertilizantes, alcoolsucroquímico, alumínio metálico e siderúrgico/metalúrgico.

Considerou-se igualmente, segundo Luís Siqueira, muito importante a transferência do parque de tancagem e derivados de petróleo e álcool instalado no Recife, no bairro do Brum, para Suape.

A infra-estrutura de Suape já conta com 27 quilômetros de estradas, dos 46 programados para o sistema rodoviário, cujo plano básico de estradas se interligará com a BR-101 e a PE-60 já existente na área.

O sistema ferroviário do Complexo está interligado à rede básica da Refesa através da Estrada de Ferro 101. Já foi implantada a primeira parte da linha-tronco, com extensão de 12,8 quilômetros.

O sistema de abastecimento d'água compõe-se de duas barragens — Bitá e Utinga — com capacidade de acumulação de aproximada-



Edson deixou sucessores

REYKO MIURA, de Fortaleza

A estação rodoferroviária já pronta

mente 13 milhões de metros cúbicos.

O sistema de energia elétrica terá uma estação rebaixadora de 13,8 Kv, com potência instalada de 10MVA. Já foi concluído o projeto de distribuição de energia elétrica da zona industrial.

ESTAÇÃO — O Complexo de Suape já conta com uma estação transportável, do tipo container, para o sistema de comunicações, com capacidade para mil terminais, sendo que, destes, 200 estão disponíveis e já estão sendo negociados pela Telpe.

O sistema portuário de Suape compõe-se, basicamente, de um porto externo aos arrecifes, um porto interno e dois canais de navegação. Por dar abrigo à entrada de navios, está sendo construído um molhe, com extensão de 2.950 metros lineares, constituindo-se num enrocamento que absorverá 2,5 milhões de metros cúbicos de pedras, com largura de 16 metros.

Perpendicular a este molhe desen-

volem-se as obras de construção do primeiro pier de atracação para navios graneleiros de até 35 mil toneladas de porte bruto.

Nesta primeira fase, está prevista a construção do primeiro cais de utilização múltipla, com extensão de 400 metros e projetado para abrigar, simultaneamente, dois navios de até 80 mil toneladas de porte bruto. Também as obras de dragagem já se desenvolvem na área da bacia de evolução e no canal navegável.

Com uma base industrial definida, o Complexo Industrial Portuário de Suape já conta com as indústrias Alune, Fertinac, Agropisa, Persico Pizzamiglio, Granel Química, Parque de Tancagem da Petrobrás, Amorim Primo, Nitrofertil, Concreto Redimix, Diamar, Votorantin, Sade Sul, A. Araújo, Siderúrgica Nordeste, entre outras que estão já definidas com capacidade para milhares de empregos diretos e indiretos. □

Considerado um dos mais bem sucedidos empresários da Região Norte/Nordeste, o cearense Edson Queiroz, desaparecido tragicamente no acidente aéreo ocorrido no último dia 9 de junho, deixa um império a ser mantido por seus seguidores, que já o acompanharam há mais de 20 anos. Englobando uma rede de comunicação, a Editora Verdes Mares de Comunicação, Edson Queiroz mantinha em Fortaleza, a Televisão Verdes Mares (concessionária da Rede Globo), a Rádio Verdes Mares AM/FM e um jornal recém-lançado — o Diário do Nordeste.

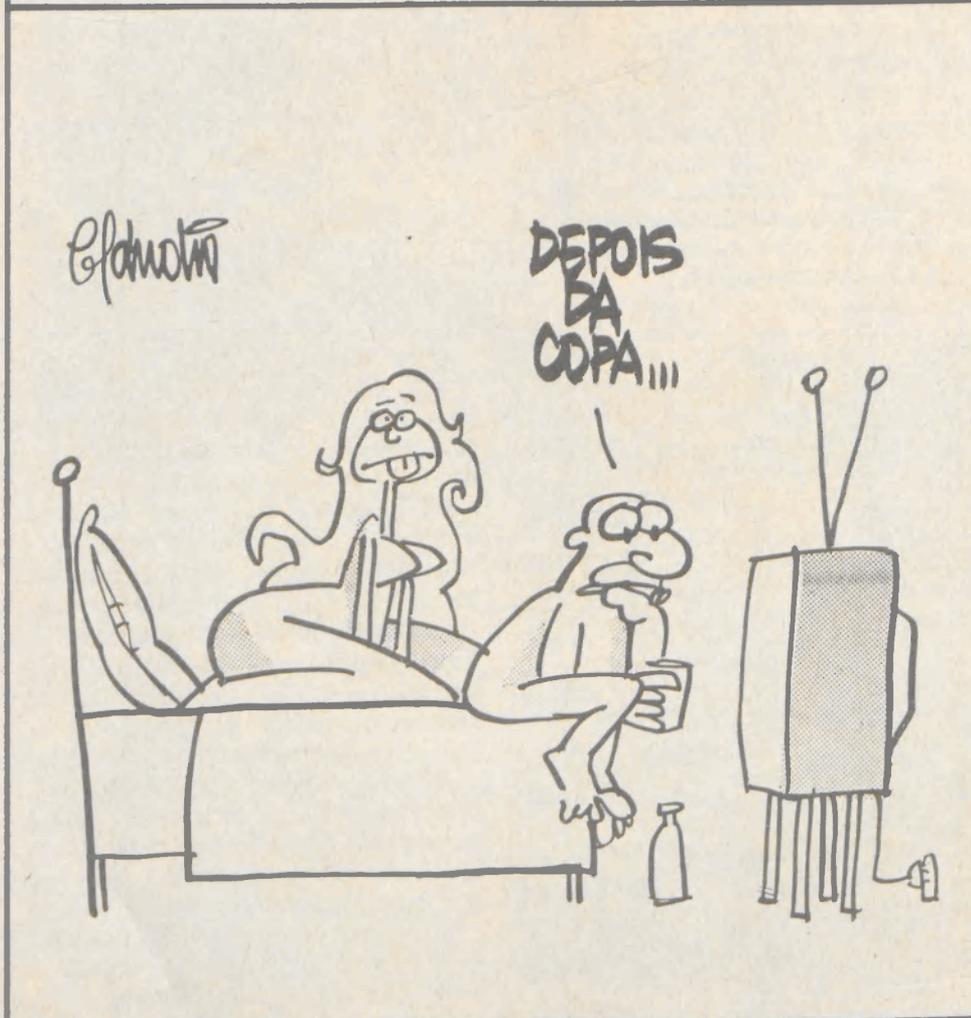
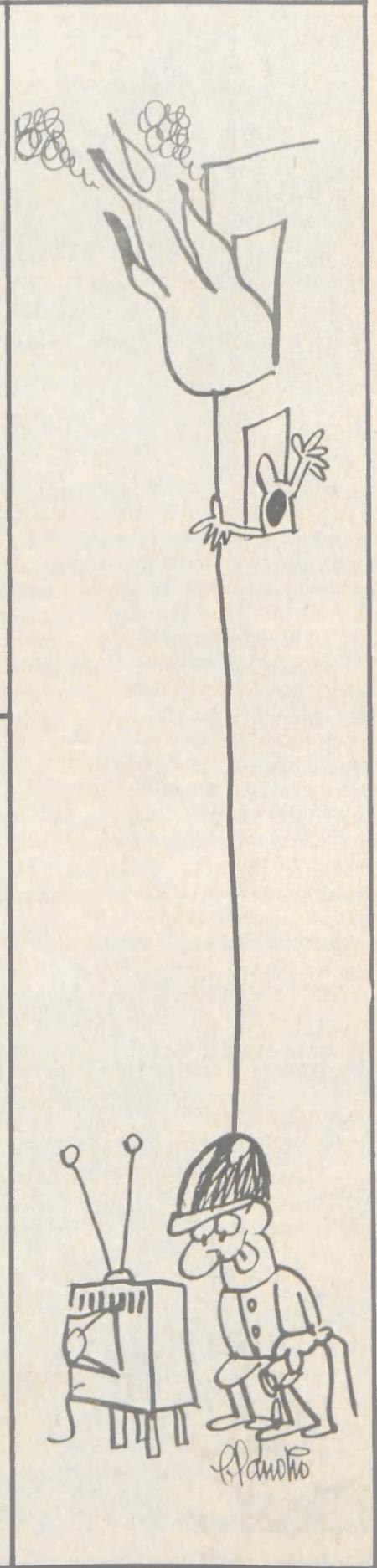
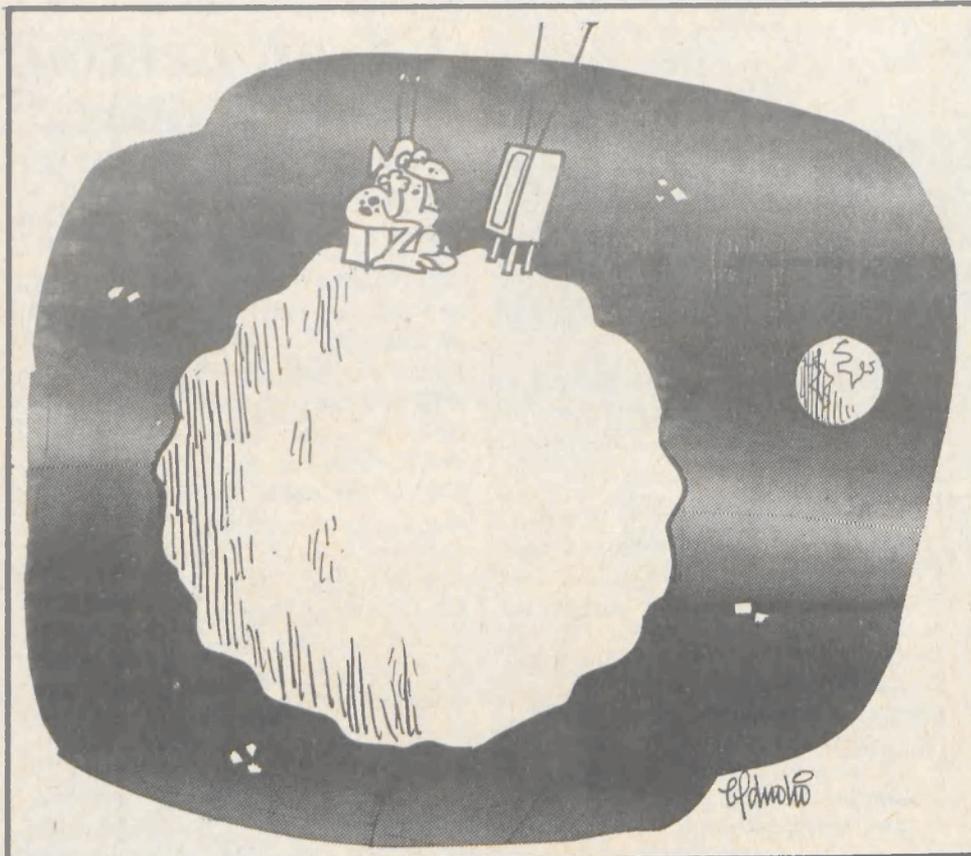
Mas o sucesso empresarial de Edson Queiroz deveu-se, principalmente, pelo monopólio de distribuição de gás pelo Brasil. Por 12 Estados, a distribuição de gás fica a cargo da Butano, com seu posto de abastecimento e distribuição em Fortaleza, onde caminhões de todos os Estados podem ser vistos aguardando a vez para o carregamento. Além do gás, inúmeras empresas podem ser somadas à lista do empresário, desde aquelas do ramo agropecuário até as de mineração.

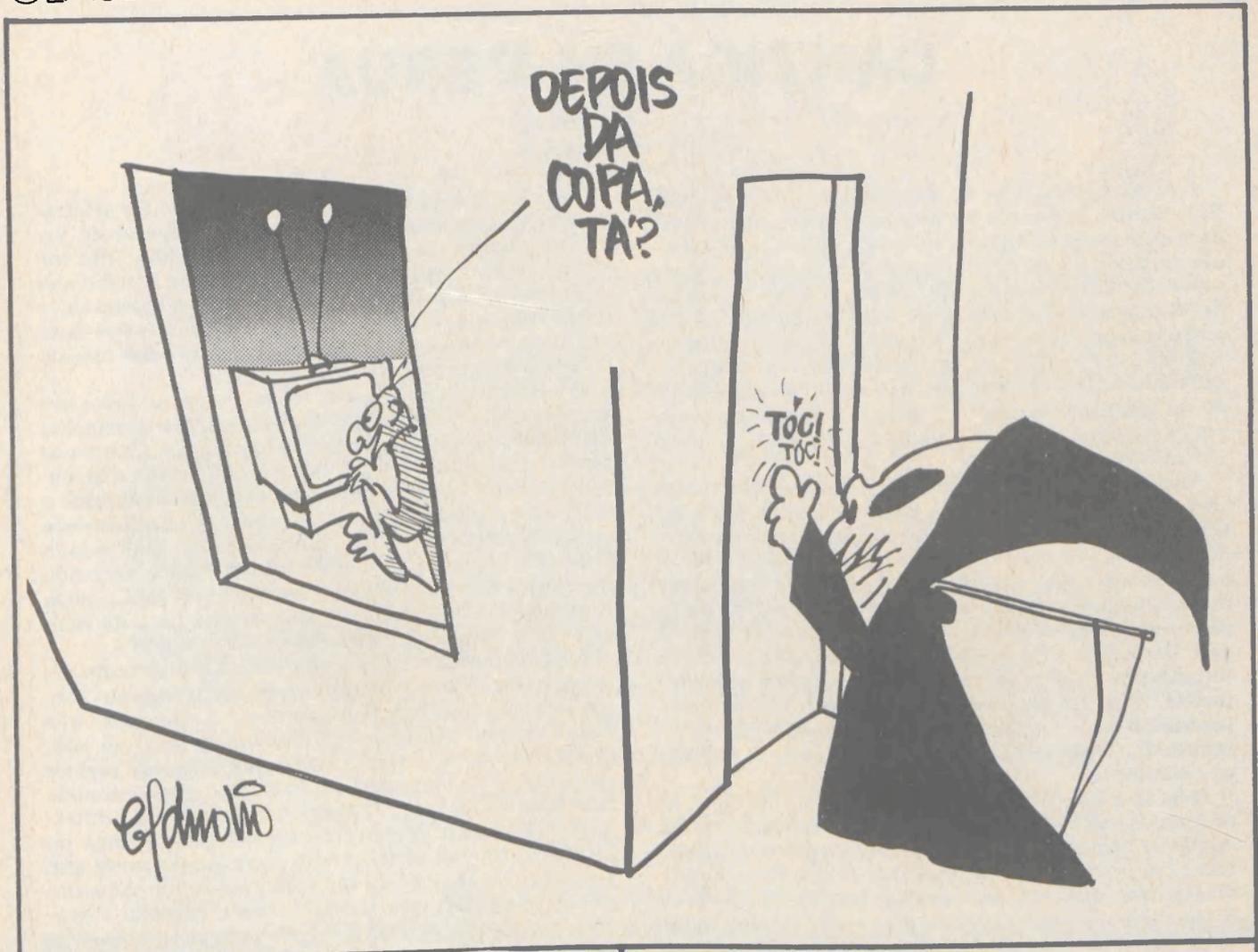
No campo educacional, Edson Queiroz também chegou e foi fundador da Universidade de Fortaleza — Unifor, que é responsável pela formação de milhares de profissionais a cada ano. O empresário, tanto do Nordeste como do Norte, sentiu a morte do empresário, que tinha trânsito livre por quase todos os Estados brasileiros e bom relacionamento com grande parte dos empresários. Em Mossoró, a visita de Edson Queiroz era esperada para os próximos dias e empresários de diversos setores aguardavam com ansiedade.

O desaparecimento de Edson Queiroz, ao contrário do receio que se espalhou pelo Nordeste acerca da continuidade e manutenção do seu império, não vai interferir nos negócios iniciados pelo empresário. A estrutura já montada por ele, possibilita a seus assessores a continuidade de sua obra. □



Produção de mudas para o bairro Florestal





CANTIGA DA PERUA

ROSEMILTON SILVA

Não há perspectiva de melhora em nosso futebol. Pelo menos, por enquanto não se vê. Isto é: ou se mudam as mentalidades ou a vaca vai pro brejo. O exemplo da abertura do Campeonato Pernambucano devia servir de lição para nossos cartolas. Uma renda de Sport e Sete de Setembro, no interior, foi de Cr\$ 1,9 milhão; em Caruaru, Central e Atlético rendeu Cr\$ 900 mil e vai por aí. Nossas decisões não têm chegado à casa de Cr\$ 1 milhão. E por quê? Tenho cansado de bater nessa tecla e a mim me parece que ninguém me entende ou dá ouvido ao mercador. Por isso continuamos no caos.

Mas as falhas também não são só dos dirigentes dos clubes. Os da Federação também cometem seus erros. O exemplo maior continua sendo o Departamento de Árbitros que vem errando constantemente nas escalas para os juizes dirigirem clássicos e partidas importantes. Basta citar a escalação de Willo Marques para o jogo que decidia o segundo turno entre América e Baraúnas. Deu no que deu, foi bagunça geral e o torcedor foi o único prejudicado. Isso motiva o afastamento. Quantas pessoas assistiram as decisões dos turnos da Taça Cidade do Natal? Um número muito resumido, se formos levar em consideração a população natalense.

Ora, se a Taça Cidade do Natal tem tido “comportamentos estranhos”, como foi o caso do presidente do América, Henrique Gaspar, ameaçar o árbitro da partida, em jogo que sua equipe estava vencendo e precisava apenas do empate para se classificar, em recado enviado através do próprio diretor do Departamento de Árbitros e não foi sequer levado ao conhecimento do Tribunal, assim como Willo Marques também não foi advertido pelo que disse a Noé Soares no primeiro tempo da partida decisiva do segundo turno. Imaginemos pois como será o Campeonato Estadual. Vai ter bagunça e muita com pouco e raro futebol no Castelão.

Quando recebi a tabela do terceiro turno da Taça Cidade do Natal já vinha determinado que o primeiro jogo da decisão seria numa quarta-feira à noite no interior. Pois bem. A partir daí podia se presumir que o Potyguar de Currais Novos não seria campeão porque no Estádio Coronel José Bezerra não existe iluminação. Os que bolaram a tabela podem até estar me chamando de burro, dizendo: “Se o Potyguar vencer o jogo será aqui no Castelão”. E eu pergunto: “Por que se coloca a primeira partida no interior sem se conhecer o campeão da chave do interior? E se o campeão do interior fizer mais pontos do que o da capital, pelo regulamento (certamente já deve ter sido modificado mais uma vez) não tem direito ao mando de campo”? São perguntas que não obtive respostas.

Eu venho dizendo sempre que o nosso futebol tem que mudar a mentalidade. Há que se saber que o futebol, o time ou clube, é uma empresa e como tal deve ser dirigido para se ter resultado positivo. Essa mentalidade deve ser “enfriada” na “cachola” dos nossos cartolas.

Waldir Monterrey, meu velho “doctor”, como cos-

tumo chamá-lo, é o “expert” em assunto de arbitragens. Sempre conversamos muito a respeito do assunto quando nos encontramos no estádio. Ele me dizia certa vez que tudo de ruim começou a acontecer exatamente depois que o capitão Amaral assumiu o Departamento. E é uma grande verdade. Vários fatores negativos aconteceram neste período. Até mesmo a desagradável nota da Anaf.

No entanto, o mais estarrecedor, como se fosse um arrumadinho, foi a declaração do cartola Garrincha, do Riachuelo, quando da partida em que o time naval perdeu para o Alecrim por um a zero, abrindo o invitado terceiro turno na busca de também beneficiar o ABC que estava de fora da decisão final, afirmando que Nildemes Antunes, árbitro daquele mal fadado jogo que beneficiou ao clube esmeraldino, deixando de marcar duas penalidades em favor do RAC, havia comentado, dito dentro do gramado na hora do rebu que quem “tinha de ganhar era o time grande”.

Não ouvi, nem vi tudo muito bem. Chovia muito naquela noite. Aliás, essa chuva veio até provar em contrário aquilo que Telê Santana disse ao comentar que nosso estádio não era bom. Bom pode ser que não, mas é sem sombra de dúvidas o que existe de melhor em matéria de drenagem no País. Isso ninguém pode contestar. Pois bem, voltemos ao assunto de arbitragem, nada pode justificar a ação de um árbitro de futebol dizer tamanha afronta — é uma afronta sim senhor — a um cartola de time grande ou pequeno, porque o público que está ali merece respeito e porque também os pequenos, dentro de seus limites financeiros, gastam proporcionalmente os que os grandes investem.

Anda tudo errado. E como dizia no início se nessa Taça Cidade do Natal a coisa vai tão mal assim, imaginem quando estivermos em pleno Campeonato, como será? Vai pintar mil e um rebus e aí eu quero ver quem é que segura essa. E quem vai salvar o nosso futebol da falência? Me parece que ninguém está disposto a isso. Ninguém parou para analisar os erros cometidos, porque ainda temos uma dúzia de torcedores que continua indo ao estádio por uma questão de gostar de qualquer maneira, mas essa meia dúzia vai aos poucos diminuindo e vamos chegar a um ponto em que não teremos mais torcedores porque existem muitos erros. O fato de contratar esse ou aquele jogador não significa que o torcedor vá ao estádio. É preciso que muita coisa seja modificada para que possamos ter um melhor público.

Os erros cometidos continuam sendo vistos a olho nu. Todos sabem e tentam tapar o sol com uma peneira procurando driblar, com a ajuda de alguns colegas, a opinião pública, menosprezando a inteligência do torcedor. Mas a resposta vem de outra forma. Se diz que “investimos muito e não temos retorno”. Claro, enquanto não pararmos para uma análise profunda dos erros cometidos, não vamos jamais ter um grande público no Castelão. É preciso que muita coisa seja modificada, sobretudo a mentalidade de todos os nossos dirigentes.

seridó

82

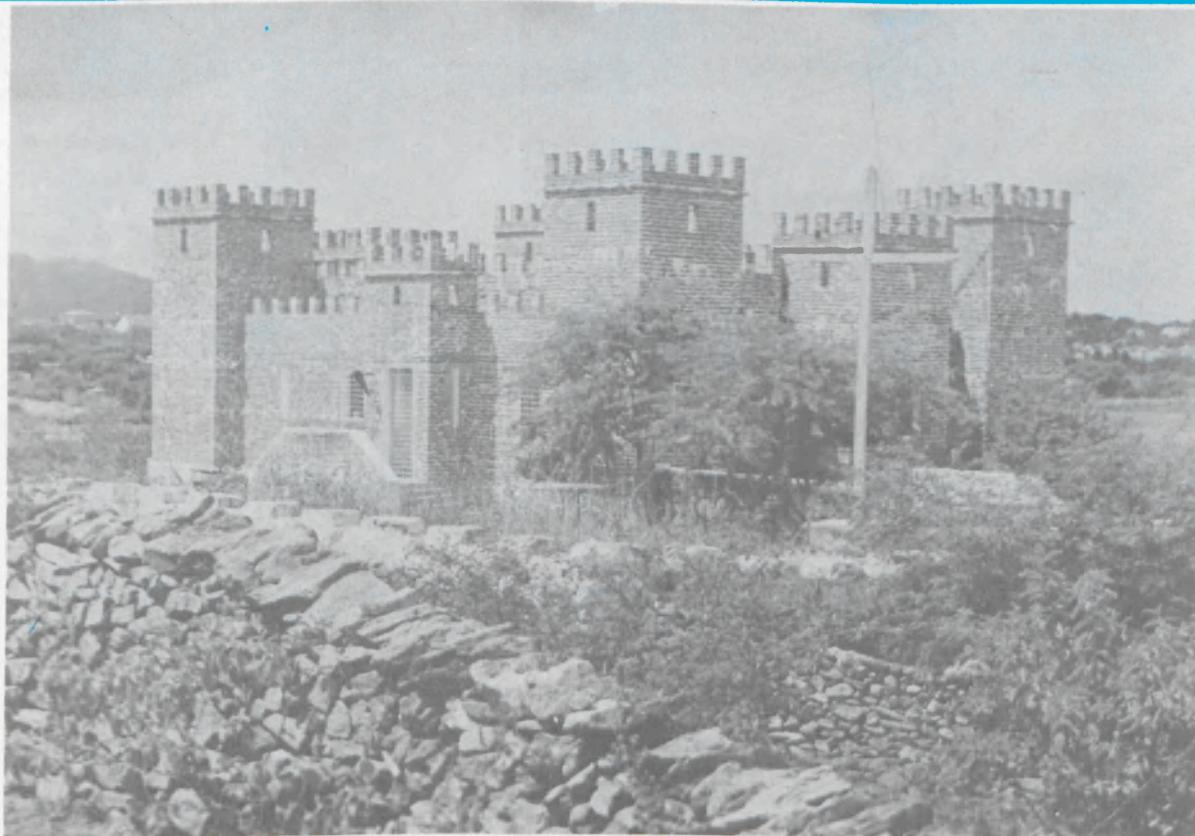
RN/ECONÔMICO vai circular em julho, mês da Festa de Santana, com uma grande edição sobre o Seridó. Mais um documentário do jeito que o seridoense gosta — reportagens, entrevistas, depoimentos e artigos com sua gente, sobre seus costumes, suas riquezas e potencialidades. E desta vez com uma particularidade: *É tempo*

de conferir. 82 é um ano político. Tem eleições e o seridoense vai eleger os seus dirigentes: prefeitos, vereadores, deputados, um senador e o governador. Vai portanto conferir o trabalho de quem está construindo o futuro dessa região. No mês de junho os nossos repórteres, fotógrafos e pesquisadores estarão em contato com os líderes do Seridó, reunindo todo o material para mais uma edição histórica que será lançada durante a sua

festa de maior tradição. Reserve com os nossos contatos seu espaço de promoção e publicidade na Edição do Seridó. Marque sua presença de fé e confiança nos destinos da sua região.

O lançamento de RN/ECONÔMICO, Edição do Seridó, constará do calendário das festas de Currais Novos e Caicó.

RN/ECONÔMICO
Rua São Tomé, 421 Tel.: 222-4722



82 um ano político



Junto à nossa mensagem de sucesso, de vitória aos que vão se candidatar nas próximas eleições de novembro, RN/ECONÔMICO vem oferecer à sua candidatura o melhor padrão de qualidade em cartazes, folders, panfletos, anúncios para jornais, jingles e outros serviços de criação e arte que colocamos à sua disposição. Já é tempo de programar sua campanha eleitoral. Quem sai na frente quase sempre chega na frente. RN/ECONÔMICO está agora no seu novo endereço, à rua São Tomé, 421 - Centro da Cidade - perto do SESC e do SENAC, numa rua de fácil acesso e estacionamento garantido, telefone 222-4722, onde atendemos com presteza e pontualidade.

RN/ECONÔMICO
Gráfica (Off-set e Tipografia)